

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA

MANOEL RODRIGUES DE SOUSA NETO

**IGREJA EM “SAÍDA” E CATEQUESE: POR UMA CATEQUESE
QUERIGMÁTICA E MISSIONÁRIA**

Goiânia
2021

MANOEL RODRIGUES DE SOUSA NETO

**IGREJA EM “SAÍDA” E CATEQUESE: POR UMA CATEQUESE
QUERIGMÁTICA E MISSIONÁRIA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Ms. Pe. José Luiz da Silva.

Goiânia
2021

*Ao Papa Francisco,
Aos meus pais, Anísio Vieira e
Maria da Cruz Sousa Vieira
Ao meu irmão, Flávio (in memoriam)
E à toda a família Sousa Vieira.
À minha tia, Elizete (in memoriam)
À minha amiga, Maria Alice Portela (in memoriam)
E à senhora Rita Rezende, minha primeira catequista (in memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder, desde a eternidade, o dom da vida e da vocação ao ministério ordenado. Antes que eu O amasse, Ele me amou; antes que eu acreditasse n'Ele, Ele acreditou em mim; e antes que eu O escolhesse, Ele me escolheu.

À minha família, de uma forma especial meus pais, Anísio e Maria da Cruz, por dizerem sim ao nono filho de sua união conjugal; e ao meu irmão Flávio, que intercede por mim, no céu.

Ao arcebispo de Goiânia, Dom Washington Cruz, CP e ao auxiliar desta Arquidiocese, Dom Levi Bonatto, por confiarem na minha vocação. E aos padres formadores do Seminário São João Maria Vianney, especialmente aos meus diretores espirituais (Padre David Pereira de Jesus, Padre José Luiz da Silva e Padre Nixon de Araújo Félix) e aos meus reitores (Dom Júlio César Gomes Moreira e Dom Dilmo Franco de Campos), por me ensinarem que a formação de um homem – para a santidade e para o sacerdócio – vai além da dimensão acadêmica.

Aos meus professores, desde a alfabetização até o presente momento, visto que cada um tem uma participação significativa na minha formação intelectual. E destaco aqui o meu orientador, professor Mestre Padre José Luiz da Silva e os leitores professor Mestre Padre Sílvio Rogério Zurawski e professora Doutora Irmã Raquel Mendes Borges, pela disponibilidade para avaliar esse trabalho acadêmico.

Aos irmãos de seminário, de uma forma especial, aos que pertencem à minha turma atual e à minha antiga turma, por esses nove anos de convivência. Aos meus amigos do período pré-seminarístico, nos quais eu encontrei uma família e que foram um suporte para mim nos momentos difíceis que eu passei antes de ingressar no seminário. E aos paroquianos e sacerdotes das paróquias São Francisco de Assis (Arame-MA), onde fui catequizado; Basílica Sagrada Família, onde fui catequista; Nossa Senhora Aparecida (ambas, em Goiânia) e Imaculado Coração de Maria (Goianira). Nestas duas últimas, no ano de 2019, acompanhei a catequese e amadureci a ideia, para elaborar esse trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta a aplicação do conceito de “Igreja ‘em saída’” à catequese, nas perspectivas querigmática e missionária. Diante disso, considera-se que o “Ide” de Jesus (Mt 28,19) é o fundamento da Igreja “em saída” e do querigma e que o uso desses dois aspectos na ação catequética motiva a catequese a assumir as dimensões querigmática e missionária. Para realizar essa aplicação, indica-se um modelo de pastoral e de missão que aponta para a promoção de retiros querigmáticos, de uma evangelização missionária, de uma setorização geográfica e para a vivência cristã em pequenas comunidades. Ao se aplicar esse modelo à catequese, fomenta-se uma evangelização, que se realiza por meio da experiência querigmática com Cristo, da formação catequética permanente e de uma missão direcionada às periferias, onde os sacerdotes e catequistas escutarão e acompanharão os dilemas humanos de pais e de catequizandos. No entanto, para o bom êxito dessa missão, os envolvidos são chamados a cultivarem a confiança na graça de Deus, o testemunho e a vida de oração.

Palavras-chave: Igreja; Saída; Catequese; Querigma; Missão.

ABSTRACT

This work presents the application of the concept of “Church 'which goes forth’” to catechesis, from the kerygmic and missionary perspectives. Therefore, it is considered that the “Go” of Jesus (Mt 28,19) is the foundation of the Church “which goes forth” and of the kerygma and that the use of these two aspects in the catechetical action motivates the catechesis to assume the dimensions kerygmic and missionary. In order to carry out this application, a model of pastoral care and mission is indicated, which aims to promote kerygmic retreats, missionary evangelization, geographical sectorization and Christian living in small communities. By applying this model to catechesis, evangelization is fostered, which takes place through the kerygmic experience with Christ, ongoing catechetical formation and a mission directed to the peripheries, where priests and catechists will listen and accompany the human dilemmas of parents and of catechizing students. However, for the success of this mission, those involved are called to cultivate confidence in God's grace, witness and a life of prayer.

Keywords: Church; exit; Catechesis; Kerygma; Mission.

SIGLAS

AL – *Amoris Laetitia*

AG – *Ad Gentes*

CACC – *Adult Catechesis in the Christian Community* (Catequese de Adultos na Comunidade Cristã)

CEC – Catecismo da Igreja Católica

CELAM – Conselho do Episcopado Latino-Americano

CNBB, DGAE-2015-2019 – Diretrizes Gerais para Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2015-2019

CNBB, DGAE-2019-2023 – Diretrizes Gerais para Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023

CNBB, CF-2020 – Campanha da Fraternidade 2020: texto-base

CNBB, DOC 100 – Comunidades de comunidades: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia.

CNBB, SD 4 – Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental

CR – Catequese Renovada

CT – *Catechesi Tradendae*

DAP – Documento de Aparecida

DCE – *Deus Caritas Est*

DGC – Diretório Geral de Catequese

DPC – Diretório Para a Catequese

DM – *Dives in Misericórdia*

EAs – *Ecclesia in Asia*

EG – *Evangelii Gaudium*

EN – *Evangelii Nuntiandi*

EV – *Evangelium Vitae*

FC – *Familiaris Consortio*

FR – *Fides et Ratio*

GS – *Gaudium et Spes*

LF – *Lumen Fidei*

LS – *Laudato Si*

LG – *Lumen Gentium*

NMI – *Novo Millennio Ineunte*

RM – *Redemptoris Missio*

SCa – *Sacramentum Caritatis*

SD – Documento de Santo Domingo

SDol – *Salvifici Doloris*

VD – *Verbum Domini*

VS – *Veratis Splendor*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 IGREJA “EM SAÍDA”	12
1.1 Fundamentos, características e origem da Igreja “em saída”	13
1.2 A Igreja “em saída” na revelação veterotestamentária	16
1.3 A Igreja “em saída” na revelação cristológica	20
1.4 Revelação pneumatológica e alguns expoentes da Igreja “em saída”	23
2 IGREJA “EM SAÍDA”: POR UMA CATEQUESE QUERIGMÁTICA	31
2.1 Fundamento e reflexão sobre o querigma	32
2.2 Abordagem sobre de catequese querigmática	36
2.3 Destinatários da catequese querigmática	40
2.4 Pedagogia da catequese querigmática	43
3 IGREJA EM “SAÍDA”: POR UMA CATEQUESE MISSIONÁRIA.....	48
3.1 Cultura neopagã, cultura urbana e as realidades encontradas pela catequese missionária	49
3.2 Aspectos da catequese missionária	53
3.3 Reflexão sobre a catequese existencial	57
3.4 Pedagogia da catequese missionária	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

INTRODUÇÃO

No ano de 2013, ao escrever a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco cunhou o termo “Igreja ‘em saída’” (EG, n. 24)¹. A partir deste termo, o pontífice desafiou o exercício missionário e pastoral das comunidades, pois pede uma “nova saída” (EG, n. 20) e “uma conversão pastoral e missionária” (DAP, n. 371)², a fim de ter a “iniciativa” (EG, n. 24) de se dirigir às “periferias existenciais e geográficas” (EG, n. 30) e anunciar a alegria do Evangelho. Somado a esse termo, reflete-se sobre a catequese, em âmbito querigmático, que se desenvolve a partir do querigma, que está voltado para a vivência do amor, da conversão e da adesão a Cristo. Esse querigma é o alicerce para o exercício da catequese, que também é chamada a uma conversão e uma “saída missionária”, para se tornar uma catequese missionária.

A partir disso, pretende-se escrever a presente monografia com o título de “Igreja em ‘saída’ e catequese: por uma catequese querigmática e missionária”, com o objetivo de aplicar o conceito de “Igreja ‘em saída’” na prática das perspectivas querigmática e missionária da catequese. Em primeiro lugar, procura-se construir uma reflexão acerca do termo “Igreja ‘em saída’”, com o intuito de mostrar o conceito e a origem dessa saída, no amor primeirante de Deus, e com a intenção de demonstrar como este “Ide” se manifesta na história da salvação. Em segundo lugar, na proposição da catequese querigmática, visa-se apresentar o querigma como possibilidade de se experimentar esse amor, de se iniciar um caminho de conversão, de se aderir a Cristo e, ainda destinar essa experiência, para que, pedagogicamente, o outro adira a Jesus e torne discípulo-missionário (DAP, n. 362) dele, no contexto da catequese. E, em terceiro lugar, objetiva-se aplicar o fundamento do querigma e a proposta da Igreja “saída” à catequese missionária, para torná-la uma atividade eclesial que, pedagogicamente, dirija-se às periferias existenciais e geográficas, nas quais estão envolvidos os catequizandos e seus familiares.

Sendo assim, nesse trabalho, procura-se responder às seguintes questões: qual reflexão se faz acerca do conceito, da origem e da manifestação da Igreja “em saída”? Quais são os fundamentos e os elementos do querigma e como ele colabora no desenvolvimento, na destinação e na promoção pedagógica da catequese querigmática? A partir disso, diante de

¹ FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013. Doravante, mencionada apenas pela sigla EG, mais número.

² CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, **Documento de Aparecida**, 2011. Doravante, mencionado apenas pela sigla DAP, mais número. Para conhecer maiores detalhes sobre a “conversão pastoral e missionária das comunidades”, o leitor pode consultar DAP, n. 365-372.

uma realidade atual de cultura neopagã e de cultura urbana, como aplicar a “Igreja em saída” e o querigma, no desenvolvimento, na destinação e na promoção pedagógica da catequese missionária? As respostas a essas questões se desenvolvem em três capítulos, nos quais se destacam os elementos que compõem as concepções de Igreja “em saída”, de catequese querigmática e de catequese missionária.

No primeiro capítulo, busca-se refletir sobre o “Ide” de Cristo aos apóstolos, acerca dos apontamentos do Papa Francisco, para se conceituar e se fomentar a Igreja “em saída” e a respeito da iniciativa amorosa e primeirante de Deus. Pretende-se falar ainda da manifestação da Igreja nas revelações veterotestamentária e cristológica, na qual Cristo é o ápice dessa revelação e procura-se discorrer também sobre a ação do Espírito Santo, que santifica e impulsiona a Igreja à missão, em todas as épocas da história cristã.

No segundo capítulo, abordando sobre a catequese querigmática, pretende-se discorrer sobre o conceito de querigma, acerca dos fundamentos bíblicos e teológicos, que mostram Cristo como conteúdo do querigma apostólico, bem como a respeito do abandono e do retorno necessário do querigma, direcionando-o a batizados e não-batizados. Ao se conceituar a catequese querigmática, mostra-se a necessidade da experiência querigmática, como componente gerador da fé na pessoa, que se faz presente em todas as etapas da catequese e que é essencial, para que a catequese cumpra a sua natureza e sua finalidade. Apresenta-se, também, as implicações do querigma nos destinatários da catequese querigmática e se propõe uma pedagogia que favoreça a experiência querigmática e, que, conseqüentemente, está voltada para o discipulado e à missão a serem empreendidos por esses destinatários na própria catequese.

No terceiro capítulo, apontando para a necessidade de uma catequese missionária, analisar-se-á a realidade atual que está permeada por uma cultura neopagã e por uma cultura urbana, nas quais se desvelam as “periferias existenciais e geográficas” (EG, n. 30). Na conceituação deste modelo, busca-se afirmar que se trata de uma atividade eclesial inclusa na ação missionária natural e essencial da Igreja, que se prontifica para reconhecer as sementes do Evangelho e para empreender uma saída missionária em direção às periferias. Nessas periferias, o catequista pode conhecer, acompanhar e sofrer junto com os catequizandos e familiares. Para isso, pretende-se propor uma pedagogia que se baseia na formação, na cultura do encontro e nas artes da escuta e do acompanhamento.

Para se propor esses objetivos e reflexões, nos dois primeiros capítulos, utilizou-se do Método do Discernimento Teológico, que consiste em três passos: *auditus fidei* (escuta da

fé), *intellectus fidei* (reflexão baseada na fé) e *applicatio fidei* (aplicação da fé)³ na investigação teológica acerca dos temas “Igreja em saída”, “catequese querigmática” e “catequese missionária”. A partir disso, realiza-se a pesquisa bibliográfica na Sagrada Escritura, nos documentos da Igreja, em reflexões de teólogos e de pensadores da filosofia e da história da Igreja. No terceiro capítulo, utilizou-se o método *ver, julgar e agir*⁴, a fim de se analisar a realidade apresentada e oferecer soluções pautadas na Palavra de Deus e nas reflexões teológicas e pedagógicas.

³ BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999, p. 197.

⁴ BOFF, 1999, p. 282-288.

1 IGREJA “EM SAÍDA”

Neste capítulo, pretende-se abordar sobre a concepção de Igreja “em saída” (EG, n. 24, 36, 46), a partir da exortação que Cristo fez aos seus Apóstolos, para irem e constituir discípulos dele, em todas as nações dispersas. Além disso, abordam-se os apontamentos do Papa Francisco, para se promover uma Igreja em “saída missionária” (EG, n. 20) e “uma conversão pastoral e missionária” (DAp, n. 371). Ademais, visa-se falar acerca do “primeirar”⁵ de Deus, ou seja, da manifestação do amor salvífico do Senhor, que gera a comunidade e a conduz a se direcionar às periferias existenciais e geográficas (EG, n. 30).

Na sequência, deseja-se focar a “antecipação” da Igreja “em saída” na revelação veterotestamentária. No contexto da economia salvífica, destaca-se que Deus escolheu e convocou Abraão, em quem Deus elegeu e constituiu uma Aliança com o povo de Israel, incluindo, da mesma maneira, os pagãos. Outrossim, aborda-se a atitude de Deus, que foi ao encontro de sua porção escolhida, enviando-lhe os seus profetas, que, diante das infidelidades do povo, apresentaram a promessa do Messias, o Salvador de Israel.

Sobre a Revelação cristológica, objetiva-se falar sobre a promessa que se cumpre com a encarnação do Filho de Deus, que assume a condição humana – menos o pecado –, a fim de restaurá-la (cf. Hb 4,15; Tt 2,14). Por isso, fala-se da atitude do Filho, que saiu ao encontro de pecadores e pagãos, aos quais convidou à conversão, anunciou-lhes um Reino e lhes ofereceu a salvação eterna. E ainda, acerca dos eventos do Mistério Pascal, frisa-se a entrega de Cristo, a sua Ressurreição e a sua Ascensão, a partir das quais, respectivamente, Ele reconciliou a humanidade com Deus, recriou e reabriu as portas do Céu para este homem.

Por fim, pretende-se falar sobre ação do Espírito Santo sobre Igreja, na qual, a partir da santificação e do enriquecimento de carismas, o Paráclito provocou um processo de dilatação particular. Em seguida, busca-se apresentar a continuidade da missão de Cristo, na vida da Igreja, citando alguns expoentes da história do cristianismo. Neste caminho histórico, discorre-se sobre as atitudes missionárias de São Pedro, a quem foi confiado ir “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10,6) e de São Paulo Apóstolo, que evangelizou os pagãos de sua época. Além deles, citam-se as missões realizadas por São Justino Mártir, Santo Irineu de Lyon, São Francisco Xavier e São José de Anchieta. Com relação à Igreja “em saída” nos dias

⁵ Neologismo criado pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, n. 24, com a intenção de indicar uma atitude primária da “comunidade de discípulos missionários”, que experimentou, primeiro, o amor salvífico de Deus e, agora, sabe ir à frente, ao encontro dos afastados e excluídos e lhes anunciar o Evangelho.

atuais, apresentam-se os exemplos de Santa Teresa de Calcutá e de Santa Dulce dos Pobres, que dedicaram suas vidas em favor dos pobres e marginalizados.

1.1 Fundamentos, características e origem da Igreja “em saída”

De acordo com o Evangelho de São Mateus, o próprio Jesus pediu uma Igreja “em saída”, quando disse aos seus discípulos: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado” (28,19-20)⁶. No seu “Ide”, Cristo exortou os seus discípulos a anunciarem o Evangelho aos povos de “além-mar” (cf. Is 9,1), para que estes se tornassem discípulos dele, por meio do batismo e do cumprimento de tudo o que ele mandou (cf. Mt 28,20). Ao serem batizados, os discípulos são chamados a se tornarem, da mesma maneira, missionários (cf. DAp, n. 362; EG, n. 120), para espalharem a fé em todos os lugares da Terra (cf. EG, n. 19).

Nas palavras do Papa Francisco⁷, a missão da Igreja se fundamenta neste “Ide” do Ressuscitado. Por isso, em obediência à vontade missionária do Cristo, o Santo Padre fala de uma “saída missionária” (EG, n. 20)⁸. Para esta “saída missionária” se concretizar, o Papa pede um “santo” incômodo às comunidades (cf. DAp, n. 362), diante dos “cenários e desafios”⁹ (EG, n. 20) atuais para a missão da Igreja. A partir disso, o Pontífice indica o caminho missionário a cada comunidade: sair do comodismo e ter “coragem” para encontrar as periferias que necessitam da “alegria do Evangelho” (cf. EG, n. 20).

De acordo com Francisco, nessa “saída” (EG, n. 20), o discípulo-missionário “com o cheiro das ovelhas” (cf. EG, n. 24; DAp, n. 362) desponta como o batizado que vai ao encontro das realidades periféricas, aonde o outro o espera, para receber o óleo da alegria que Cristo trouxe¹⁰. Desse modo, o Papa motiva¹¹ o discípulo-missionário a ter consciência da graça que recebeu de Cristo e, a partir disso, abraçar a missão de conhecer a realidade de sua

⁶ Todas as citações bíblicas deste trabalho seguem a obra BÍBLIA SAGRADA. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 18ª. Reed. Brasília: CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2012.

⁷ Essa abordagem acerca da Igreja “saída” segue a estrutura da EG, n. 20-25; 30; 46; 49.

⁸ REPOLE, Roberto. **O sonho de uma Igreja evangélica: a eclesiologia do Papa Francisco**. Brasília: CNBB, 2018, p. 59.

⁹ Esses cenários e desafios são citados na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: o individualismo (EG 2, 67), hedonismo (EG 2), secularização (EG, 64), religião em meio estilo de vida urbano e idolatria ao dinheiro (55-56).

¹⁰ FRANCISCO. **Homilia na Santa Missa Crismal**. 28 de março de 2013. Sobre o tema alegria, o papa Francisco faz uma abordagem na *Evangelii Gaudium*, n. 2-13.

¹¹ FRANCISCO. **Homilia na Santa Missa Crismal**. 28 de março de 2013.

ovelha¹², a fim de oferecer, a ela, uma mão samaritana (cf. Lc 10,34-35) e uma palavra de encorajamento.

A partir deste pedido – de uma “saída missionária” em direção às ovelhas –, o Santo Padre propõe à Igreja que se esforce por se utilizar de todos “os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária” (EG, n. 25; NMI, n. 29; DAp, n. 371)¹³ e que não se contente com a situação atual de evangelização. Para essa conversão acontecer, as comunidades são chamadas a abandonarem “as estruturas ultrapassadas” (DAp, n. 365), a superarem uma “pastoral de conservação” e a assumirem “uma pastoral decididamente missionária” (DAp, n. 370). Sendo assim, “todas as estruturas e todos os planos pastorais” (DAp, n. 365) devem favorecer a “saída missionária” (EG, 20) de uma Igreja-mãe, que vai ao encontro dos filhos, aproxima-se deles e os acolhe (cf. DAp, n. 370; 372).

Segundo o Papa Francisco, no presente momento, não basta uma “simples administração” (DAp, n. 201), porque a consequência desta conversão consiste em seguir um modelo de Igreja pautado num “estado de permanente missão” (DAp, n. 551), “em todas as regiões da terra” (EG, n. 25). Dessa forma, onde “predomina o administrativo sobre o pastoral” (EG, n. 63), as comunidades “são chamadas a assumir a atitude” (DAp, n. 367) missionária permanente, para sempre ir ao encontro das periferias territoriais e humanas (cf. EG n. 30; 46).

Esta Igreja que sai em direção às “periferias” (EG, n. 30; 46) se revela ainda quando se mostra acolhedora e “com as portas abertas” (EG, n. 46). Contudo, essa ação missionária não consiste em “correr pelo mundo sem direção nem sentido” (EG, n. 46). Para sair, a Igreja é convocada a elaborar um trabalho pedagógico que faça o missionário caminhar mais devagar, para contemplar e ouvir o outro, que é o destino e o foco da missão (cf. EG, n. 46). Igualmente, esta pedagogia provoca a Igreja a permanecer com o coração e as portas abertas, para buscar o pecador e o fazer reingressar na comunidade, sem barreiras (cf. EG, n. 46).

Francisco assegura também que prefere “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, n. 49). Outrossim, o Papa não quer uma “Igreja preocupada com ser o centro” (EG, n. 49), atrelada a uma “falsa proteção” (EG, n. 49) e ao

¹² VIAN, Ludinei Marcos. **O ministério presbiteral no pontificado do Papa Francisco**: uma análise das Cartas Encíclicas e Exortações Apostólicas. Caderno Teológico da PUCPR, 4, 1, Curitiba, 2019, p. 67.

¹³ JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte**. São Paulo: Paulinas, 2001.

desinteresse, e, sim, que tenha “atitude” (cf. EG, n. 24) para anunciar Cristo, como alimento para a multidão de pessoas famintas do “Pão da Vida” (cf. Jo 6,51; EG, n. 49).

Além do mais, de acordo com o Pontífice, a Igreja “em saída” tem a missão de ser uma “comunidade de discípulos missionários” (EG, n. 24) que têm a atitude de “primeirar”, ou seja, de chegar primeiro aonde o outro está, com palavras, “obras e gestos” (EG, n. 24). Ademais, Francisco afirma que a comunidade que primeiraria é aquela que experimentou a iniciativa do Senhor que a amou primeiro (cf. 1 Jo 4,10) “e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, de ir ao encontro, para procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos, para convidar os excluídos” (EG, n. 24)¹⁴.

Nesse “primeirar”, há um ponto de partida, uma fonte, uma origem: o amor Deus¹⁵. A Santíssima Trindade “é uma comunhão de amor” (AL, n. 11)¹⁶ entre as três Pessoas divinas¹⁷. E Ladaria assegura que o amor é a “unidade mais profunda”¹⁸ da essência de Deus. Nesta comunhão e nesta unidade, pautadas no amor, o Pai ama, o Filho é o amado e o Espírito Santo é o amor infinito que une a Trindade entre Si¹⁹.

Esse amor é infinito e transborda a partir do seio da Trindade²⁰. E, na esteira desse transbordamento, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26)²¹ e se revelou à humanidade²². Ao criar o homem, o Senhor teve “a atitude” (EG, n. 24)²³ de amar a humanidade por primeiro (cf. 1 Jo 4,10. 19), com um amor perfeito, concreto e incondicional. Além disso, na história da salvação, Deus saiu de si²⁴, para se revelar ao homem. Nesta revelação, o Senhor convidou a humanidade a “uma estreita comunhão de vida”²⁵, na qual Deus se doou ao homem, caminhou com este (cf. Gn 3,8) e o chamou a se tornar participante da sua vida divina (1Pd 1,4)²⁶. Para isso, o Criador soprou o espírito nas narinas de sua

¹⁴ Acerca da iniciativa da comunidade, aborda-se no III capítulo desta monografia.

¹⁵ Na sua Primeira Carta, São João afirma: “Deus é amor” (1Jo 4,8. 16).

¹⁶ FRANCISCO. **Exortação Apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia**. São Paulo: Paulinas, 2016. Doravante, mencionada apenas pela sigla AL, mais numeração.

¹⁷ LADARIA, Luís F. **O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade**. São Paulo: Loyola, 2015.

¹⁸ LADARIA, 2015, p. 367 e 371.

¹⁹ LADARIA, 2015, p. 375.

²⁰ LADARIA, 2015, p. 376.

²¹ LADARIA, 2015, p. 376.

²² “O verbo ‘revelar’ significa pôr à vista o que estava escondido, manifestar ou descobrir alguma coisa que se ignorava, afasta a cortina para ver o que está por detrás dela. A revelação refere-se principalmente a Deus: consiste na ação pela qual Deus se manifesta aos homens” LOBO MÉNDEZ, Gonzalo. **Deus uno e trino: manual de iniciação**. Lisboa: Diel, 2006, p. 15.

²³ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 20.

²⁴ WERBICK. Jürgen. **A fraqueza de Deus pelo homem: a visão do Papa Francisco sobre Deus**. Brasília: CNBB, 2018.

²⁵ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 32.

²⁶ WERBICK, 2018, p. 84.

criatura (cf. Gn 2,7b), dando-lhe dons sobrenaturais e uma graça resplandecente (CEC, n. 54)²⁷, para se manter fiel à santidade original (cf. CEC, n. 404).

Contudo, mesmo que tenha recebido dons sobrenaturais, em sua fragilidade particular (cf. Gn 2,7a; 3,17c), no exercício de sua liberdade e tomado por um “desejo de independência”²⁸ do Criador, o homem pecou (Gn 3,1ss; CEC, n. 396), perdeu a “santidade e a justiça originais” e a natureza humana se tornou decaída (cf. CEC, n. 404). Mesmo diante do pecado original e universal de Adão (cf. Rm 5,12), “a comunicação de Deus com o homem não se interrompe”²⁹, visto que, por amor, o Senhor vai ao encontro deste homem (cf. Gn 3,9. 21), para infundir a Sua vontade e a conseqüente promessa da salvação (cf. 1Tm 2,4)³⁰ no coração do ser humano.

1.2 A Igreja “em saída” na revelação veterotestamentária

Na esteira desta história da salvação, antecipadamente, a Igreja³¹ manifesta a saída e a comunicação de Deus direcionadas ao homem, quando ele elege o povo de Israel e, estabelece a Antiga Aliança³² com essa porção eleita. Ao sair de si³³ e com o objetivo de convocar e “reunir a humanidade dispersa” (CEC, n. 59) num só rebanho, Deus encontra e escolhe Abrão³⁴, que outrora habitava na terra pagã de Ur, dos Caldeus. Nesse encontro e nessa escolha, o Senhor selou uma “aliança unilateral”³⁵ com o patriarca e, a partir dessa aliança, Deus elegeu o povo de Israel, no qual a Igreja foi preparada “admiravelmente” (LG, n. 2).

²⁷ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 32; CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola; Ave-Maria; Vozes; Paulinas; Paulus, 1999. Doravante, mencionado apenas pela sigla CEC, mais numeração.

²⁸ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 32.

²⁹ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 32.

³⁰ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 20.

³¹ De acordo com o Catecismo da Igreja Católica, a Igreja é um projeto que nasceu “no coração do Pai”, para “elevar os homens à comunhão da vida divina” (CEC, n. 759). Ademais, ela “foi prefigurada desde a origem do mundo e [...] será consumada no fim dos séculos” (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, **Constituição dogmática Lumen Gentium**: sobre a Igreja, 2012, n. 2). Doravante, mencionada apenas pela sigla LG, mais numeração.

³² Segundo relatos do Antigo Testamento, Deus selou alianças com Adão (cf. Gn 1,26), Noé (cf. Gn 6,5-13), Abraão (cf. Gn 12,1-2), Moisés (cf. Ex 3-20) e Davi (cf. Sl 89,4. 29; 2Sm 7,1-16), que foram as figuras de “justos” (CEC, n. 58) da história de Israel.

³³ WERBICK, 2018, p. 44.

³⁴ Posteriormente, Deus mudou o nome de Abrão (grande pai) para Abraão, que significa “pai da multidão” (cf. Gn 17,4-5).

³⁵ Na Aliança com Abraão, não há uma exigência “do ponto de vista do comportamento” do clã que se desenvolve a partir do patriarca. Já aliança com Moisés é bilateral, visto que, com este profeta, existirá um povo, com “liberdade” e “responsabilidade”, para responder às próprias ações diante da “Torá” e da “Aliança”. (SKA, Jean-Louis. **O Canteiro do Pentateuco**. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 110).

No contexto da eleição desse povo, Deus disse a Abraão: “sai de tua terra, do meio de teus parentes, da casa de teu pai, e vai para a terra que eu vou te mostrar. Farei de ti uma grande nação e te abençoarei: engrandecerei o teu nome, de modo que ele se torne uma bênção” (Gn 12,1-2). Outrossim, junto ao carvalho de Mambré, o Senhor deixou-se ver por Abraão (cf. Gn 18,1)³⁶, a quem Deus prometeu uma descendência que não se resumiria somente a Isaac e a Jacó, mas que se tornaria uma multidão maior do que as areias da praia do mar (cf. Gn 22,17).

A partir dessa descendência, o “povo escolhido” (Rm 11,28) nasceu³⁷ e se tornou “depositário da revelação de Deus”³⁸. Em Abraão, dentre todos os povos, Deus escolheu o povo de Israel, como parte da sua herança (cf. Dt 32,9). Ademais, o Senhor se revelou a esse povo, progressivamente, e, em vários momentos da história israelita, desde a “afirmação de que Deus existe até a realização da vontade salvífica em Jesus Cristo”³⁹. E, de acordo com São Paulo, a adoção filial, “a glória, as alianças, as leis, o culto, as promessas e também os patriarcas” (Rm 9,4) são propriedades de Israel.

Todavia, Israel não é, exclusivamente, o povo eleito⁴⁰ e, sim, “a raiz na qual serão enxertados os pagãos quando se tornarem crentes”⁴¹, visto que, a partir da descendência de Abraão, Deus quis abençoar todas as famílias do mundo⁴² e constituir uma nação (Gn 12,2)⁴³, abarcando os gentios, que, da mesma forma, são objetos da ação bondosa de Deus e da promessa de salvação, que ele depositou sobre Israel⁴⁴. Por isso, quando a Sagrada Escritura relata a história da viúva de Sarepta (cf. 1Rs 17,7ss), do filho da Sunamita, de Naamã, o sírio (cf. 2Rs 4,8-37; 5,1ss) e das quatro mulheres presentes na genealogia de Jesus⁴⁵, visa mostrar que essas pessoas foram inclusas na esteira da bênção do Senhor⁴⁶. Entretanto, muitos pagãos

³⁶ MARQUES, Mariosan de Sousa. **Da Reverência ao Serviço, da Incredulidade ao Temor**: um estudo crítico-narrativo de Gn 18,1-15. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016, p. 15.

³⁷ De acordo com Harrington, “Israel é registrado como um povo, não como um território”. Ademais, neste autor, o verbo “nascer” tem sentido de “originar-se”. (HARRINGTON, Wilfrid John. **Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização**. São Paulo: Paulus, 1985, p. 72-73 e 83).

³⁸ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 34.

³⁹ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 31.

⁴⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2011, p. 1891, n.r., “g”.

⁴¹ LOBO MÉNDEZ, 2016, p. 34.

⁴² RATZINGER, Joseph. **Ser cristão na era neopagã**: Discursos e homilias: 2000-2004 e debates: 1993-2000. Campinas: Ecclesiae, 2015, p.53.

⁴³ No original deste versículo, o autor do livro do Gênesis cunha o termo “*goy*, do hebraico, *goy*”, que significa nação, “fazendo referência aos povos pagãos, vizinhos de Israel” (SILVA, Rodrigo Antônio da. **A Igreja entendida como comunhão a partir da relação trinitária e suas implicações na atual vida eclesial**. São Paulo: PUC-SP, 2018, p. 16).

⁴⁴ LOBO MÉNDEZ, 2016, p. 20.

⁴⁵ “Tamar, Raab, Rute e ‘a mulher de Urias’”. BENTO XVI. **A infância de Jesus**. São Paulo: Planeta, 2013, p. 15.

⁴⁶ SILVA, 2018, p. 16-18.

não perceberem a revelação natural de Deus, que se mostrou, desde a criação do mundo, através de suas obras (cf. Rm 1,20-21).

Ainda que Israel fosse o povo convocado (cf. Dt 23,2-9), mostrou-se ser tão distante da aliança com Deus quanto os pagãos, bem como não percebeu a divindade e o poder eternos do Senhor (cf. Rm 1,20), porque duvidou da providência e do cuidado de Deus, no deserto. Por diversas vezes, quis voltar para o Egito e tentou o Senhor, reclamando por alimento e água (cf. Ex 16,3-4;17,3; Nm 11,4-6).

Além do mais, este povo quebrou a Aliança, constantemente, por meio da prática do pecado da idolatria, prostituindo-se com outros deuses⁴⁷. Para Lobo Méndez, Israel se rendeu a “duas grandes tentações diferentes e paralelas”⁴⁸. A primeira corresponde ao seguimento de “outros deuses, os dos povos vizinhos e dos povos dominadores (cananeus, egípcios, fenícios)”⁴⁹. E, quanto à segunda, concretizou-se na fabricação de Deus com a pretensão de ‘tê-lo à disposição’ e à limitada medida do próprio homem”⁵⁰. E Lobo Méndez conclui dizendo que “o pecado da idolatria leva os povos à depravação moral, a fechar a vida humana no horizonte terreno, à avareza como valor supremo da existência”⁵¹.

Embora o povo quebrasse a Aliança, o Senhor permaneceu fiel ao pacto, por causa do seu amor que é “hesed”⁵². A palavra “hesed” demonstra que Deus liga a sua grande generosidade a uma atenção interior, para não somente recompensar “um benefício recebido”⁵³, visto que o Senhor vai além da obrigação jurídica, continuando fiel ao pacto celebrado anteriormente (cf. DM, n. 4)⁵⁴: diante da infidelidade do homem pecador, Deus se mostra fiel a si mesmo⁵⁵. Segundo Werbick, ao revelar a sua “hesed”, Deus manifesta uma compaixão que se sobrepõe à repulsão e à ira, pois o Senhor não cede à vingança e está sempre aberto à misericórdia, que é a alma da sua justiça⁵⁶.

Assim, para mostrar a sua misericórdia e chamar o seu povo de volta para si, Deus saiu ao encontro deste povo, por meio dos profetas, que despontaram, principalmente, no

⁴⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2011, p. 1247.

⁴⁸ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 22.

⁴⁹ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 22.

⁵⁰ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 22.

⁵¹ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 22.

⁵² GOMES, Eli Ferreira. **A misericórdia na Sagrada Escritura**. De Magistro de Filosofia, IX, 19, Anápolis, 2016.

⁵³ WERBICK, 2018, p. 58.

⁵⁴ JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Dives in misericordia**. São Paulo: Paulinas, 2005. Para acessar uma maior explicação do termo “hesed”, o leitor consulte a nota número 52, no final deste documento de São João Paulo II.

⁵⁵ GOMES, 2016, p. 57.

⁵⁶ WERBICK, 2018, p. 58.

contexto do exílio da Babilônia⁵⁷, onde os homens de Deus reproduziram a vontade do Senhor: concluir “uma nova aliança com a casa de Israel” (Jr 31,31), um “pacto” em que Senhor será o seu Deus e Israel será o seu povo (cf. Jr 31,33). Por isso, contra a idolatria, os profetas anunciaram a monolatria, o culto ao Deus único⁵⁸ e chamaram “o povo à purificação das suas infidelidades”⁵⁹. Os homens de Deus pregaram ainda uma ética ligada ao Senhor, que faz Israel recordar da Aliança outrora selada por Deus⁶⁰, que colocou o “povo na expectativa de uma aliança nova e eterna” (cf. Jr 31,31; CEC, n. 64), prometida pelo próprio Senhor. Dessa maneira, pelos profetas, Deus forjou “seu povo na esperança da salvação” (CEC, n. 64), que se concretizará com a vinda do Messias⁶¹.

Dentre os profetas, primeiramente, destaca-se Oséias pois, dentre tantos temas abordados, esse profeta destaca a idolatria da esposa, que abandona o seu Esposo e se prostitui com outros deuses⁶². Além disso, esse profeta fala do amor de Deus, cujo coração se comove dentro de si e o conduz a não abandonar à sua esposa, não obstante o pecado desta (cf. Os 11,1-4.8). Diante dessa esposa infiel, a solidariedade de Deus não se rompe, mas permanece fiel, apegando-se emotivamente ao pecador, sem lhe virar as costas, sem o desprezar⁶³.

E, em segundo lugar, destaca-se o profeta Isaías, cujos escritos são conhecidos por serem messiânicos por excelência, visto que apresenta relatos ligados à expectativa de um Messias⁶⁴. Isaías anuncia o nascimento de um Filho, cujo nome significa Deus-conosco (cf. Is 7,14) e que “protegerá e abençoará”⁶⁵ Israel. Esse Messias terá características divinas e humanas (Maravilhoso-Conselheiro, Deus-Forte, Pai-para-sempre, Príncipe-da-Paz) e, como servo sofredor, amorosamente, ele tomará sobre si o peso, a miséria e a opressão do Seu povo exilado pela condição de pecado⁶⁶.

Na encarnação e nos sofrimentos deste Homem-Messias, Deus devolve a esperança de salvação para o seu povo⁶⁷. Agora, o povo espera a vinda de um Messias, que sairá do próprio Deus, que caminhará com o seu povo, devolver-lhe-á a dignidade perdida e lhe

⁵⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2011, p. 1233.

⁵⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2011, p. 1234.

⁵⁹ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 35.

⁶⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2011, 1235.

⁶¹ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 31.

⁶² Ainda que manifeste a antecipação da Igreja do Senhor, Israel é essa esposa infiel com o quem o Senhor-esposo selou, livremente, uma aliança matrimonial. (Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2011, p. 1247).

⁶³ WERBICK, 2018, p. 58.

⁶⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2011, p. 1272, n. r. “a”.

⁶⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2011, p. 1265, n.r. “b”.

⁶⁶ Cf. Is 9,5; WERBICK. 2018, p. 66.

⁶⁷ WERBICK, 2018, p. 67.

garantirá a salvação⁶⁸. E Jesus é esse Messias, que, ao mesmo tempo, é Salvador, Deus-conosco e Servo-sofredor (Is 7,14; 42,1-9; 49,1-7; 50,4-11; 52,13-53), que se encarna, para salvar Israel de suas infidelidades.

1.3 A Igreja “em saída” na revelação cristológica

Diante das infidelidades de Israel, Deus vai ao encontro do seu povo, para o salvar e, por isso, “no seu Filho ele vai para mais além, nos desertos da vida dos homens, para ir buscar e trazer de volta para dentro aqueles que estão perdidos”⁶⁹. Dessa forma, quando entrou no tempo, saindo de si Próprio, o Filho-eterno (cf. FR, n. 2)⁷⁰ iniciou a resposta de fidelidade ao amor do Pai, a resposta que Israel não poderia oferecer.

Agora, a saída de si – que se deu na criação do homem – toma uma proporção ainda maior, porque o próprio Deus se faz um dentre os homens⁷¹, encarnando-se no ventre imaculado da Virgem Maria (cf. Gl 4,4). E, na Sua encarnação, Jesus manifesta o seu rebaixamento (cf. Fl 2,8) e assume a pobreza humana, para enriquecer (2Cor 8,9) e salvar à humanidade perdida e fracassada, por causa da infidelidade ao Criador.

Ao sair do Pai e entrar na temporalidade do mundo (cf. Jo 16,28), Jesus Cristo se manifesta como “o missionário do Pai”⁷², que “anuncia em primeiro lugar, um reino, o reino de Deus” (EN, n. 8)⁷³. Jesus é o Reino que se faz presente entre os homens (cf. Lc 11,20) e com esta presença, “Cristo inaugurou o Reino dos Céus na terra” (LG, n. 3), com seus “milagres, prodígios e sinais” (At 2,22).

Além do mais, Cristo chamou todos os homens a entrarem “neste Reino” (CEC 543). E este Reino será conquistado pelos violentos (cf. Mt 11, 12), mas, não pela violência física, tirânica ou bélica (cf. EN, n. 10). Este esforço sobre-humano ocorre a partir da graça santificante, recebida no batismo, que cura o pecado dos homens e os impulsiona a viver a santidade (cf. CEC, n. 1999). E esta conquista se dá a partir de um esforço humano, livre e consciente, motivado “pelo trabalho e pelo sofrimento, por uma vida em conformidade com o Evangelho, pela renúncia e pela cruz, enfim pelo espírito das bem-aventuranças” (EN, n. 10).

⁶⁸ WERBICK, 2018, p. 66.

⁶⁹ WERBICK, 2018, p. 68.

⁷⁰ JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Fides et Ratio*. São Paulo: Paulinas, 2016.

⁷¹ WERBICK, 2018, p. 31-32 e 45.

⁷² FRANCISCO. *Mensagem para o Dia Mundial das Missões*. 18 de outubro de 2020.

⁷³ PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 2016. Doravante, mencionada apenas pela sigla EN, mais numeração.

Da mesma forma, Cristo anunciou a salvação, que é o “núcleo e centro” (EN, n. 9) do seu Evangelho. Por isso, Jesus foi “enviado pelo Pai para realizar a salvação dos homens por meio do sacrifício redentor da cruz e elevá-los à condição sobrenatural de filhos de Deus”⁷⁴. A salvação consiste na visão beatífica de Deus e é ainda objeto da esperança do Reino dos Céus (cf. CEC, n. 1817-1818 e 1821). Da mesma maneira, a salvação é a recompensa (cf. 1Cor 2,9) que Jesus promete àqueles que ele amou até o fim, na Cruz, que foram incorporados a ele pelo batismo (CEC, n. 1257; 1267)⁷⁵ e que ingressaram no discipulado do amor igual ao dele, na doação ao próximo (cf. Jo 13,1; 15,1-15).

Nas terras da Galileia (Mt 1,13-16), Jesus anunciou que, para alcançar esta salvação, o homem necessita encarar a conversão interior e radical, bem como, acreditar na Boa Nova do Reino (cf. Mc 1,14; EN, n. 10). Por isso, na sua missão, pedagogicamente, Cristo proclamou a conversão e o Evangelho do Reino para todos os homens: “prostitutas e pecadores (cf. Mt 21,31-32); pagãos e samaritanos (cf. Lc 7,2-10); leprosos e possessos (cf. Mt 8,2-4;); mulheres, crianças e doentes (cf. Mc 1,32;); publicanos e soldados (cf. Lc 18,9-14); e muitos pobres (cf. Mt 5,3)” (DPC, n. 159; CNBB, DOC 100, n. 69)⁷⁶.

Cristo direciona essa mensagem de salvação ao povo de Israel, que são os primeiros destinatários deste “anúncio da alegria” (cf. Mt 10,6)⁷⁷. Por serem os “herdeiros da eleição e das promessas, os judeus devem ser os primeiros a receber o oferecimento da salvação messiânica”⁷⁸. Em sua missão salvífica, Jesus veio para os seus, porém estes não o quiseram receber (cf. Jo 1,11), renegando a condição de povo eleito⁷⁹.

Diante da recusa dos judeus, Jesus alarga a sua missão aos pagãos, “para testemunhar a eles, que Deus existe”⁸⁰ e os quer salvar. Sobre este alargamento salvífico, o Evangelho de São João narra o encontro de Jesus com a samaritana, junto ao poço de Jacó (Jo 4,5-42). Nesse encontro, o Mestre dialoga com transparência⁸¹, mas rompe com as barreiras étnicas e com o preconceito⁸², pois, fala sobre os maridos dessa mulher e, ao mesmo tempo, oferece-lhe

⁷⁴ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 246.

⁷⁵ O Catecismo da Igreja Católica nos afirma que “o batismo é necessário para a salvação” (CEC, n. 1257).

⁷⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Directorio para a Catequese**, 2020. Doravante, mencionado apenas pela sigla DPC, mais numeração; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidades de comunidades: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia**, 2015.

⁷⁷ BATTAGLIA, Oscar. **Introdução aos Evangelhos: um estudo histórico-crítico**. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 37.

⁷⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2011, p. 1720, n.r. “e”.

⁷⁹ WERBICK. 2018, p. 63.

⁸⁰ WERBICK. 2018, p. 44.

⁸¹ FRANCISCO. **Homilia na Casa Santa Marta**. 15 de março de 2020.

⁸² Para o Santo Padre, “a misericórdia é maior do que o preconceito, e Jesus é muito misericordioso”. FRANCISCO. **Angelus**. 23 de março de 2014.

a água viva que jorra para a vida eterna e lhe afirma que ele é o Messias (Jo 4, 14-18. 26). Depois disso, essa mulher convida o povo a crer no Messias (Jo 4, 29). Outrossim, São João afirma que Jesus permaneceu por dois dias com o povo samaritano e, durante este tempo, o Mestre anunciou a Boa Nova na qual esse povo era chamado a acreditar (cf. Jo 4,40)⁸³ e que motivou a porção samaritana a declarar para aquela mulher: “Já não é por causa daquilo que contaste que cremos, pois nós mesmos ouvimos e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo” (Jo 4, 42).

A samaritana e o seu anúncio simbolizam a Igreja à procura do esposo, que lhe perdoa as infidelidades e, também, a multidão de pagãos que esperam a vida eterna, que somente Cristo pode oferecer⁸⁴. De acordo Canivete, essa mulher de vida questionável é a “‘esposa’ que Jesus procura”⁸⁵, em meio ao povo que vive nas trevas (cf. Is 9,1) e que também é objeto da promessa da salvação que Deus oferece. Nela⁸⁶, o Senhor apresenta uma proposta de conversão “interior pessoal e exterior comunitária”⁸⁷, para todos os pagãos, a fim de alcancem a salvação, porque o Filho do Homem não veio para chamar os justos e, sim, os pecadores (cf. Mt 9,13).

Por isso, Jesus menciona e oferece uma fonte de água gratuita (cf. Is 55,1), que sacia a sede para sempre (cf. Jo 4,10. 14): ele próprio. Cristo sabia que a samaritana tinha sede não de uma água ilusória e sim do “encontro com o seu verdadeiro Deus, a verdadeira água”⁸⁸, a “água viva, que jorra para a vida eterna” (cf. Jo 4,14).

A água viva é a resposta para o mundo idólatra em que a samaritana habitava e, por isso, o Senhor oferece a água que purifica esta mulher de seus pecados⁸⁹. Ela reconhece que Jesus é o Messias, que conhece e purifica o seu interior com o banho da água, para reconciliá-la com Deus (cf. Jo 4, 29). E Canivete afirma ainda que “este é o caminho pelo qual a Samaritana cresce na reconciliação com o Senhor e se dispõe a anunciar”⁹⁰ para os demais samaritanos e para um mundo pagão que aguarda o Evangelho da salvação. Agora, não existe judeu nem pagão, visto que todos são chamados a ser um só em Cristo, descendentes de

⁸³ FRANCISCO. **Angelus**. 25 de janeiro de 2015.

⁸⁴ NICACCI, Alviero; BATTAGLIA, Oscar. **Comentário ao Evangelho de João**. Petrópolis: Vozes, 1981.

⁸⁵ CANIVETE, Abel Cesar. **Jesus e a samaritana**: contributo para uma teologia da reconciliação. Lisboa: UCP, 2012, p. 51.

⁸⁶ De acordo com este autor, esta mulher é um “símbolo samaritano” (CANIVETE, 2012, p. 36), ou seja, é um personagem simbólico que representa o conjunto dos pagãos.

⁸⁷ CANIVETE, 2012, p. 36.

⁸⁸ CANIVETE, 2012, p. 51.

⁸⁹ CANIVETE, 2012, p. 51.

⁹⁰ CANIVETE, 2012, p. 51.

Abraão e herdeiros da promessa da salvação (cf. Gl 3,28-29), pois, na Cruz, Cristo alcançou e atraiu todos os homens para si (cf. Jo 8,32): judeus e pagãos.

No Santo Lenho, onde foi elevado em seu trono de glória, Cristo abraçou uma multidão de pecadores e carregou as infidelidades dos homens sobre si⁹¹. No calvário, como um Cordeiro que não abriu a boca (cf. Is 53, 7) e que se oferece até o último sacrifício, Jesus carregou esta humanidade, distanciou-a do domínio da fraqueza espiritual e a fez experimentar a vida do Espírito e a plenitude do “senhorio de Deus”⁹². Ademais, na Cruz, ele manifestou o “Sim” ao Pai (cf. Mt 11,26; CEC, n. 2603) e celebrou uma Nova Aliança “com um sangue mais eloquente que o de Abel” (cf. Hb 12,24), visto que o homem não era capaz de pagar o preço pelos próprios pecados e de celebrar a Aliança com Deus novamente⁹³.

De acordo com Werbick, “na cruz, a misericórdia de Deus vence a justiça”⁹⁴. Neste evento do mistério pascal, o Pai coloca a “punição eterna” e infinita nos ombros do Filho, que consoma o caminho da Cruz, para resgatar e salvar a humanidade da condenação⁹⁵. Segundo o teólogo alemão, “desse modo, a misericórdia encontra uma maneira com a qual fique satisfeita a justiça e, todavia, prevaleça a misericórdia de Deus”⁹⁶.

Na continuidade do Mistério Pascal, na Ressurreição, Deus recria a humanidade, em Cristo, o Novo Adão e homem celeste, que é vencedor da morte e do pecado (cf. 1Cor 15,47-48; 55-56). Outrossim, ele reabre “as portas do Céu aos justos que o precederam” (CEC, n. 637). Posteriormente, na Ascensão, aquele que saiu do Pai e se encarnou no mundo, deixa o mundo para “reencontrar” o Pai e o Espírito Santo – o Continuidor da sua missão –, com a humanidade restaurada (cf. Jo 16,28; CEC, n. 661).

1.4 Revelação pneumatológica e alguns expoentes da Igreja “em saída”

No decorrer da história da salvação, o Espírito Santo falou pelos profetas, patriarcas e sacerdotes (DH, n. 150)⁹⁷. Entretanto, segundo o Decreto *Ad Gentes*, em Pentecostes Jesus

⁹¹ WERBICK, 2018, p. 66-68.

⁹² WERBICK, 2018, p. 69.

⁹³ SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph (Org.). **História dos dogmas: o Deus da salvação**. São Paulo: Loyola, 2005, p. 413.

⁹⁴ WERBICK, 2018, p. 66.

⁹⁵ WERBICK, 2018, p. 66.

⁹⁶ WERBICK, 2018, p. 66.

⁹⁷ DENZIGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007, p. 66; LEÃO MAGNO. **Sermões**. São Paulo: Paulus, 1996, LXXVI, 3, p. 186.

enviou o Espírito Santo sobre a Igreja nascente, como um “acréscimo da liberalidade”⁹⁸ divina (AG, n. 4)⁹⁹.

Ao enviar o Espírito sobre a Igreja, Jesus a impele a assumir uma “dilatação própria” (AG, n. 4). Dessa forma, por meio do anúncio do Evangelho aos pagãos, a Igreja fomenta a união entre judeus e gentios, que fora desejada por Deus e prefigurada em Abraão (cf. Gn 12,2); bem como, ela realiza a catolicidade da fé, ao falar e entender todas as línguas (cf. AG, n. 4). Nas palavras de Congar, “o Espírito Santo catoliciza a Igreja”¹⁰⁰, visto que é o “poder de difusão de fé e de vida”¹⁰¹, que impulsiona a Igreja ao crescimento, na origem e no decorrer da sua própria história¹⁰².

Na qualidade de Pessoa¹⁰³ “que habita na Igreja e no coração dos fiéis” (LG, n. 4), o Espírito Santo realiza a sua obra prima, que é a santificação¹⁰⁴ da Esposa de Cristo e de seus membros¹⁰⁵. Sendo assim, a ação do Espírito Santo sobre a Igreja a mantém santa como Esposa e Corpo de Cristo (cf. 1Cor 12,12; Ef 1,23; LG, n. 7)¹⁰⁶, preparando-a para a consumação dos séculos, quando Cristo a entregará, ao Pai, “toda bela, sem mancha e nem ruga” (Ef 5,27). Outrossim, o Espírito é a graça que Jesus enviou sobre a Igreja, a fim de que ela se tornasse “sacramento universal” (LG, n. 8) de “salvação das almas” (AG, n. 4). Nessa ação salvífica, o Espírito Santo santifica os membros da Igreja (cf. AG, n. 4), fazendo-os assumir a vida nova em Cristo, filialmente, ou seja, sendo filho no Filho (Gl 4,7; CEC, n. 737)¹⁰⁷.

Ainda de acordo com Congar, o Espírito é o “Dom absoluto”¹⁰⁸ de Deus (cf. Rm 5,5; CEC, n. 733), que o Pai derramou e que Cristo enviou aos corações dos membros de seu Corpo (cf. Rm 5,5). Com isso, o Paráclito enche e embeleza a Igreja com “dons hierárquicos e carismáticos” (cf. LG, n. 4 e 12). Dessa forma, a Igreja acolhe os carismas que o Espírito Santo suscita, para edificação dela própria e para frutificar a vida interior de seus membros.

⁹⁸ LEÃO MAGNO, 1996, LXXVI, 3, p. 186.

⁹⁹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto Ad gentes**: sobre a atividade missionária da igreja, 2012. Doravante, mencionada apenas pela sigla AG, mais numeração.

¹⁰⁰ CONGAR, Yves. **Ele é o Senhor que dá a vida**. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 45.

¹⁰¹ CONGAR, 2010, p. 18.

¹⁰² CONGAR, 2010, p. 45.

¹⁰³ Segundo o Catecismo da Igreja Católica, [O Espírito Santo “é uma das Pessoas da Santíssima Trindade, consubstancial ao Pai e ao Filho” (CEC, 685)].

¹⁰⁴ São Basílio afirma que o Espírito Santo é “fonte de santidade” IN: **Tratado sobre o Espírito**. São Paulo: Paulus, 2019, 9, 22.

¹⁰⁵ CONGAR, 2010, p. 76 e 137.

¹⁰⁶ CONGAR, 2010, p. 76.

¹⁰⁷ CONGAR, 2010, p. 137 e 144-147.

¹⁰⁸ CONGAR, 2010, p. 98.

Por isso, o Espírito submete os carismas aos cuidados da Esposa de Cristo e ainda a constituiu como espaço de conhecimento e de vivência dos dons dele (cf. CEC, n. 688 e 799-801).

A partir dessas ações, o Espírito Santo constituiu a Igreja como a continuadora da missão de Jesus e do Próprio Espírito no mundo (cf. LG, n. 1; AG, n. 2). Nos primórdios da manifestação eclesial, a partir de Pentecostes, Jesus enviou o Espírito Santo sobre os seus Apóstolos, para que estes fossem testemunhas dos eventos do Mistério Pascal (cf. At 1, 8; 2,1-11). Além disso, Cristo lhes constituiu missionários de sua Igreja, para se direcionarem aos povos pagãos (cf. Lc 24, 45-49).

De acordo com o livro dos Atos dos Apóstolos (2,14-41), São Pedro se dirigiu ao povo de Israel, relatando-lhes os milagres que Deus realizou por meio de Jesus. Pedro falou-lhes ainda dos acontecimentos relacionados à Paixão e à Ressurreição de Cristo, que ocorreu por obra da Santíssima Trindade (cf. vv. 23-24; CEC, n. 648-649). Após a pregação deste Apóstolo, mais de três mil pessoas aderiam ao Caminho (cf. At 2,41).

Em Jope, por meio de uma “pregação original” (CNBB, SD 4, 49)¹⁰⁹ e de um discurso querigmático, Pedro se libertou dos escrúpulos legalistas e anunciou o Evangelho ao centurião Cornélio e à família deste, conduzindo-lhes às águas do batismo (cf. At 10, 1ss). Esta pregação querigmática de Pedro se transformou em tradição oral e, posteriormente, da mesma forma, serviu de base para a escrita do Evangelho de São Marcos¹¹⁰.

Quanto ao Apóstolo São Paulo, após a sua experiência em Damasco, ele deixou de ser perseguidor dos cristãos, para se tornar perseguido (cf. At 9) por causa do Evangelho. E, de acordo com a sua Carta aos Romanos, São Paulo foi “separado para pregar o Evangelho” (cf. 1,1), principalmente aos povos pagãos, pois se considerava “devedor de gregos e bárbaros” (Rm 1, 14).

Para isso, o Apóstolo dos gentios se dirigiu a Atenas, onde proferiu o famoso Discurso no areópago e convidou os gregos a acreditarem no “deus desconhecido” (At 17,23), a quem eles buscavam como que “às apalpadelas” (At 17,27). Paulo viajou ainda para Corinto e Éfeso, onde fundou comunidades (cf. 18,1; 19,1) e, depois, permaneceu em Roma, onde morou numa casa alugada, na qual recebia as pessoas e as evangelizava (cf. At 28,30-31). Todavia, o Apóstolo tinha o sonho de fazer chegar o Evangelho até a Espanha (cf. Rm 15,28).

¹⁰⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Anúncio querigmático e evangelização fundamental**. Brasília: CNBB, 2009. Doravante, mencionado apenas pela sigla CNBB, SD 4, mais numeração. A sigla SD 4 não é utilizada, oficialmente, pela CNBB, mas, em virtude do uso constante neste trabalho, será citada no corpo texto.

¹¹⁰ IRINEU DE LYON. **Contra as heresias**: denúncia e refutação da falsa gnose, III, I, I. São Paulo: Paulus, 2009.

Para realizar esta missão, São Paulo empreendeu viagens juntamente com Silas e Barnabé (cf. At 13-14; 15,36–18,23), para fundar as comunidades ele que assumiu paternal e espiritualmente (cf. 1Cor 4,15). Aos seus interlocutores, o Apóstolo dirigiu o querigma, anunciando-lhes a fé na ressurreição e na salvação que Cristo conquistou (At 16,25-34; 17,1-4). Além disso, a teologia paulina realça a importância da justificação que Cristo opera (cf. Rm 3,23-24) e da fé e do batismo, como meios de participação da descendência de Abraão (cf. Gl 3,8). Segundo o Apóstolo Paulo, agora, “os pagãos são admitidos” à fé (Ef 3,6).

Em sua missão, Paulo se fez servo para ganhar o maior número de pessoas e fez tudo pelo Evangelho (cf. 1Cor 9,19). Todavia, São Paulo enfrentou perseguições, naufrágios, apedrejamentos, chicotas e privações (cf. 2Cor 11,23-27). E, como fruto destes “trabalhos”, o Apóstolo conquistou discípulos para Cristo (CNBB, SD 4, n. 45).

Essa missão continuou com outros cristãos da Igreja primitiva e, conseqüentemente, com os padres da Igreja, tais como São Justino Mártir (100-165 d.C.). Advindo do paganismo, ele teve contato com o estoicismo, peripatetismo e pitagorismo¹¹¹. Em Roma, Justino fundou uma escola onde ensinava filosofia e dialogava com os pagãos e judeus¹¹². No senado e em suas obras (Apologia e Diálogo com Trifão), o Mártir defendeu o cristianismo “como religião definitiva, monoteísta, universal”¹¹³.

Santo Irineu de Lyon (130-220 d. C.) é outro nome ligado à missão na época patristica¹¹⁴. Santo Irineu nasceu em Esmirna (que, atualmente, faz parte da Turquia) e foi discípulo de São Policarpo, que, por sua vez, foi discípulo de São João Evangelista¹¹⁵. Sob um impulso missionário, Irineu “emigrou da Ásia Menor para Lyon”, tornando-se bispo da cidade (que, atualmente, pertence à França), onde defendeu a fé católica da heresia do montanismo,

¹¹¹ PIERINI, Franco. **A idade antiga**: curso de história da Igreja. São Paulo: Paulus, 1998, p. 75. O estoicismo “é uma escola helenística fundada por Zenão de Cício ao final do séc. II a. C”, que pregava uma vida conforme a natureza, a partir da qual se buscava um caminho racional pautado na virtude e na liberdade, a fim de se alcançar a felicidade, que também está ligada a uma imperturbabilidade da alma. Além disso, na vida segundo a razão, o homem sábio deveria ser firme diante das fantasias, dos prazeres, dos vícios e da ignorância. (REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo, Paulus, 1990, p. 265; MOURA, Drayfine Teixeira. **A ética dos estoicos antigos e o estereótipo estoico na modernidade**. Cadernos Espinosanos. 26, 2012, p. 111-112; ROCHA, Carlos Alberto Medino da. **O caráter formativo da filosofia senequiana**. Prometeus, 9, 19, jan/jun-2016, p. 211-212). O peripatetismo diz respeito a uma corrente de seguidores de Aristóteles (384-322 a.C.) que ensinava Filosofia passeando (do grego, peripato). (REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**: das origens a Sócrates. São Paulo: Loyola, 1998, p. 111). E o pitagorismo se trata de uma corrente filosófica que considera que o número é a origem e a harmonia de todas as coisas. REALE, Giovane. **História da Filosofia Antiga**: Platão e Aristóteles. São Paulo: Loyola, 1998.

¹¹² PIERINI, 1998, p. 75

¹¹³ PIERINI, 1998, p. 75.

¹¹⁴ PIERINI, 1998, p. 79.

¹¹⁵ PIERINI, 1998, p. 79.

bem como, prezou pela paz na Igreja, como no caso “da polêmica sobre a data da festividade pascal”¹¹⁶.

E, no decorrer da história¹¹⁷, o Senhor escolheu outros santos, como São Francisco Xavier (1506-1552 d. C.), que arrebanhou multidões, a partir do anúncio do Evangelho¹¹⁸. Em um só mês, Francisco Xavier “batizou mais dez mil pessoas”¹¹⁹ em suas missões no Oriente.

Na história do Brasil colônia, São José de Anchieta (1534-1597 d. C.) é um expoente da Igreja em “saída”, pois evangelizou e catequizou os índios¹²⁰. Para evangelizar os nativos, Anchieta escreveu uma gramática na língua tupi e se utilizou deste idioma, para, por meio da oração e de canções antigas, levar o Evangelho aos silvícolas¹²¹.

Na história recente de uma Igreja “em saída”, Santa Teresa de Calcutá (1910-1997) é um exemplo, por causa da sua dedicação aos pobres¹²². Ao sentir-se impelida a cuidar dos pobres, Santa Teresa deixou a Congregação de Nossa Senhora de Loreto, em 1948, mas recebeu a autorização do Papa Pio XII, para continuar usando o hábito de freira¹²³. No mesmo ano, Madre Teresa fundou, nesta cidade indiana, a congregação das Missionárias da Caridade¹²⁴.

A partir deste fato, Madre Teresa de Calcutá iniciou sua missão de cuidado dos mais pequeninos, exatamente, com as crianças¹²⁵. E, juntamente com as mais de três mil freiras da

¹¹⁶ PIERINI, 1998, p. 80-81. A controvérsia pascal diz respeito à disputa que se deu entre os ramos alexandrinos e romanos, da Igreja, sobre a data exata do dia da Páscoa. Alguns defendiam que era 14 do mês de Nissan (como São Policarpo de Esmirna) e outros defendiam que era no primeiro domingo. Em meio a esta disputa, Irineu agiu pedindo ao papa Vitor I, para revogar excomunhões contra os que defendiam a tese do 14 de Nisã. Depois do Concílio de Nicéia, generalizou-se a celebração pascal “no domingo após 14 de nisã” (DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 307). Sobre o desenvolvimento desta controvérsia e a sobre a participação de Santo Irineu, o leitor pode consultar essa obra de Jean Daniélou e também a de EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2000, V, 22-25; e ainda artigo de BELMAIA, Nathany Andrea Wagenheimer; AMADOR, Cássio Henrique dos Santos. **O Concílio de Niceia definiu a regulamentação da data da Páscoa no século IV?** *Temporalidades*, 35, 13, 1, jan./jun-2021, pp. 706-728.

¹¹⁷ Não obstante a importância de outros expoentes da história da Igreja, devido à brevidade deste trabalho, faz-se esse salto histórico de treze séculos.

¹¹⁸ DALMASES, Cândido de. **Inácio de Loyola**: fundador da Companhia de Jesus. Porto: Apostolado da Imprensa; São Paulo: Loyola, 1984, p. 201.

¹¹⁹ DALMASES, 1984, p. 201.

¹²⁰ CARDOSO, Armando. **Vida de São José de Anchieta**: um carismático que fez história. São Paulo: Loyola, 2014, p. 88.

¹²¹ CARDOSO, 2014, p. 88.

¹²² ALLEGRI, Renzo. **Teresa dos pobres**: uma conversa com Madre Teresa de Calcutá. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 82 e 86.

¹²³ ALLEGRI, 1998, p. 83-84.

¹²⁴ ALLEGRI, 1998, 90-91 e 186.

¹²⁵ ALLEGRI, 1998, 133-140.

congregação, Teresa de Calcutá expandiu o seu cuidado e evangelização¹²⁶ também aos mendigos, idosos, aidéticos e hansenianos¹²⁷.

A obra das missionárias da caridade extrapolou as fronteiras indianas e se fez presente na Europa, na América e na Ásia¹²⁸. Essa obra acontecia sem que Santa Teresa e as suas irmãs se descuidassem da oração, visto que acordavam às quatro da manhã todos os dias, inclusive quando Madre Teresa já estava idosa¹²⁹.

Da mesma maneira, no século XX, no Brasil, no contexto de uma Igreja “em saída”, em direção aos marginalizados, despontou a figura de Santa Dulce dos Pobres¹³⁰. Ainda criança, Maria Rita (seu nome de batismo) ajudava os pobres que apareciam na porta de sua casa, em Salvador (Bahia)¹³¹.

Em 1933, Maria Rita ingressou na Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, na cidade de São Cristóvão, em Sergipe, onde tomou o nome de Irmã Dulce¹³². Dulce foi professora em um colégio, em Salvador, mas o seu carisma era cuidar dos pobres¹³³. Por isso, a freira começou a dar assistência a estes, em um bairro da capital baiana. Juntamente com o frei Hildebrando Kruthaup, o Anjo Bom da Bahia fundou o Círculo Operário da Bahia, onde ela prestava assistência médica a inúmeros operários¹³⁴.

Em 1949, a partir, do galinheiro do Convento, Santa Dulce dos Pobres improvisou um hospital e começou a acolher setenta doentes¹³⁵. Para manter esse hospital, a freira fundou a associação Obras Sociais Irmã Dulce¹³⁶. Além disso, o Anjo Bom da Bahia fundou um centro educacional, para acolher crianças pobres¹³⁷.

Entre 1965 e 1975, Santa Dulce permaneceu fora da congregação, pois procurava se dedicar às suas obras sociais¹³⁸. Irmã Dulce acolheu a decisão e continuou a sua missão, sem se descuidar da vida espiritual e mantendo contatos com a sua superiora¹³⁹. Durante esse tempo, a freira foi acompanhada pelo então arcebispo de Salvador, cardeal Eugênio de Araújo

¹²⁶ Segundo Bento XVI, Santa Teresa dizia, com frequência, que “a primeira pobreza dos povos é não conhecer Cristo”. BENTO XVI. **Mensagem para a Quaresma de 2006**. 29 de setembro de 2005.

¹²⁷ ALLEGRI, 1998, p. 163.

¹²⁸ ALLEGRI, 1998, p. 189.

¹²⁹ ALLEGRI, 1998, 111.

¹³⁰ PASSARELLI, Gaetano. **Irmã Dulce: o anjo bom da Bahia**. São Paulinas, 2011, p. 63.

¹³¹ PASSARELLI, 2011, p. 25.

¹³² PASSARELLI, 2011, p. 45-46.

¹³³ PASSARELLI, 2011, p. 61.

¹³⁴ PASSARELLI, 2011, p. 80.

¹³⁵ PASSARELLI, 2011, p. 105.

¹³⁶ PASSARELLI, 2011, p. 138.

¹³⁷ PASSARELLI, 2011, p. 147.

¹³⁸ PASSARELLI, 2011, p. 169-170 e 177-184.

¹³⁹ PASSARELLI, 2011, p. 171.

Sales, que permitiu que Dulce continuasse usando o hábito¹⁴⁰. Posteriormente, o sucessor de Sales, o cardeal Avelar Brandão Vilela pediu à superiora de irmã Dulce, esta retornou à convivência com as demais freiras e continuou o seu trabalho de amor aos pobres até morte de Santa Dulce, em 1992¹⁴¹.

Analisando-se o que foi exposto neste capítulo, conclui-se que, segundo o Papa Francisco, essencialmente, a Igreja “em saída” se concretiza numa “saída missionária” (EG, n. 20), a partir da qual, o Papa convoca todos os cristãos a saírem do comodismo e se direcionarem às periferias geográficas e existenciais, para levarem a unção e a “alegria do Evangelho” de Jesus (cf. EG, n. 1; 3 e 20). Como consequência dessa “saída”, faz-se necessária uma “conversão pastoral e missionária”, que interpela a Igreja a abandonar, pedagógica e gradualmente, “as estruturas ultrapassadas” (DAp, n. 365), a superar a “pastoral de conservação” e, finalmente, a assumir “uma pastoral decididamente missionária” (DAp, n. 370).

Essa Igreja “em saída” já se manifestou em toda a história da salvação. Nesta história, Deus tomou a iniciativa de “primeirar” (EG, n. 24) no amor, de sair “ao encontro do seu povo”¹⁴², de Israel e, pedagogicamente, dos pagãos. Por amor, o Senhor escolheu este povo, convocou-o a prestar-lhe culto e, diante das infidelidades da sua porção escolhida, manifestou-lhe a sua misericórdia e lhe ofereceu uma proposta de salvação¹⁴³. Essa maneira de “primeirar” (EG, n. 24), amorosamente, “teve seu ápice no mistério da encarnação, dado que a iniciativa de Deus se manifesta plenamente em Cristo”¹⁴⁴. No Filho, este “primeirar” amoroso, definitivamente, alarga-se aos pagãos, para os quais se concretiza, da mesma maneira, a promessa de salvação, uma vez que, n’Ele, “os pagãos são admitidos” (Ef 3,6a) à fé e, pelo batismo, podem ser salvos e alcançar a terra prometida (cf. Gl 3,8-9; Ef 3,6b).

Na ação do Espírito Santo sobre essa Igreja “em saída”, ele a configura a Cristo-Cabeça e confere-lhe uma santidade temporal, particular e indelével, em vista de uma entrega escatológica na consumação dos tempos. Além disso, o Espírito é a “força” (Lc 24,49) sobrenatural, que o Próprio Cristo dotou à Igreja, para que ela espalhasse o Evangelho a todas as nações e línguas, a fim de congregá-las num só rebanho e num só pastor (cf. Jo 10,16). Sendo assim, pelo poder e com o auxílio do Espírito, o Evangelho foi pregado aos pagãos e a fé em Cristo chegou aos confins da Terra (cf. At 1,80). Para isso, o Paráclito encheu os

¹⁴⁰ PASSARELLI, 2011, p. 174.

¹⁴¹ PASSARELLI, 2011, p. 189-190 e 217.

¹⁴² CASULA, Lucio. **Rostos, gestos e lugares**: a cristologia do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2018, p. 57.

¹⁴³ LOBO MÉNDEZ, 2006, p. 31.

¹⁴⁴ CASULA, 2018, p. 57.

discípulos de Cristo (Pedro, Paulo, Justino, Irineu, Francisco Xavier, José de Anchieta, Teresa, Dulce e muitos outros) com os carismas da pregação e do cuidado com os pobres (cf. At 7,1-6), para fazer chegar a presença de Deus a todos os seus filhos.

Portanto, no princípio da Igreja “em saída”, Deus “primeireia” o seu amor em direção ao homem e o convida a um “encontro pessoal” (EG, n. 3) com ele, no qual o homem terá uma experiência com esse amor “primeirante” (cf. EG, n. 24)¹⁴⁵. Por isso, Deus é a fonte e o ponto de partida para este anúncio e “saída missionária” (EG, 20) aos pagãos e para a caridade e “saída missionária” (EG, n. 20) em direção aos pobres. Dessa forma, na pregação do querigma, oferece-se a possibilidade deste encontro pessoal com o amor que se antecipa ao homem (cf. 1Jo 4,10.19)¹⁴⁶ e que se manifesta aos pobres e pagãos de toda a história da humanidade.

¹⁴⁵ CASULA, 2018, p. 57.

¹⁴⁶ CASULA, 2018, p. 57.

2 IGREJA “EM SAÍDA”: POR UMA CATEQUESE QUERIGMÁTICA

Depois de falar sobre a origem, o fundamento, a manifestação e a concretização da Igreja “em saída” de Francisco, que pede uma “saída missionária” da comunidade, baseada no amor “primeirante” de Deus e na encarnação de Cristo, neste capítulo, pretende-se fundamentar e refletir sobre o querigma, que possibilita um encontro com esse amor (EG, n. 3). Nesta fundamentação, apresenta-se o conceito de querigma e mencionam-se versículos nos quais Jesus se utiliza de aspectos deste anúncio. Além disso, demonstra-se porque Jesus é o conteúdo do querigma anunciado pelos Apóstolos e demais seguidores dele, na época da Igreja primitiva. Ademais, relata-se o abandono e o retorno do querigma no decorrer da história da Igreja. E, ainda, aponta-se para a necessidade e finalidade do anúncio querigmático a batizados e não-batizados, principalmente, no âmbito da catequese.

Na sequência, abordar-se-á sobre os aspectos de uma catequese querigmática. Nesta abordagem, fala-se desse modelo catequético como uma proposta de geração de fé (cf. DGC, n. 62; DPC, n. 57)¹⁴⁷, que se inicia com a experiência com o amor de Deus, a conversão e a adesão a Cristo. Além disso, mostra-se a proposta do Papa Francisco para uma catequese querigmática, na qual ele aposta na centralidade do conteúdo querigmático em todas as “etapas e momentos” (EG, n. 165) da catequese. E, também, procura-se afirmar que a catequese querigmática põe em prática, claramente, a natureza e a finalidade da catequese.

Depois dessa reflexão, apresentam-se os destinatários dessa catequese querigmática: bispo, padre, catequistas, pais e catequizandos. Como isso, discorre-se sobre as implicações do querigma nas missões de bispos, sacerdotes, catequistas e das famílias e ainda se propõem maneiras, por meio das quais, esse anúncio pode iluminar as realidades e favorecer a presença amorosa e salvífica de Cristo, nos corações de jovens, adolescentes e crianças.

Por fim, apresenta-se uma pedagogia a partir da qual se pode concretizar o anúncio querigmático a esses destinatários. Essa pedagogia catequética querigmática se fundamenta na gratuidade do amor de Deus e na ação salvífica do Espírito Santo na vida da pessoa. Além disso, essa pedagogia requer que, por meio de encontros corriqueiros ou até mesmo de retiros querigmáticos, esses destinatários tenham um encontro com a Pessoa de Cristo, de tal maneira que essa experiência se torne constante e cotidiana, incentive-os a dar testemunho de vida e a se tornarem discípulos-missionários (DAp, n. 362) dessa experiência.

¹⁴⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral de Catequese*, 2009. Doravante mencionado apenas como DGC, mais numeração.

2.1 Fundamento e reflexão sobre o querigma

A palavra *kérygma* deriva do verbo grego *kéryssein*, que se traduz por pregar, proclamar, anunciar¹⁴⁸. Segundo Sueli Pereira, a etimologia grega da palavra querigma aponta para um conjunto de “informações trazidas pelo arauto¹⁴⁹, tais como a notificação de um decreto, a notícia do vencedor de uma batalha e a quem se deve honrar como vencedor”¹⁵⁰. De acordo com Alberich, querigma é o “anúncio público e solene da salvação de Deus, oferecida a todos os seres humanos em Jesus Cristo, morto e ressuscitado”¹⁵¹. Costa continua o raciocínio de Alberich ao dizer que o querigma é um anúncio que se destina aos homens que não ouviram a Boa Nova de Cristo e àqueles que necessitam de uma “formação cristã que lhes permitam viver conforme a fé”¹⁵². E, Sueli Pereira assegura que, no Novo Testamento, o termo “querigma” aparece oito vezes¹⁵³.

Em sua missão, Cristo se utiliza de elementos e do vocábulo querigma¹⁵⁴, para anunciar a Boa Nova e a proximidade do Reino (cf. Mc 1,15). O Evangelho de São Marcos assegura que, na Galileia, Jesus proclamou a Boa Nova: “Convertei-vos e crede no Evangelho” (cf. Mc 1,14-15). E, na sinagoga de Nazaré, segundo São Lucas, o Mestre tomou rolo onde estava contido o livro do Profeta Isaías e afirmou:

O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano aceito da parte do Senhor (Lc 4,18-19).

Além de proclamar, Cristo é o conteúdo do primeiro anúncio: o seu “nome, doutrina, vida, promessas, Reino e o mistério” (cf. EN, n. 22; CNBB, SD 4, n. 18 e 25-27) são anunciados, para a salvação da pessoa. Este conteúdo não é simples explicação de conceitos,

¹⁴⁸ SANTOS, Benedito Beni dos. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil**. IN: Cultura Teológica, XVII, 17, 68, São Paulo, 2009, p. 11.

¹⁴⁹ No contexto apostólico, trata-se de um “oficial que fazia as publicações solenes, anunciava a guerra e proclamava a paz” (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 57).

¹⁵⁰ PEREIRA, Sueli da Cruz. **Anunciamos Cristo crucificado (1Cor 2,23)**: a formação de discípulos missionários hoje à luz da teologia da cruz de Antonio Pagani. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2019, p. 18.

¹⁵¹ ALBERICH, Emilio. **Catequese evangelizadora: manual de catequética fundamental**. São Paulo: Salesiana, 2013.

¹⁵² COSTA, França. **A transmissão da fé: Querigma, Catequese e Teologia**. IN: De Magistro de Filosofia, VIII, 17, Anápolis, 2º. Semestre-2015, p. 2.

¹⁵³ Cf. Mt 12,41; Lc 11,32; Rm 16,25; 1Cor 1,21; 2,4; 15,14; 2Tm 4,17; Tt 1,3. (PEREIRA, S., 2019, p. 18).

¹⁵⁴ Segundo Costa, “de maneira sistemática, geralmente são indicados os seguintes temas quando se trata de anunciar o querigma: o amor de Deus, o pecado, a salvação em Cristo, a fé e a conversão, o Espírito Santo, a comunidade”. (COSTA, 2015, p. 2).

mas, antes de tudo, consiste numa “experiência que toca a liberdade, reorienta as escolhas e dá sentido verdadeiro à vida” (cf. CNBB, SD 4, n. 25 e 27).

Essa experiência com Cristo marcou a vida dos primeiros Apóstolos e discípulos de Jesus, especialmente, a de Pedro (cf. Lc 5,1-11; Jo 1,42) e a de Paulo (cf. At 9). Como foi dito acima, esses dois Apóstolos se tornaram anunciadores do amor querigmático que os precedeu e os transformou interiormente (cf. LF, n. 20)¹⁵⁵, ao se depararem com a Pessoa de Jesus. Quando pregavam, os Apóstolos falavam de uma experiência para além da que eles viveram, porque evocavam a força de um amor que transformou e salvou a muitas pessoas (CNBB, SD 4, n. 25)¹⁵⁶.

Essa pregação dos primeiros seguidores do Messias “procedia de uma ordem de Cristo: ‘Ide pelo mundo inteiro e pregai o Evangelho a toda criatura’” (Mc 16,15)¹⁵⁷. Sendo assim, o primeiro anúncio dos apóstolos se fundamenta no “‘Ide’ (cf. Mc 16,15; Mt 28,20) que o Mestre lhes indicou (DPC, n. 68), para que se tornassem arautos da Boa Nova do amor de Deus¹⁵⁸: o próprio Cristo (CNBB, SD 4, n. 46).

Segundo Battaglia, o primeiro anúncio foi o broto da pregação da Igreja primitiva, que anunciou as palavras e os atos do Mestre, a fim de cultivar a fé no coração dos pagãos¹⁵⁹. De maneira pura e simples, em suas palavras, os primeiros cristãos pregaram o querigma “com algumas variações de detalhes e particularidades devido à personalidade dos pregadores e às exigências dos ouvintes”¹⁶⁰.

De acordo com Sueli Pereira, o querigma se tornou o centro e o caminho sobrenatural da pregação apostólica, que impulsionou hebreus e pagãos a aderirem, acreditarem e se tornarem seguidores de Cristo¹⁶¹. Ao pregarem o querigma, os seguidores do Caminho (cf. At 9,2) proclamavam o centro e o ápice da fé cristã: Jesus é o Senhor, que morreu e ressuscitou ao terceiro dia (1Cor 15,3)¹⁶² e que nele está a realização da promessa de salvação (cf. CNBB, SD 4, 17) que, outrora, fora anunciada pelos profetas ao povo eleito (cf. EN, n. 27)¹⁶³.

¹⁵⁵ FRANCISCO. **Carta encíclica Lumen Fidei**. São Paulo: Paulinas, 2013.

¹⁵⁶ BATTAGLIA, 1984, p. 68.

¹⁵⁷ BATTAGLIA, 1984, p. 67.

¹⁵⁸ PEREIRA, S., 2019.

¹⁵⁹ BATTAGLIA, 1984, p. 67.

¹⁶⁰ Cf. At 2,22-36; 3,16-26; 4,8-12; 10,36-43; 13,16-41. (BATTAGLIA, 1984, p. 68).

¹⁶¹ PEREIRA, S., 2019, p. 18.

¹⁶² PEREIRA, S., 2019, 18; 20.

¹⁶³ LOBO MÉNDEZ, p. 35.

Da mesma forma, o querigma continuou a ser pregado, na missão da Igreja, até o século V, principalmente, no âmbito da catequese¹⁶⁴. Entre os séculos II e V, o querigma fez parte de um processo de catecumenato voltado “para candidatos ao batismo”¹⁶⁵, que incluía, ainda, os “ensinamentos e ações de Jesus Cristo, a missão e a doutrina dos Apóstolos, o ministério e os escritos dos padres da Igreja e o testemunho de inúmeros outros fiéis”¹⁶⁶.

No entanto, no século IV, com a aceitação da liberdade religiosa e, posteriormente, com a proclamação do catolicismo como religião oficial do Império romano, e, a partir da predominância da cristandade no ocidente, nos séculos posteriores¹⁶⁷, o uso do querigma foi entrando em declínio, juntamente com o catecumenato¹⁶⁸. A partir desse período, muitas pessoas abraçavam a fé católica não por uma adesão a Cristo, e, sim, para “conquistar a simpatia dos poderosos, fácil acesso aos cargos públicos e evitar inimizades”¹⁶⁹.

No contexto dos séculos XIX e XX, diante do surgimento da globalização (EG, n. 67)¹⁷⁰, da urbanização (CNBB, DGAE 2019-2023, n. 27-40)¹⁷¹ e da influência de ideologias como o ceticismo¹⁷² e o indiferentismo religioso¹⁷³, dentre outras, a Igreja percebeu a nova

¹⁶⁴DICIONÁRIO DE TEOLOGIA FUNDAMENTAL. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 722.

¹⁶⁵ DICIONÁRIO DE TEOLOGIA FUNDAMENTAL, 1994, p. 722; PEREIRA, S., 2019, p. 20.

¹⁶⁶ SILVA, Fênkyis de Oliveira. **Catequese, uma abordagem histórico-conceitual a partir das fontes da Revelação e do Magistério**. Goiânia: PUC-GO, 2019, p. 29.

¹⁶⁷ DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE. São Paulo: Paulus, 1989, p. 106.

¹⁶⁸ NAVARRO CASTELLANOS, Alfonso. **Plano diocesano de missão e pastoral integral: reformar e renovar a Igreja para uma nova evangelização no poder do Espírito para um encontro com Cristo vivo e conversão para comunhão e solidariedade**. São José dos Campos: SCP, 2013, p. 32.

¹⁶⁹ BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. **A catequese na vida da Igreja: notas de história**. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 46; SILVA, 2019, p. 32.

¹⁷⁰ A globalização é um processo que começou a se desenhar na época das navegações, quando os europeus decidiram expandir seus domínios sobre um novo mundo. (GARCÍA CANCLINI, Néstor. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007, p. 41). Atualmente, a globalização envolve a circulação de pessoas e mercadorias entre países e continentes e abarca ainda decisões e influências ligadas à política, à cultura, à comunicação, dentre outros fatores sociais, implicando em consequências positivas e negativas para as pessoas (cf. DAp, n. 60-61).

¹⁷¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023**, 2019. Doravante citada apenas pela sigla CNBB, DGAE 2019-2023, mais numeração. Para se conhecer um pouco mais sobre a relação urbanização e evangelização, que pede uma Pastoral Urbana, o leitor pode consultar o Documento de Aparecida, n. 509-519. No terceiro capítulo, pretende-se realizar uma abordagem acerca da cultura urbana.

¹⁷² Corrente filosófica fundada por Pirro, no final do século IV a.C., que prega que “sentido e razão não podem dizer nem a verdade nem a falsidade” (REALE, Giovane. **História da Filosofia Antiga: os sistemas da era helenística**. São Paulo: Loyola, 1994, p. 409). Com isso o que resta à pessoa é não acreditar na razão e nem nos sentidos e continuar “sem opinião, ou seja, abster-se do juízo” (REALE, 1994, p. 409). No contexto da religiosidade, dentre outros críticos, considera-se o ceticismo de David Hume, que critica as provas da existência e os discursos sobre a ideia de Deus (HUME, David. **Investigação acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1989, p. 70 e 145) e afirma que a religiosidade não pode ser provada “nem do ponto de vista histórico nem do ponto de vista fenomenológico” (MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de teologia filosófica**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 87).

¹⁷³ O indiferentismo religioso é “a perda de significado dos conceitos centrais para a religião, como por exemplo, transcendência, pecado, redenção, sacramentos, além, etc. O indiferentismo marginaliza a pergunta religiosa e,

proposição do querigma é urgente (cf. CNBB, SD 4, n. 1; 7; 15-16)¹⁷⁴. Diante deste mundo cada vez mais “descristianizado” (EN, n. 51), a Igreja proclama o acontecimento histórico-salvífico e a vida de Jesus (cf. CNBB, SD 4, n. 17), visto que o querigma “ultrapassa os limites do tempo e do espaço, abraça toda a história da humanidade e oferece aos homens uma esperança viva de salvação” (CNBB, SD 4, n. 17).

Perante essas realidades, a Igreja notou a necessidade permanente de “um anúncio querigmático, explícito e claro, do Senhor Jesus, sua pessoa e sua missão” (CNBB, SD 4, n. 4), como um aspecto fundamental “e determinante da experiência de fé, da vida e da missão da Igreja” (CNBB, SD 4, n. 2), que a Esposa de Cristo anuncia a crentes e não-crentes (cf. EN, n. 54-55). Por isso, a Igreja é chamada a pregar, necessariamente, o querigma aos não-batizados, àqueles que vivem na indiferença religiosa (DGC, n. 61), pois lhes oferecerá “o primeiro passo para suscitar a fé inicial em Jesus Cristo, e a partir da adesão à fé ele será a fonte de onde emana o sentido de viver segundo os seus ensinamentos”¹⁷⁵. Igualmente, diante de uma sociedade secularizada (cf. EG, n. 64)¹⁷⁶, torna-se necessário a Igreja direcionar o querigma, da mesma forma, aos batizados “que não foram evangelizados” (CNBB, SD 4, n. 4), visto que, oferecer-lhes-á a possibilidade de recomeçar a caminhada eclesial a partir de Cristo (CNBB, SD 4, n. 3)¹⁷⁷.

portanto, a questão da existência de Deus, na medida em que a considera irrelevante”. (ROMERA, Luis. **Fé cristã e cultura contemporânea**. Atualidade Teológica, XV, 38, Rio de Janeiro, mai/a ago-2011, p. 261).

¹⁷⁴ DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE. São Paulo: Paulus, 1989, p. 108-110. Após o Concílio Vaticano, o Papa São Paulo VI falou da necessidade de um “anúncio explícito de Jesus Cristo” (EN, n. 22) direcionado aos que “estão longe” (EN, n. 51) do Evangelho e a um “mundo descristianizado” (EN, n. 52).

¹⁷⁵ PEREIRA, S., 2019, p. 18.

¹⁷⁶ A secularização é “processo histórico pelo qual o mundo toma consciência de sua consistência e de sua autonomia” (KLOPPENBURG, Boaventura. **O cristão secularizado**. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 17). Neste processo, o homem, a sociedade e a cultura procuram se libertar do mito, da religião, da metafísica ou “da religião e da metafísica ou das normas ou das instituições dependentes do âmbito sacro ou religioso” (KLOPPENBURG, 1970, p. 17). A termo secularização foi utilizado, pela primeira vez, em sentido profano em detrimento ao espiritual, nas preparações para o Tratado de Vestifália, no século XVII da era cristã (SANTOS, Marcus Vinícius Andrade. **A nova evangelização e o processo de secularização à luz do Sínodo dos Bispos de 2012**. São Paulo: PUC-SP, 2014, p. 18). A partir de uma “guinada antropológica”, colocou-se “o homem no centro de todas as importantes e possíveis transformações históricas que se deveriam efetuar” durante a história da humanidade (SANTOS, M. V., 2014, p. 19). Em sua versão mais extrema, quando se vive um secularismo, vê-se o “mundo como pura imanência elimina-se” o caráter religioso e sagrado de qualquer relação social. Sem a presença do sagrado, o secularismo causou “um impacto” marcante nos cristãos e “na comunidade eclesial” (SANTOS, M. V., 2014, p. 27), por exemplo, por meio do relativismo. Ademais, para a sociedade, o desprezo pelos valores do cristianismo provocou um individualismo que enfraquece “o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares” (SANTOS, M. V., 2014, p. 53), atingindo, principalmente os jovens e os adolescentes (EG, n. 64).

¹⁷⁷ Sobre esta realidade, o Diretório para Catequese afirma: “de fato, por um lado, aqueles que hoje pedem ou já receberam a graça dos sacramentos muitas vezes não têm uma experiência explícita de fé ou não conhecem intimamente sua força e calor; por outro lado, um anúncio formal que se limita à enunciação de conceitos da fé não permite uma compreensão da própria fé, que é, em vez disso, um novo horizonte de vida que se revela, a partir do encontro com o Senhor” (DPC, n. 56).

Além do mais, os cristãos de hoje são convocados a fazerem ressoar a finalidade do querigma para batizados e não-batizados, ou seja, “suscitar a fé em Jesus Cristo enquanto Messias e Filho de Deus”, Senhor e Salvador (cf. CNBB, SD 4, n. 19)¹⁷⁸. Por isso, ao receber o anúncio querigmático, o destinatário é convocado a cultivar e manter acesa a chama da fé (CNBB, SD 4, n. 19). A partir dessa experiência de fé, a pessoa é chamada a aceitar Cristo em sua vida (CNBB, SD 4, n. 24). Com isso, “seguir a Cristo é a consequência concreta da atitude de acolher o querigma e acreditar no anúncio da Ressurreição” (CNBB, SD 4, 35), colocando-se “a caminho para anunciar a boa nova do Evangelho, indo incansavelmente ao encontro dos outros, especialmente dos pobres e sofredores, e daqueles que estão distantes da experiência do seguimento de Cristo” (CNBB, SD 4, n. 72). Assim, a pessoa é chamada a anunciar essa experiência querigmática com Cristo, por meio da pregação do querigma, quiçá, na catequese, porque existe uma ligação essencial entre querigma e catequese (DPC, n. 67).

2.2 Abordagem sobre de catequese querigmática

A partir da pregação do querigma, fala-se da necessidade de existência de uma catequese querigmática (SD, n. 49)¹⁷⁹. De acordo Alberich, já no período que se estende entre a Segunda Guerra Mundial e o Concílio Vaticano II, surgiram movimentos catequéticos que pediam uma transmissão da fé, na catequese, utilizando-se de uma matriz mais querigmática, a fim de “reencontrar”¹⁸⁰ a visão renovada e, ao mesmo tempo, originária da proposição do anúncio apostólico, que conduz à adesão de fé a Cristo. Sobre essa necessidade da catequese querigmática, Carmo afirma “parece impossível uma catequese cristã sem querigma”¹⁸¹, visto que, de acordo com o Documento de Santo Domingo, essa atividade eclesial pode chegar a seus destinatários de maneira “superficial, incompleta quanto a seus conteúdos, ou puramente intelectual, sem força para transformar a vida das pessoas e de seus ambientes” (SD, n. 41). Retomando a explanação de Carmo, ela afirma que a catequese carrega o querigma em si, pois “toda catequese é, de alguma forma, evangelizadora ou querigmática”¹⁸². Ademais, para

¹⁷⁸ PEREIRA, S., 2019, p. 18.

¹⁷⁹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, **Documento de Santo Domingo**, 1993. Doravante mencionado apenas pela sigla SD, mais numeração; MORAES, Abimar Oliveira de; CALANDRO, Eduardo Antônio. **A Iniciação à Vida Cristã a partir de Aparecida**: perspectivas catequéticas após o primeiro decênio da Conferência. *Pesquisa em Teologia*, 1, 1, Rio de Janeiro, jan./jun-2018, p. 6.

¹⁸⁰ ALBERICH, 2004, p. 84 e 97.

¹⁸¹ CARMO, Solange Maria do. **Um mundo secularizado que desafia a catequese**. IN: *Pistis e Praxis, Teologia e Pastoral*, 7, 1, Curitiba, jan./abr-2015, p. 257.

¹⁸² CARMO, 2015, p. 257.

realizar o seu fim particular, a catequese precisa também ser querigmática, para “aprofundar não um conhecimento, mas uma experiência de Deus”¹⁸³.

Além do mais, assegura-se que a catequese querigmática é um modelo catequético que conduz a pessoa a optar, solidamente, pela fé (DGC, n. 62; DPC, n. 57). Essa opção de fé se inicia a partir de uma experiência com o amor de Deus, de um desejo interior de conversão (DGC, n. 62) e da adesão a Cristo (CNBB, SD 4, n. 23).

Conforme o Diretório para a Catequese, de 2020, o modelo de catequese querigmática “manifesta a ação do Espírito Santo, que comunica o amor salvífico de Deus em Jesus Cristo e que continua a se doar pela plenitude da vida e cada pessoa” (DPC, n. 2) envolvida no processo catequético. Sendo assim, quando se prega o querigma na catequese, o Espírito derrama esse amor que se antecipa ao desejo dos corações das pessoas (cf. Rm 5,5; LF, n. 20).

De acordo com o Papa Francisco, na catequese querigmática, a Igreja é chamada a apresentar a “iniciativa de amor gratuito”, que se manifestou em Cristo (DPC, n. 166; CT, n. 19)¹⁸⁴ e que se antecede (cf. LF, n. 20) a “qualquer obrigação moral e religiosa” (cf. EG, n. 165). Nesse sentido, o Santo Padre motiva o anúncio de um amor que não impõe uma verdade, e, sim, conduz a pessoa a escolher essa verdade livremente, na alegria, no estímulo, na vitalidade e numa “integralidade harmoniosa” (cf. EG, n. 165), por saber que a Verdade a levará a uma experiência de transformação interior (cf. AG, n. 4). Com isso, por intermédio do anúncio querigmático dentro da catequese, permite-se que o Senhor entre “em diálogo com a liberdade” (CNBB, SD 4, n. 22) da pessoa e coloque no coração dela o desejo de participar da vida dele (cf. Jo 14,6; 2Pd 1,4) e, conseqüentemente, ter uma nova vida nele (cf. Fl 1,21).

No âmbito desse desejo interior, sob o impulso do anúncio do querigma, a catequese pode se tornar um espaço, onde, livremente, a pessoa permite que o Espírito provoque uma “conversão inicial” (DGC, n. 61)¹⁸⁵ e que, num caminho pedagógico, transforme a vida dessa pessoa (DGC, n. 89; CNBB, SD 4, n. 33). Sendo assim, a pessoa experimenta um “acontecimento de salvação” (CNBB, SD 4, n. 28), que se desenvolve, pedagogicamente, iluminando e transformando “a vida e o ambiente no qual ela vive” (CNBB, SD 4, n. 28). Igualmente, aquele que se converte, começa um caminho (cf. DGC, n. 82) que o levará a conhecer o Deus que atua na história da humanidade e que tem um plano de salvação para ele.

¹⁸³ CARMO, 2015, p. 257.

¹⁸⁴ JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica Catechesi Tradendae**. São Paulo: Paulinas, 1981. Doravante mencionada apenas pela sigla CT, mais numeração.

¹⁸⁵ ALBERICH, 2004, p. 94.

No contexto dessa história de salvação, quando se prega o querigma e o Espírito Santo suscita a “conversão”, a partir disso, a catequese pode oferecer “um fundamento e fazer amadurecer” (DGC, n. 80) a adesão a Jesus. Sendo assim, percebe-se que a catequese se apresenta como um ambiente próprio para a pregação do querigma, que proporciona à pessoa concretizar uma verdadeira adesão a Cristo na própria vida (cf. CNBB, SD 4, n. 29). Ao aderir, progressivamente, a Cristo, a pessoa reconhece o senhorio dele em sua vida¹⁸⁶, participa da sua natureza divina (2Pd 1,4), torna-se um verdadeiro cristão (cf. CNBB, SD 4, n. 19 e 23) e discípulo-missionário (DAp, n. 362), sempre pronto para anunciar “a alegria do Evangelho” (EG, n. 20) no ambiente catequético.

Ao propor a redescoberta deste querigma na catequese, Francisco fala do “papel fundamental” (cf. EG, n. 165) que o primeiro anúncio ocupa na atividade catequética: proporcionar uma experiência singular com o amor de Deus, que provoca a conversão e a adesão a Cristo, voltada para o discipulado¹⁸⁷. Quando ocorre essa atuação potente, central e preponderante do querigma sobre a atividade da catequese, vivencia-se uma catequese querigmática (cf. EG, n. 165).

Por isso, para se concretizar uma catequese mais consistente, o Santo Padre aposta na pregação de um querigma “em sentido qualitativo” (EG, n. 164; DPC, 67). Para o pontífice, o querigma qualitativo não é, necessariamente, um primeiro anúncio cronológico, que, meramente, antecede-se à catequese (cf. EG, n. 164). Ademais, não é um anúncio que pode ser esquecido ou substituído por outros conteúdos que, supostamente, superam-no (cf. EG, n. 164). No âmbito da catequese, o querigma “qualitativo” (EG, n. 164; DPC, n. 67) é o conteúdo “mais sólido, mais profundo e mais sábio” (EG, n. 165) que ilumina a atividade catequética e que colabora na assimilação adequada do “sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese” (EG, n. 165).

Ainda de acordo com o Pontífice, o querigma qualitativo é o principal anúncio, que “sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra” (cf. EG, n. 164), em todas as etapas da catequese (iniciação, primeira Eucaristia, perseverança e crisma), como um elemento gerador da fé (DPC, n. 57) em crianças, jovens e adultos. Nessas etapas, promove-se uma preparação contínua que se volta não para uma simples recepção de sacramentos, mas para um “caminho

¹⁸⁶ COSTA, Valeriano dos Santos. **A fé como porta da salvação**. In: Revista de Cultura Teológica, XXI, 81, São Paulo, jan/jun, 2013, p. 13.

¹⁸⁷ MORAES; CALANDRO, 2018, p. 6.

de formação e de amadurecimento”, que visa a “iluminação da vida a partir da fé cristã” (EG, n. 160; DGAE, 2015-2019, n. 44 e 84)¹⁸⁸.

A partir disso, a catequese introduz a pessoa “no conhecimento da fé e no aprendizado da vida cristã, favorecendo um caminho espiritual que provoca uma ‘progressiva transformação de mentalidade e costumes’, feita de renúncias e de lutas, mas também de alegrias que Deus concede sem medida” (DGC, n. 56, c). Sendo assim, a catequese querigmática se apresenta como uma atividade eclesial em que se planta e se faz brotar a fé cristã, como um “dom destinado a crescer no coração” (DGC, n. 56) da pessoa.

Logo, numa perspectiva querigmática, a catequese não é, simplesmente, um encontro no qual se explanam conteúdos voltados para um mero aprendizado, mas um “acontecimento de vida e de salvação” (CNBB, SD 4, n. 27-28), em que se celebra o nascimento para a fé no contexto da experiência catequética do indivíduo (cf. DPC, n. 57). Dessa forma, nessa catequese, o querigma não é um simples momento preliminar e, sim, um aspecto constitutivo da catequese que leva a pessoa a crer em Cristo (cf. DPC, n. 57). A partir disso, pode-se falar em uma “educação” catequética (cf. DGC, n. 63), pautada no símbolo da fé, nos sacramentos, na vida moral e na oração (DPC, n. 144) e voltada para a recepção sacramental¹⁸⁹.

Diante disso, o querigma se mostra ser essencial para a atividade catequética (cf. DGC, n. 61), pois ele colabora na concretização da natureza da catequese: “fazer ressoar” (do grego, *katechein*) a fé na salvação de Cristo. De modo natural e constante, a catequese acompanha, educa e forma os seus destinatários, na fé e para fé, pois tem a missão de anunciar a salvação que Cristo operou em sua Páscoa, a fim de que a pessoa creia nessa Verdade, e, conseqüentemente, sua vida seja transformada pela escuta deste anúncio (DPC, n. 55).

Ainda sobre essa essencialidade do querigma, afirma-se que este favorece ainda a finalidade da catequese: proporcionar um encontro “primeirante” (cf. EG, n. 3; 24), amoroso, pessoal e vivo com Jesus Morto e Ressuscitado (cf. DPC, n. 75-76), um encontro que é capaz de transformar a vida da pessoa¹⁹⁰. O Papa Francisco convida “todo cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou,

¹⁸⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2015-2019, 2016. Doravante mencionada apenas pela sigla CNBB, DGAE 2015-2019, mais numeração.

¹⁸⁹ Na época da Igreja primitiva, no decorrer do processo de catecumenato do neófito, o primeiro passo consistia no querigma, cujo fundamento era a “fé em Cristo Morto e Ressuscitado”. A partir daí, seguiam-se outros passos da catequese e recepção dos sacramentos. MIRANDA, Marcos Venício de Oliveira. **A igreja no período antigo**: o catecumenato na evangelização. IN: Espaço Teológico, 6, 10, 2012, p. 71.

¹⁹⁰ FISICHELA, Rino; RUIZ ARENAS, Octavio. **Apresentação** IN: PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, **Diretório para a catequese**, 2020.

pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de procurá-Lo dia a dia sem cessar” (EG, n. 3)¹⁹¹. Esse encontro é incentivado ainda pelo Papa Bento XVI, que afirma: “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE, 1)¹⁹². A partir deste encontro, que é a “experiência fundante da vida cristã”¹⁹³, a pessoa é chamada a aderir a Cristo e a conhecê-lo profunda e sistematicamente, para assumir “os mesmos sentimentos” do Mestre (cf. Fl 2,5) e a se tornar um verdadeiro “discípulo missionário” d’Ele (cf. DPC, n. 75; CT, n. 19; DAp, n. 362), para anunciá-Lo na família, na catequese e em outros lugares e ambientes.

2.3 Destinatários da catequese querigmática

A partir desta experiência querigmática, no âmbito da catequese – na qual a pessoa se encontra com o amor “primeirante” e gratuito (cf. EG, n. 24; DPC, n. 166), adentra num caminho de conversão e adere à proposta de Salvação e de senhorio de Cristo em sua vida –, aquele que experimentou o querigma é chamado a se tornar missionário dessa experiência e anunciá-la (a experiência querigmática) às pessoas envolvidas na catequese: bispos, sacerdotes, catequistas, pais e catequizandos. Como batizados e não-batizados, essas pessoas são destinatárias do querigma no âmbito da catequese (cf. EN, n. 54-55; DPC, n. 61; CNBB, SD 4, n. 3-4).

O bispo é o primeiro catequista da diocese e, por isso, é convocado a fomentar o trabalho catequético e a conhecer novas e “diferentes formas de catequese necessárias aos fiéis segundo os princípios e normas emanadas da Sé Apostólica” (DPC, n. 114). Igualmente, na sua atividade catequética, o bispo é chamado a transmitir o Evangelho, a elaborar planos diocesanos de catequese, “vigiar cuidadosamente sobre a qualidade e instrumentos para a catequese” (DPC, n. 114) e preparar os catequistas da sua diocese (CD, n. 14)¹⁹⁴, para que tudo isso colabore na manutenção do “depósito da fé” (cf. 1Tm 6,20).

Falando aos bispos sobre a catequese, São João Paulo II pediu-lhes que cultivassem uma “verdadeira paixão pela catequese; uma paixão, porém, que se encarne numa organização

¹⁹¹ CASULA, 2018, p. 60.

¹⁹² BENTO XVI. **Carta encíclica Deus Caritas Est**. São Paulo: Paulinas, 2007. Doravante mencionada apenas pela sigla DCE, mais numeração.

¹⁹³ CASULA, 2018, p. 60.

¹⁹⁴ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto Christus Dominus**: sobre o múnus pastoral dos bispos na igreja, 2012. Doravante mencionado apenas pela sigla CD, mais numeração.

adaptada e eficaz, que empenhe na atividade as pessoas, meios e instrumentos e também os recursos financeiros necessários” (CT, n. 63). Para cultivar essa paixão, o Papa Francisco aconselha-lhes que experienciem um encontro amoroso com Jesus, para que se deixem “encontrar por Ele, de procurá-Lo dia a dia sem cessar” (EG, n. 3) e, apaixonadamente, empenhem-se, nessa missão, juntamente com o seu presbitério e os leigos da sua diocese.

Na qualidade de primeiro “sujeito ativo” em todas as etapas da catequese na paróquia (cf. DPC, n. 116; 124), o padre é chamado a desejar, conscientemente, uma experiência constante e a se empenhar para transmitir o querigma “em sentido qualitativo” (EG, n. 164; RM, n. 44)¹⁹⁵. Como membro batizado, no decorrer da sua formação permanente, propõe-se, ao sacerdote, a experiência com o anúncio de Cristo como Salvador e, conseqüentemente, que ingresse no discipulado fiel e na pedagogia do Mestre (cf. DPC, n. 166)¹⁹⁶. E, como ministro consagrado, convicto e fervoroso, ele é chamado a testemunhar o “poder” que transformou sua vida, para o rebanho a ele confiado (cf. RM, n. 44; CNBB, SD 4, n. 33)¹⁹⁷.

O querigma está destinado ainda ao catequista, para que ele aprofunde a experiência com o primeiro anúncio, de tal maneira, que este anúncio se encarne no íntimo do catequista (EG, n. 165). Com isso, o querigma ilumina o seu trabalho catequético e, da mesma forma, faz com que ele compreenda, adequadamente, o “sentido” dos temas catequéticos a ele apresentados (cf. EG, n. 165). A partir dessas experiências, como participante da missão de Cristo, o catequista introduzirá os catequizandos na relação com o Pai, a fim de fazê-los perceber “os sinais da ação de Deus já presentes” na vida deles (cf. DPC, n. 112 e 179). Além disso, proporá “o Evangelho como força transformadora de toda a existência” (DPC, n. 179) e que oferece o sentido verdadeiro e integral para a vida de seus catequizandos.

Além do bispo, do padre e do catequista, as famílias são destinatárias de uma formação catequético-querigmática (cf. AL, n. 58). Nas palavras do Papa Francisco, o querigma deve sempre se fazer presente “diante das famílias e no meio delas” (cf. AL, n. 58), a fim de que seus membros experimentem a graça do encontro pessoal com Jesus (EG, n. 3; DCE, 1; CNBB, SD 4, n. 23).

Além do mais, a promoção da catequese querigmática auxilia a família numa missão particular e determinante, ou seja, colabora para com a abertura de coração dos pais ao “dom que Deus concede mediante o sacramento do Matrimônio” (DPC, n. 228): anunciar a fé aos

¹⁹⁵ JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Redemptoris Missio**. São Paulo: Paulinas, 1991. Doravante mencionada apenas pela sigla RM, mais numeração.

¹⁹⁶ NAVARRO CASTELLANOS, Alfonso, MSpSC. **Sacerdotes novos para uma Igreja nova**: o que o povo de Deus espera de um sacerdote? São José dos Campos: SCP, 2001, p. 21.

¹⁹⁷ NAVARRO CASTELLANOS, 2001, p. 17.

filhos de maneira simples e espontânea (cf. FC, n. 38)¹⁹⁸ e transmitir o Evangelho, “radicando-o no contexto de profundos valores humanos” (DPC, n. 227). Ao se proporcionar essa experiência de aprofundamento da fé e até mesmo de primeiro anúncio, na família, pode-se envolver “os pais no caminho de iniciação” (DPC, n. 232, d) ou, ousadamente, devolver, aos genitores, o papel que eles adquiriram ao celebrarem as núpcias, ou seja, o de protagonistas na evangelização e da educação catequética dos filhos, para levá-los “à plenitude da maturidade humana e cristã” (cf. FC, n. 2 e 53; DPC, n. 124).

Assim como os pais, os filhos (crianças, adolescentes e jovens) estão inclusos também neste contexto familiar (cf. FC, n. 53). Essas crianças, adolescentes e jovens estão imersos numa sociedade secularizada, que nega a ação do transcendente e, conseqüentemente, produz uma “deformação ética, um enfraquecimento do sentido de pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo, e tudo isso provoca uma desorientação generalizada” (EG, n. 64), especificamente, nestas faixas etárias. Além disso, essas “novas gerações são, fortemente, marcadas pelas mídias sociais e pelo chamado mundo virtual” (DPC, n. 265). Neste sentido, ao mesmo tempo em que uma multidão de oportunidades (estudo, trabalho e de outras relações pessoais) são oferecidas aos nativos e aos imigrantes digitais, essa “cultura digital” os coloca diante de graves riscos (de exposição a crimes, de violências e abandonos ou até mesmo da “visão distorcida” da vida real)¹⁹⁹. Por isso, a prole é, também, destinatária do querigma no âmbito da catequese, a fim que esta tenha um encontro pessoal com Cristo e O tenha como “opção fundamental” (VS, n. 65)²⁰⁰ de suas vidas.

Com relação às crianças, a princípio, recorda-se que elas “têm direito a uma apresentação simples e verdadeira da fé” (CT, n. 36) e que “o exemplo dos adultos é a melhor escola para a formação” inicial²⁰¹, que, primeiramente, acontecerá em casa. Dessa maneira, “a vivência cristã dos pais é o mais forte instrumento evangelizador”²⁰², para se iniciar um caminho educativo desse “direito à fé” do qual as crianças são portadoras e que possibilitará, a elas, o desenvolvimento das faculdades humanas “numa relação vital com Deus”²⁰³.

¹⁹⁸ JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica Familiaris Consortio**. São Paulo: Paulinas, 2012. Doravante mencionada apenas pela sigla FC, mais numeração.

¹⁹⁹ Cf. DPC, n. 265, 359-361 e 367-368.

²⁰⁰ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Veritatis Splendor**. São Paulo: Paulinas, 2009.

²⁰¹ COORDENAÇÃO ARQUIDIOCESANA DE CATEQUESE E INICIAÇÃO CRISTÃ. **Diretório Arquidiocesano de Iniciação Cristã e de Catequese**, 20. Goiânia: Arquidiocese, 2016.

²⁰² COORDENAÇÃO ARQUIDIOCESANA DE CATEQUESE E INICIAÇÃO CRISTÃ. **Diretório Arquidiocesano de Iniciação Cristã e de Catequese**, 20. Goiânia: Arquidiocese, 2016.

²⁰³ COORDENAÇÃO ARQUIDIOCESANA DE CATEQUESE E INICIAÇÃO CRISTÃ. **Diretório Arquidiocesano de Iniciação Cristã e de Catequese**, 21. Goiânia: Arquidiocese, 2016.

A partir disso, utilizando-se de sinais, símbolos e gestos, a catequese tem a missão de conduzir a criança a ter uma experiência com Deus, gradual e pedagogicamente, em encontros mistagógicos e querigmáticos (DPC, n. 82 e 242)²⁰⁴. Esses encontros poderão ajudá-la “a perceber e a desenvolver o sentido de Deus e a intuição natural de sua existência” (GE, n. 3)²⁰⁵.

Com os adolescentes e pré-adolescentes, a catequese é convocada a ter a audácia de “apontar para o essencial” (DPC, n. 247) e plantar “as sementes de uma visão de Deus que mais tarde amadurecerá” (DPC, n. 247) no coração deles, ou seja, o querigma. Por meio deste anúncio, visa-se mostrar que Jesus é um irmão amoroso e “um amigo que ajuda a viver melhor as relações, que não julga, mas é fiel e valoriza os recursos e os sonhos, levando à realização dos desejos da beleza e do bem” (DPC, n. 247)²⁰⁶.

Com os jovens, a formação catequética ressoa em dois eixos: querigma e crescimento no amor fraterno (cf. DPC, n. 253). Sendo assim, a catequese é chamada a aprofundar o querigma com os jovens, para favorecer uma “experiência fundante do encontro com Deus através de Cristo morto e ressuscitado”. Na prática do amor fraterno, faz-se necessário incentivá-los à missão humanitária, que os colocarão a serviço do próximo e do mundo, de maneira apaixonada (DPC, n. 252-253).

2.4 Pedagogia da catequese querigmática

Após apresentar os aspectos inerentes à catequese querigmática e ainda os destinatários deste modelo, “diante dos desafios atuais” (EG, n. 20; DPC, n. 179)²⁰⁷, vê-se a necessidade de uma pedagogia a se aplicar na catequese, para fazer chegar esse primeiro anúncio aos referidos destinatários. Essa pedagogia catequética é contemplada por uma pedagogia salvífica divina, que tem o poder de inspirar “profundamente a ação educativa” (DPC, n. 157) da catequese, para fazê-la colaborar no “diálogo de salvação entre Deus e o gênero humano” (DPC, n. 165).

²⁰⁴ COORDENAÇÃO ARQUIDIOCESANA DE CATEQUESE E INICIAÇÃO CRISTÃ. **Diretório Arquidiocesano de Iniciação Cristã e de Catequese**, 21. Goiânia: Arquidiocese, 2016.

²⁰⁵ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Declaração Gravissimum Educationis**: sobre a educação cristã, 2012.

²⁰⁶ O Diretório para a Catequese cita ainda o processo de acompanhamento, que será abordado no III capítulo deste presente trabalho.

²⁰⁷ Para conhecer os desafios atuais que Igreja é chamada a enfrentar, o leitor pode consultar os números da *Evangelii Gaudium* citados na nota de rodapé número “9” deste trabalho.

Para ser uma atividade que ultrapasse o mero esforço humano e se porte como uma pedagogia salvífica, a catequese necessita ser iluminada pelo farol do primado da graça divina, visto que, por meio da sua misericórdia e com o seu amor, Deus precede o homem sempre (cf. 1Jo 4,10.19; EG, n. 112-113)²⁰⁸. Claramente, Ele toma a iniciativa de “primeirar” (EG, n. 24), ou seja, o seu amor age primeiro e vence o amor do homem sempre²⁰⁹. Segundo o Papa Francisco, o Pai manifestou o “primeirar” (EG, n. 24) da graça divina no Filho: “Jesus Cristo é sempre o primeiro, antecipa-nos, espera por nós, Jesus Cristo precede-nos sempre; e quando nós chegamos, Ele já está ali à nossa espera”²¹⁰.

Por isso, pautando-se nesta manifestação da graça divina, a catequese querigmática deve ser “uma catequese da graça, pois pela graça somos salvos, e pela graça nossas obras podem produzir frutos para a vida eterna” (CEC, 1697). Segundo o Diretório “Catequético” de 2020, a verdade transmitida na catequese “começa com a iniciativa amorosa de Deus e continua com a resposta humana que vem da escuta e que é sempre fruto da graça” (DPC, n. 174), pois, na catequese, essa ação salvífica alcança os seus destinatários, que, posteriormente, desejarão produzir frutos, “até cem por um” (Lc 8,8), que o conduzirão à eternidade.

Dentro desse processo pedagógico salvífico, catequético e querigmático, afirma-se que essa “iniciativa divina”²¹¹ se concretiza, também, com a ação amorosa do Espírito Santo na vida da pessoa (DPC, n. 162). Sobre essa ação pneumatológica, o Diretório para a Catequese afirma:

A ação do Espírito Santo em cada pessoa a impulsiona a aderir ao verdadeiro bem, à comunhão do Pai e do Filho, sustentando-a com ação providencial, para que possa corresponder à ação divina. Agindo no íntimo da pessoa e nela habitando, o Espírito Santo a vivifica, conformando-a ao Filho e a ela trazendo todos os dons da graça, permeando-a de reconhecimento, que é, ao mesmo tempo, consolo e desejo de realizar cada vez mais profundamente sua semelhança a Cristo (DPC, n. 162).

Nestes processos de adesão e de conformação à Pessoa de Cristo, o Espírito Santo convida o homem a uma experiência de amor, na qual o Consolador derrama essa graça no coração do ser humano (cf. Rm 5,5). Igualmente, como foi dito acima, neste derramamento, pedagogicamente, o Espírito Santo opera a salvação na vida deste homem, renovando-o e

²⁰⁸ BENTO XVI. **Meditação na primeira Congregação geral da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos**. 8 de outubro de 2012.

²⁰⁹ CASULA, 2018, p. 57.

²¹⁰ FRANCISCO. **Discurso ao Movimento Comunhão e Libertação**. 7 de março de 2015.

²¹¹ BENTO XVI. **Meditação na primeira Congregação geral da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos**. 8 de outubro de 2012.

convertendo-o em nova criatura, bem como, o Paráclito conduz o indivíduo a assumir a vida no espírito, ou seja, a condição de filho no Filho e de “criatura pneumatológica” (cf. DPC, n. 163), conduzida por essa “Força do Alto” no querer e no agir (cf. Lc 24,49; Fl 2,13).

De acordo com o Papa Francisco, a pessoa pode vivenciar esta experiência querigmática num “encontro fraterno e missionário” (EG, n. 128), numa pregação informal, durante uma conversa ou “quando um missionário visita um lar” (cf. EG, n. 127). Além disso, Navarro Castellanos indica a proposta de “retiros de evangelização querigmática”²¹² de fins de semana, quando se pode direcionar o querigma para bispos, padres, catequistas, catequizandos e pais, a fim de levá-los a experimentar o primeiro amor e um “acontecimento de salvação” (CNBB, SD 4, n. 28) em suas vidas. Nesses momentos, tem-se a possibilidade, não somente de um encontro com a ação amorosa do Pai e do Espírito Santo, mas também a oportunidade de se fomentar um encontro de conhecimento da vida, da morte e da ressurreição do Filho (EG, n. 3)²¹³, para que esses destinatários da catequese querigmática conheçam e experimentem, verdadeiramente, à “dimensão fontal e constitutiva da esperança pascal”²¹⁴: a vida de Cristo Salvador.

Sobre a experiência de conhecimento da Pessoa de Jesus, o Santo Padre afirma:

Não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n’Ele ou não o poder fazer (EG, n. 266).

Sendo assim, motiva-se uma experiência constante do querigma na vida desses destinatários. Nessa experiência, eles perceberão a diferença que o conhecimento da vida e do amor de Cristo pode realizar em suas referidas existências.

Esses destinatários notarão ainda que a experiência com a vida e o amor de Jesus será a “primeira motivação” (EG, n. 264) que o cristão recebe para anunciar o Evangelho. Esse amor constrange a pessoa a “amá-Lo cada vez mais” (EG, n. 264) e a torná-Lo conhecido e, por isso, a pessoa deseja transmitir esse Bem aos outros.

Dessa forma, em resposta a essa experiência com a Palavra em Pessoa, os bispos, os padres, os pais e os catequistas são chamados a anunciar o Evangelho a crianças, adolescentes e jovens, a partir dos valores (DPC, n. 227). Aliás, os destinatários da catequese querigmática são motivados a se empenharem na formação das consciências das gerações mais jovens, para

²¹² NAVARRO CASTELLANOS, 2013, p. 41.

²¹³ HARRINGTON, 1985, p. 427.

²¹⁴ CASULA, 2018, p. 57.

levá-las a evitar o mal e fazer o bem, “mediante uma diligente caridade” (GS, n. 16; DPC, n. 84)²¹⁵. Indica-se, ainda, que os responsáveis pela educação catequética dessa geração podem se utilizar de uma linguagem adequada para a realidade dos mais jovens (cf. DPC, n. 245), a fim de fazê-los entender o conteúdo catequético sem constrangimentos e nem aborrecimentos. Com relação aos jovens, podem-se ainda promover “eventos que, de vez em quando, lhes proporcionem um lugar onde não só recebam uma formação, mas também lhes permitam compartilhar a vida, celebrar, cantar, ouvir testemunhos reais e experimentar o encontro comunitário com o Deus vivo” (ChV, n. 204)²¹⁶.

No entanto, a experiência querigmática (estampada no rosto dos pais, dos catequistas, do padre ou do bispo) revelará que a pedagogia da catequese querigmática vai além de uma atitude meramente humana (EG, n. 133). Igualmente, essa experiência precede uma pregação em que se utiliza uma linguagem customizada para as crianças, jovens ou adolescentes (cf. DPC, n. 245). Sendo assim, o primeiro anúncio não é uma simples adesão a uma verdade ou uma mera transmissão de palavras e, sim, “um conteúdo” que se adere e se transmite, progressivamente, na história de vida “pessoal e eclesial”²¹⁷. Por isso, o querigma pede o testemunho de pessoas “credíveis”, que conjugam fé e vida naquilo que pregam, de tal maneira que a linguagem acessível e transmitida na internet ou nas redes sociais, sejam meios ou não fins em si mesmos (cf. DPC, n. 370). De acordo com o Papa Francisco, “quem quiser pregar, deve primeiro estar disposto a deixar-se tocar pela Palavra e fazê-la carne na sua vida concreta. Assim, a pregação consistirá na atividade tão intensa e fecunda que é ‘comunicar aos outros o que foi contemplado’” (EG, n. 150). E o Pontífice diz, ainda, que não é necessário “que sejamos imaculados, mas que não cessemos de melhorar, vivamos o desejo profundo de progredir no caminho do Evangelho, e não deixemos cair os braços” (EG, n. 150).

Conclui-se que o querigma é a base da evangelização em toda atividade eclesial, pois de acordo com o Papa São João Paulo II, “não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus” (EAs, 19)²¹⁸. E, desde a era apostólica, o querigma anuncia o aspecto fundamental da fé cristã: a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Cristo, ao terceiro dia (cf. 1Cor 15,3-4). Sem essa certeza, a fé cristã seria vã (cf. 1Cor 15,14). Não obstante

²¹⁵ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição pastoral Gaudium et Spes**: sobre a Igreja no mundo de hoje. Doravante mencionada apenas pela sigla GS, mais numeração; FERNANDEZ, Aurélio. **Moral fundamental**: iniciação teológica. Lisboa: Diel, 2004, p. 151-152.

²¹⁶ FRANCISCO. **Exortação apostólica pós-sinodal Christus vivit**. São Paulo: Paulinas, 2019.

²¹⁷ CASULA, 2018, p. 55.

²¹⁸ JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Ecclesia In Asia**. 6 de novembro de 1999.

importância das contribuições teológicas da época da Idade Média (que também têm o seu valor particular), o retorno do querigma à missão da Igreja foi um sopro do Espírito Santo sobre a Esposa de Cristo. Nestes tempos de secularização, o anúncio do amor de Deus pela humanidade e a proposta de salvação e de adesão a Cristo soam como as melhores indicações para um mundo que retorna ao paganismo.

Além do mais, a centralidade do querigma em todas as etapas da catequese antecipa o “primeirar” (cf. EG, n. 3; 164-165) da graça de Deus, que atua em sua Igreja, especificamente, na missão natural da catequese de fazer a ressoar a fé na salvação, para crianças, adolescentes, jovens e adultos. Outrossim, a pregação querigmática torna-se um momento em que se põe em prática a finalidade da catequese, ou seja, proporcionar um encontro com Jesus, com um acontecimento de salvação, que dá sentido à vida dos catequizandos (cf. DCE, n. 1; EG, n. 3; CNBB, SD 4, n. 28).

Contudo, antes de anunciar esse querigma, os destinatários deste anúncio precisam experimentá-lo em suas próprias vidas. Eles são convocados a experimentarem, primeiramente, a graça de Deus, o poder transformador e salvífico do Espírito Santo e ainda conhecerem a Pessoa de Cristo, para assumirem os mesmos sentimentos dele (Fl 2,5). Como pessoas configuradas ao Filho, padres, catequistas, bispos, pais e catequizandos sentirão o desejo de ser instrumento de Deus, para fazer ressoar esta experiência aos corações que precisam do Cristo.

Nessa missão, ressalta-se a importância da linguagem e dos meios de comunicação (redes sociais, internet e outros), que os ajudarão a falar de Cristo a seus interlocutores e a educá-los para o “bom uso dessas ferramentas” (cf. DPC, n. 216; 245). Mas, para além das palavras, o testemunho ou, pode-se dizer, a santidade de vida falará mais forte (NMI, n. 30-31), principalmente, o testemunho dos pais (cf. DGC, n. 55). Para se tornarem pessoas “credíveis” (DPC, n. 370), sacerdotes, catequistas e pais são chamados a sempre voltarem ao primeiro amor que os alcançou (Ap 2,4-5; 1Jo 4,10. 19), e, a partir desse amor que se antecipa a eles (LF, n. 20), serem discípulos missionários da alegria do Evangelho, que pregam os valores e que se empenham na formação das consciências das gerações futuras (DPC, n. 84 e 227). Depois disso, pode-se pensar em uma catequese de cunho mais doutrinal. E, assim, esse espiral virtuoso da catequese querigmática – que se inicia com a gratuidade do amor de Deus e se reinicia com o anúncio pautado na experiência e no retorno constantes ao amor do Senhor – pede, necessariamente, a proposta de uma catequese missionária.

3 IGREJA EM “SAÍDA”: POR UMA CATEQUESE MISSIONÁRIA

Depois de refletir sobre a Igreja “em saída” e acerca da “catequese querigmática”, neste capítulo, pretende-se abordar sobre o fomento de um modelo de catequese missionária. Primeiramente, a partir da observação de uma cultura que se desenvolve num espaço urbano, onde se manifestam as periferias existenciais e geográficas (EG, n. 30) e num momento histórico de retorno ao paganismo, visa-se apresentar e analisar o surgimento e o desdobramento de realidades de pobreza material, espiritual e espiritual, principalmente no contexto da pandemia de COVID-19.

Na sequência, apresentar-se-á uma abordagem conceitual e prática da catequese missionária em si. Por isso, procura-se conceituar a catequese missionária como uma proposta que se insere na atividade missionária da Igreja e que visa descobrir as sementes do Evangelho existente no coração das pessoas. Além disso, sobre a perspectiva de uma conversão missionária da catequese, fala-se da “iniciativa” de uma comunidade, que se manifesta na saída missionária do catequista, para encontrar cada catequizando e conhecer as realidades de periferias existenciais e geográficas, a fim de evangelizar, catequizar e oferecer um cuidado social, espiritual e existencial.

Como desdobramento e como parte constitutiva da catequese missionária, mostra-se a necessidade de uma “catequese existencial”. Sobre a “catequese existencial”, discorre-se a respeito do conceito deste modelo de catequese e fala-se ainda da atuação do catequista numa missão existencial. Além disso, para anunciar o sentido da vida humana, faz-se uma abordagem teológica deste aspecto catequético, que se pauta na vida, no sofrimento, no olhar para a cruz de Jesus e na promessa que se deriva deste aspecto da Páscoa de Cristo.

E indica-se ainda a promoção de uma pedagogia catequética missionária. No delineamento dessa pedagogia, aponta-se para a promoção de formações doutrinárias, missionárias e humanas direcionadas aos catequistas. Ademais, afirma-se que essa pedagogia ocorre a partir de uma cultura do encontro e de uma arte da escuta, a serem vividos por sacerdotes e leigos e de um acompanhamento catecumenal, social e existencial do catequista para com os seus catequizandos.

3.1 Cultura neopagã, cultura urbana e as realidades encontradas pela catequese missionária

Antes de iniciar a sua atividade missionária, o catequista é chamado a perceber a realidade em que o mundo está imerso (DNC, n. 90)²¹⁹. Segundo Joseph Ratzinger (Papa Emérito Bento XVI) e Koffermann, a sociedade atual “está vivendo um momento histórico que poderia”²²⁰ ser classificada como “era neopagã”²²¹. De acordo Koffermann, “o paganismo se caracteriza pelo culto aos diversos deuses”²²². E comentando as palavras de Ratzinger, a teóloga assegura que essa cultura atual neopagã diz respeito a um jeito de viver “caracterizado pela forte ênfase no aspecto material, gerando um reducionismo antropológico, que abstrai do ser humano qualquer dimensão espiritual”²²³ e, conforme Bento XVI, afasta de qualquer influência de Deus e retira quaisquer esperanças “da dimensão propriamente espiritual e do horizonte ultraterreno”²²⁴.

Como fruto da radicalização secularista e de uma “ditadura do relativismo”²²⁵, a sociedade neopagã promove um culto ao eu. Sobre esse culto, Koffermann afirma:

A idolatria do eu é sutil, envolve o ser humano sem que ele se dê conta. O sentido da vida gira em torno da própria felicidade, dos próprios desejos; o outro é periférico, e

²¹⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional de Catequese**, 2016. Doravante mencionado apenas pela sigla DNC, mais numeração.

²²⁰ KOFFERMANN, Márcia. **Fé e cultura uma relação entre os escritos de Joseph Ratzinger e Bento XVI**. Porto Alegre: PUC-RS, 2018, p. 75.

²²¹ BENTO XVI. **Luz do mundo: o Papa, a Igreja e os sinais dos tempos: uma conversa com Peter Seewald**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 80.

²²² KOFFERMANN, 2018, p. 75.

²²³ KOFFERMANN, 2018, p. 44.

²²⁴ BENTO XVI. **Discurso do Papa aos Participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho Cor Unum**. 19 de janeiro de 2013.

²²⁵ Joseph Ratzinger afirma que a ditadura do relativismo consiste numa manifestação ideológica impulsionada por ventos de doutrina como marxismo, liberalismo, libertinagem, ateísmo, agnosticismo dentre outras. Nesta manifestação, nega-se o caráter definitivo do ser e resta apenas o ego humano e a sua respectiva vontade como regra máxima para tudo. (RATZINGER, Joseph. **Homilia na Missa Pro Eligendo Pontífice**. 18 de abril 2005). Em virtude de uma compreensão falsificada da razão, nega-se a existência de uma verdade absoluta e esta não pode ser dita e nem se pode indicar o caminho para encontrá-la (SANTOS, Lúcio Lopes dos. **A dimensão eclesial da fé cristã em J. Ratzinger: o eu e o nós da fé face ao relativismo contemporâneo**. Lisboa: UCP, 2019, p. 2, 10, 15). Com isso, “verdade não é um bem público” (RATZINGER, Joseph. **Libertar a liberdade: fé e política no terceiro milênio**. São Paulo: Paulus, 2019, p. 108), ou seja, a única verdade que existe é a verdade do “eu”, do subjetivismo, pois tudo está centrado no indivíduo e a sua consciência se torna a norma universal para a ética humana. (SANTOS, L., 2019, p. 10-11 e 26). Sob um viés individualista e sem um estatuto para a verdade, surge uma liberdade que “é considerada como o bem mais elevado, mais importante e mais reivindicado, de tal maneira que se subordinam a ela todos os outros valores ou bens” (SANTOS, L., 2019, p. 11). Dessa forma instala-se uma tirania do “eu” e do “eu faço”, que “se impõe em todos os âmbitos da vida” (SANTOS, L., 2019, p. 11) das pessoas, inclusive dos cristãos. E, em meio a este contexto subjetivista e liberalista, “cristianismo é posto à prova, ou seja, relativizado. Procura-se uma experiência religiosa à carte, isto é, baseada nas preferências pessoais, fundadas estas nos sentimentos e na autossatisfação” (SANTOS, L., 2019, p. 6).

o “Grande Outro”, invisível, indiferente. Quando o “eu” se torna a medida de todas as coisas, o indivíduo fecha-se em si mesmo e não há espaço para Deus²²⁶.

A cultura neopagã provocou uma série de pobreza espirituais²²⁷ como uma fé “intimista, individualista e desencarnada” (CR, 130)²²⁸. Essa forma de viver a fé não é motivada pelo encontro com Cristo e, sim, por uma “mentalidade niilista, em que tudo é relativo”²²⁹, ou seja, não há uma verdade e uma esperança, para fundamentar a vida cristã, pois o fundamento é o “eu”²³⁰. Além disso, por serem agitados pelos “ventos de doutrinas” (Ef 4, 14) e pelas “correntes ideológicas”²³¹ relativistas e atuais, muitos batizados – que conhecem aspectos da fé cristã – protagonizam um “divórcio entre fé e vida”²³², pois não vivem conforme a fé que dizem professar, defendem um cristianismo de conveniência aos seus caprichos e se comportam de maneira igual aos que estão longe da fé²³³.

Percebe-se ainda um distanciamento do homem da vida de oração, pois “duas gerações de católicos não conhecem as orações fundamentais da Igreja”²³⁴. Neste contexto, constata-se que “grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e conduzindo uma vida distante de Cristo e do Seu Evangelho” (RM, n. 36) e até mesmo os adultos – que são responsáveis pela educação cristã das crianças e jovens (cf. FC n. 38; AL, n. 200) – não possuem um conhecimento de outros

²²⁶ KOFFERMANN, 2018, p. 75.

²²⁷ Este termo é tomado da obra CANTALAMESSA, Raniero. **A pobreza**. São Paulo: Loyola, 2014, p. 49.

²²⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catequese renovada**: orientações e conteúdo, 2011.

²²⁹ BENTO XVI. **Audiência Geral**. 17 de outubro de 2012. A palavra niilista devia da palavra latina *nihil*, que significa nada. A filosofia niilista foi difundida, principalmente, por Friedrich Nietzsche. Para pregar o niilismo, Nietzsche recorre ao famigerado termo “Deus está morto! Deus permanece morto! E nós o matamos!” (NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 125). Este termo se refere à aplicação da metafísica como fundamento suprassensível para as ideias (HEIDEGGER, Martin. **A sentença nietzchiana “Deus está morto”**. *Natureza Humana* 5, 2, jul/dez-2003, p. 478). Com isso, “A metafísica é o espaço histórico no interior do qual se torna destino o fato de o mundo supra-sensível, as idéias, Deus, a lei moral, a autoridade da razão, o progresso, a felicidade da maioria, a cultura, a civilização perderem o seu poder edificador e transformarem-se em nada” (HEIDEGGER, 2003, p. 483), o nada será o fundamento das ideias. No âmbito da moral, o filósofo de Roeken propõe um tranvalorização dos valores, a partir da qual os valores mais elevados (o bem, o belo e o verdadeiro) se desvalorizam até uma nova avaliação do nada, pois tais valores sustentam uma moral dos fracos. (NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, I, 7, p. 23; HEIDEGGER, 2003, p. 485). Dessa forma, matam-se também esses valores, em nome de uma vingança do homem comum sobre os fracos, os pobres e os feios, que eram considerados os abençoados (NIETZSCHE, 2009, I, 7 e 9, p. 23 e 25). Nesta transvalorização dos valores, a vontade de poder se torna o novo fundamento para o niilismo, pois tal vontade é a essência de uma nova hierarquia de valores na qual o indivíduo busca exercer esse poder como virtude (NIETZSCHE, 2009, I, 9-11, p. 25-27).

²³⁰ KOFFERMANN, 2018, p. 75

²³¹ RATZINGER, 2005.

²³² SANTOS, L., 2019, p. 26.

²³³ SANTOS, L., 2019, p. 26.

²³⁴ SANTOS, M. V., 2014, p. 52.

aspectos basilares da fé cristã, como os mandamentos, o credo e os sacramentos. Diante disso, pode-se afirmar que urge uma formação catequética missionária destinada aos pais (CACC, n. 25)²³⁵, que seja pautada numa “re-evangelização” (RM, n. 33) não somente doutrinal, mas também de oração, de testemunho e de formação da consciência (cf. DPC, n. 28-29; 58-59; 84; 86-87).

No contexto de influência desta realidade neopagã, observa-se também que os valores cristãos são atacados, fortemente, pelo materialismo e pelo hedonismo, que reduzem “a realidade só a este mundo, leva a gozar a vida ao máximo sem se importar com os outros”²³⁶ e as relações entre as pessoas se tornaram cada vez mais “frágeis e superficiais”²³⁷. Com isso, a desestruturação familiar se tornou frequente, “em decorrência da perda do sentido do amor, pela facilidade com que a lei favorece as separações e novas uniões, pela crise social e tantos outros fatores” (DNC, n. 95) e ainda se apontam para outros problemas familiares como a violência, as drogas e do sexo desenfreado (DNC, n. 95). Tais separações provocam uma desorientação afetiva nos filhos e colabora para com o aparecimento de novos “padrões sociais para a sexualidade e a família, muito diferentes dos ensinados pela Igreja” (DNC, n. 95). A desestrutura familiar fomentou as pobreza existenciais não somente em crianças e jovens, bem como em adultos, sejam eles ricos ou pobres, pois eles fazem parte de “uma sociedade que desvalorizou o ser humano como essência e que o mergulhou num vazio existencial”²³⁸.

A cultura urbana é um outro fenômeno que se desenhou no mundo atual (DAp, n. 509). Segundo o Documento de Aparecida, “a cultura urbana é híbrida, dinâmica e mutável, pois amálgama múltiplas formas, valores e estilos de vida e afeta todas as coletividades” (DAp, n. 58), que se desenvolvem no âmbito da cidade (DAp, n. 509-510).

Na cidade, os binômios sociais se relacionam e se questionam diariamente, ou seja, no ambiente urbano, paradoxalmente, há uma convivência entre a tradição e a modernidade; a globalidade e a particularidade; a inclusão e a exclusão; a personalização e a despersonalização; a linguagem secular e a linguagem religiosa, dentre outros fatores sociais

²³⁵ INTERNATIONAL COUNCIL FOR CATECHESIS. **Adult Catechesis in the Christian Community**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1990. Doravante citado pela sigla CACC, mais numeração. Segundo este documento, a catequese de adultos ocupa um lugar “central” (CACC, n. 25). Por isso, “no processo de catequese de adultos é importante o interesse e envolvimento da comunidade que acolhe e sustenta o adulto” (no original: “in the process of adult catechesis, but which is often overlooked, is the involvement of the community which welcomes and sustains adults”). (CACC, n. 28)

²³⁶ SANTOS, L., 2019, p. 26; MONDIN, Battista. **Os valores fundamentais**. Bauru-SP: Edusc, 2005, p. 161 e 166.

²³⁷ KOFFERMANN, 2018, p. 48.

²³⁸ SOUZA, Rubiel Cardoso de. **A secularização e o sagrado: uma relação dialética com implicações na religiosidade contemporânea**. Porto Alegre: PUC-RS, 2018, p. 56.

(cf. DAp, n. 512). O processo de urbanização revela a correria dos que trabalham e circulam nos veículos, bem como o surgimento de camadas abastadas, que buscam a segurança patrimonial e a comodidade, quando constroem condomínios e bairros particulares e customizados (EG, n. 75). Ao mesmo tempo, nas periferias geográficas, manifesta-se uma infinidade de pobreza materiais como a prostituição, o desemprego e a criminalidade²³⁹. Todas essas realidades de pobreza são frutos de uma economia excludente, que gera a idolatria ao dinheiro e, concomitantemente, as exclusões e a cultura do descarte, que reclamam, da Igreja, uma opção preferencial pelos pobres, que são os primeiros destinatários da caridade eclesial (cf. EG, n. 53-55 e 198; CA, n. 57; SRS, n. 42)²⁴⁰.

Com a pandemia, que se iniciou em 2020, as pobreza materiais se agravaram. Nas palavras do Papa Francisco, desvelaram-se “consequências que precisam ser enfrentadas: fome, especialmente para pessoas sem emprego permanente (trabalho precário, etc.), violência, o aparecimento de usurários (que são a verdadeira chaga do amanhã social, criminosos desumanos), etc.”²⁴¹

Em virtude da necessidade do distanciamento social, as reuniões por vídeo conferência aumentaram e, conseqüentemente, as formações eclesiais cresceram²⁴². Mas, a vivência religiosa e “os modos tradicionais de educar à fé através da catequese”²⁴³ sofreram impactos que não eram imaginados no surgimento da era digital, pois as pessoas estão fatigadas dos eventos on line e a catequese e também outras pastorais estão fragilizadas em virtude da falta de interesse dos leigos atuantes, não obstante a possibilidade de interação em tempo real (EG, n. 81)²⁴⁴.

Nestes tempos pandêmicos, o fenômeno das situações-limite (ansiedade, depressão, luto e suicídio) explodiram²⁴⁵, inclusive, entre as lideranças das paróquias. Estas realidades

²³⁹ GONÇALVES, Nuno André Fernandes. **A opção preferencial pelos pobres: o modelo pastoral do Papa Francisco e as suas raízes latino-americanas**. Lisboa: 2018, p. 13, 76 e 104.

²⁴⁰ JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Solicitudo Rei Socialis**. Petrópolis: Vozes, 1988; JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Centesimus Annus**. São Paulo: Paulinas, 2007. Sobre o tema da opção preferencial pelos pobres, o leitor pode consultar EG, n. 186-192; FRANCISCO. **Audiência geral: Catequeses: “Curar o mundo”, 3: a opção preferencial pelos pobres e a virtude da caridade**. 19 de agosto de 2020; CANTALAMESSA, 2014, p. 33-37.

²⁴¹ FRANCISCO. **Vida após a pandemia**. Vaticano: Vaticana, 2020, p. 28.

²⁴² SBARDELLOTTO, Moisés. **Práxis religiosa digital em tempos de pandemia: o caso católico**. IN: Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura, 10, 1, julho-2021, p. 3; DÍAZ TEJO, Javier. **Apresentação à edição chilena**. IN: DEPOIS DA PANDEMIA, QUE CATEQUESE? Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020, p. 14.

²⁴³ DÍAZ TEJO, Javier. **Apresentação à edição chilena**. IN: DEPOIS DA PANDEMIA, QUE CATEQUESE? Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020, p. 15.

²⁴⁴ SBARDELLOTTO, Moisés. **Práxis religiosa digital em tempos de pandemia: o caso católico**. IN: Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura, 10, 1, julho-2021, p. 17.

²⁴⁵ CALANDRO, Eduardo Antônio. **É possível um olhar positivo?** IN: DEPOIS DA PANDEMIA, QUE CATEQUESE? Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020, p. 26.

exigem uma atitude de compaixão e de cuidado (CNBB, CF-2020, n. 136)²⁴⁶. Com isso, essas situações desafiaram ainda mais a Igreja a promover uma “saída missionária” (EG, n. 20) ou, neste caso, uma “catequese em saída missionária” (DPC, n. 50), que se dirige ao encontro das pessoas atingidas por realidades-limites, para oferecer um conteúdo que ajude a compreender, existencialmente, a situação de quem se sentiu e ainda se sente impactado por esta pandemia, que, infelizmente, ainda é um fato real²⁴⁷.

3.2 Aspectos da catequese missionária

Em 1992, o Documento de Santo Domingo pediu uma catequese missionária, que requer um catequista capaz de “iluminar, a partir da Palavra de Deus, sua própria realidade pessoal, comunitária e social” (SD, n. 49). No contexto da catequese, faz-se “necessário formar os discípulos em uma espiritualidade da ação missionária” (DAp, 284) e como discípulo-missionário, o catequista é chamado a “conhecer a realidade e a sede dos novos interlocutores de hoje, e do como participar das alegrias e esperanças das pessoas deste nosso tempo”²⁴⁸.

A catequese missionária é uma “ação pastoral” (DGC, n. 49) que está inclusa na missão natural da Igreja (AG, n. 2), que é chamada a ser e se colocar “em estado de missão permanente” (DAp, n. 551). Por isso, “dentro desta perspectiva evangelizadora” (DNC, n. 29 e 39) eclesial, a catequese manifesta a “iniciativa” de uma comunidade que experimentou um encontro com o amor salvífico (cf. EG, n. 3 e 24) e o apelo missionário do Senhor, para fazer novos discípulos do Mestre (cf. Mt 28,19; DNC, n. 34). Além disso, a partir desta “iniciativa” (EG, n. 24), destemida e permanentemente, a catequese também se abre ao dinamismo missionário e se direciona às “periferias existenciais e geográficas” (EG, n. 30), a fim de “viver a fundo a realidade humana e se inserir no coração dos desafios como fermento de testemunho” (cf. EG, n. 75; DAp, n. 551). A partir dessa experiência querigmática, a catequese assume uma verdadeira tarefa missionária, que está inscrita na sua natureza, de tal maneira que, sem a ação missionária, a catequese cairia na esterilidade (DGC, n. 52 e 64).

Além do mais, conceitua-se a catequese missionária como uma catequese que se abre ao “dinamismo missionário” (DGC, n. 86) e que procura as sementes que existem “no coração

²⁴⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da Fraternidade 2020: Texto-Base**, 2019, p. 111 e 114.

²⁴⁷ OSPINO, Hosfman. **Catequese em tempos de angústia existencial**. IN: DEPOIS DA PANDEMIA, QUE CATEQUESE? Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020, p. 111 e 114.

²⁴⁸ MORAES; CALANDRO, 2018, p. 4.

de cada pessoa, antes mesmo que ela seja alcançada pelo Evangelho” (DPC, n. 50). A partir do ardor para a missão, o missionário se dispõe a acompanhar o nascimento e o amadurecimento de fé do outro.

Segundo Alberich, “diante dos novos desafios à catequese hoje, é importante colocá-la, antes de tudo, no contexto de um projeto pastoral corajoso e aberto, numa perspectiva de evangelização e de diálogo cultural”²⁴⁹. Por isso, pede-se uma “conversão missionária da catequese”²⁵⁰, que ultrapasse “os limites de uma pastoral catequética de conservação para uma pastoral decididamente missionária”²⁵¹, e que seja capaz “de suscitar discípulas e discípulos e gerar a consciência de vida cristã que culmina na missão”²⁵². A partir disso, os catequistas são motivados a se direcionarem a essas periferias geográficas e existenciais, para “enxergar Jesus no rosto” (cf. EG, n. 30; 91), bem como, aproximar-se de sua ovelha, para perceber as diversas “formas de pobreza” (CA, n. 57) existentes em seu rebanho.

A partir da sua índole de ser fermento no meio do mundo, o cristão batizado é protagonista (cf. LG, n. 31) desta catequese missionária, visto que, experimentou o amor, numa experiência querigmática, e recebeu o Espírito Santo no batismo e na crisma, “para difundir e defender a fé pela palavra e pela ação” (CEC, n. 1266 e 1303). Este cristão batizado tem o chamado a ser catequista (DPC, n. 112) e, por isso, ele toma a iniciativa de “primeirar” (EG, n. 24), de dar testemunho da fé eclesial gerada no seu coração e ainda a portar a alegria do Evangelho às periferias existenciais e geográficas, com o intuito de se envolver nos desafios particulares de seus catequizandos, iniciá-los na vida cristã e, assim, colher bons frutos de humanização e de salvação (cf. EG, n. 30 e 75; DPC, n. 21 e 112). Igualmente, o catequista é motivado a levar a presença de uma “Igreja encarnada em um espaço concreto” (cf. EG, n. 30) e, neste espaço, ele é chamado a ser pastor “com cheiro das ovelhas” (EG, n. 24), acompanhar e escutar cada realidade de seus catequizandos, para colaborar na cura das feridas (DGC, n. 86).

No contexto das periferias geográficas, o catequista tem o chamado a apresentar a globalização da solidariedade, que coloque a realidade material a serviço do bem comum, de tal maneira que os ricos ajudem, respeitem e promova os pobres (cf. EG, 58). A partir desta solidariedade, como representante da comunidade que primeireia (cf. EG, n. 24), o catequista pode ser a presença da Igreja, para manifestar essa caridade, diante do dilema da fome,

²⁴⁹ ALBERICH, 2013, p. 55.

²⁵⁰ ALVES, Rafael; CARMO, Solange Maria do. **Rumo a uma conversão catequética**: De preparação para os sacramentos ao encontro com Jesus Cristo. ESPAÇOS, 29, 1, 2021, p. 100.

²⁵¹ MORAES; CALANDRO, 2018, p. 17.

²⁵² MORAES; CALANDRO, 2018, p. 17.

articulando, com a comunidade, as formas para solucionar os problemas gerados por essa chaga existente na humanidade. Ademais, cabe a ele entrar em contato com pessoas que possam oferecer oportunidade de emprego e renda para os pais dos seus catequizando. Falando sobre o trabalho, o Papa Francisco afirma:

O trabalho é uma necessidade, faz parte do sentido da vida nesta terra, é caminho de maturação, desenvolvimento humano e realização pessoal. Neste sentido, ajudar os pobres com o dinheiro deve ser sempre um remédio provisório para enfrentar emergências. O verdadeiro objetivo deveria ser sempre consentir-lhes uma vida digna através do trabalho (LS, 128)²⁵³.

No âmbito da catequese missionária, o catequista é chamado ainda a oferecer encontros catequéticos, que acontecerão nas casas de ricos e pobres (CNBB, DGAE 2019-2023, n. 77). Guardando os devidos cuidados com relação aos abusos (cf. DPC, n. 141), mas com um “olhar contemplativo” (EG, n. 71) diante das pobreza espirituais, a catequese é motivada a se fazer presente, “com palavras e gestos”, (EG, n. 24) desde as favelas aos condomínios, para mostrar que Deus habita nas casas de seus catequizandos (EG, n. 71). Como representante da “Igreja em saída” (EG, n. 24), o catequista é chamado a “sair e alcançar todas as pessoas, casa por casa”²⁵⁴, “de pessoa a pessoa” (EG, n. 127-129) e evangelizar os “afastados, interessa-se por sua situação, a fim de reencantá-los com a Igreja e convidá-los a novamente a se envolverem com ela” (DAP, n. 226d). Nesta evangelização, ele poderá “alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos” (EG, n. 74) da vida de seus catequizando ricos e pobres, bem como de suas famílias, pois o “Evangelho é o melhor remédio” (EG, n. 75) para os diversos dilemas e “pobrezas escondidas” (DAP, 176) que essas pessoas enfrentam.

Com relação à pobreza espiritual, a catequese missionária pede também um retorno aos valores²⁵⁵ diante desta sociedade secularizada e relativista²⁵⁶. Estes valores foram transmitidos durante gerações e fazem parte do patrimônio antropológico, que foi construído pela Igreja, no exercício de sua missão de ser sal da terra, luz do mundo e cidade construída sobre o monte (cf. Mt 5,13-13)²⁵⁷. Segundo Bento XVI, deve-se promover e defender a dignidade, a vida, a verdade, a liberdade de cada pessoa humana, justiça e a paz, que

²⁵³ FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato Si**. São Paulo: Paulinas, 2015.

²⁵⁴ NAVARRO CASTELLANOS, 2013, p. 23.

²⁵⁵ BENTO XVI, 2011, p. 60.

²⁵⁶ SANTOS, M. V., 2014, p. 51.

²⁵⁷ RATZINGER, Joseph. **Olhar para Cristo**: exercício de fé, esperança e caridade. São Paulo: Quadrante, 2019, p. 83; SANTOS, M. V., 2014, p. 52.

governarão as relações entre as pessoas²⁵⁸. Estes valores serão transmitidos a partir do testemunho e da coerência dos anunciadores do Evangelho²⁵⁹.

Dessa forma, a catequese é motivada a colocar em prática a “iniciativa” (EG, n. 24) de chegar primeiro aos corações das crianças e dos jovens ricos e pobres e a apresentar os valores do Evangelho às novas gerações²⁶⁰. Nessa aproximação mais clara da vida cotidiana das famílias, a catequese pode ter um efeito mais incisivo, no processo de fazer ressoar o anúncio de Cristo, que se direciona às pessoas que habitam os lares ricos e pobres (DPC, n. 223). A partir dessa iniciativa, a catequese exercerá uma “diaconia da verdade”²⁶¹, ao indicar, aos mais jovens, a vivência dos valores fundamentais do cristianismo²⁶², a fim de que crianças e jovens tenham maturidade suficiente para “discernir as grandes mudanças ocorridas no mundo”²⁶³ e não se deixarem levar pelos ventos das ideologias²⁶⁴.

Indica-se ainda a existência de um momento ágape, quando se compartilha “conversas e lanches depois”²⁶⁵ do momento catequético. De maneira informal e livre, esta confraternização se apresentará como uma forma de combater o individualismo e, conseqüentemente, como uma oportunidade para favorecer o espírito de partilha de vida e de pertença à Igreja, que é comunidade de batizados e irmãos em Cristo e um espaço “de oração e de comunhão” (EG, n. 73-74).

A catequese poderá ainda colaborar para que a família cumpra a missão de ser espaço de educação e de vivência da fé (FC, n. 36-38; AL, n. 85). A partir de um modelo de “famílias missionárias” (AL, n. 208), ou seja, de famílias que se evangelizam mutuamente, a catequese missionária pode devolver aos pais o papel de protagonistas na educação e de ser os “primeiros catequistas dos próprios filhos” (FC, n. 38; DPC, n. 124). Com isso, devolverá à família o título de “Igreja doméstica” (LG, n. 11), que participa da missão evangelizadora da Igreja, ao transmitir os valores humanos e os aspectos da fé às novas gerações²⁶⁶. E estas novas gerações também poderão se inserir num contexto missionário, como atores de uma

²⁵⁸ BENTO XVI. **Discurso ao senhor Francis Rooney novo embaixador dos Estados Unidos da América junto da Santa Sé por ocasião da apresentação das cartas credenciais**. 12 de novembro de 2005.

²⁵⁹ SANTOS, M. V., 2014, p. 145.

²⁶⁰ KOFFERMANN, 2018, p. 49.

²⁶¹ SANTOS, M. V., 2014, p. 135.

²⁶² MONDIN, 2005, 9 e 163.

²⁶³ SANTOS, M. V., 2014, p. 135.

²⁶⁴ RATZINGER, 2005, 2.

²⁶⁵ CONSELHO DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Manual de Liturgia I: a celebração do mistério pascal: Introdução à celebração litúrgica**, 2007, p. 240. Caso a família não tenha condições financeiras, indica-se que a paróquia arque com os custos do momento ágape.

²⁶⁶ SANTOS, M. V., 2014, p. 15.

comunidade que primeireia (EG, n. 24), para evangelizar e catequizar outros jovens e crianças, a partir da vivência dos valores²⁶⁷.

Após apresentar os valores, o catequista é motivado a fomentar “o conhecimento da fé, a vida litúrgica, a formação moral, a oração, a pertença comunitária, o espírito missionário” (DGC, n. 85). No entanto, “a catequese não pode se limitar a uma formação meramente doutrinal, pois precisa ser uma verdadeira escola de formação integral” (Dap, 299), que “permita alcançar um fim determinado”: “uma iniciação cristã integral, aberta a todas as outras componentes da vida cristã” (CT, n. 21).

A partir desse desenvolvimento integral e orgânico da catequese, a catequese missionária ocorrerá de maneira permanente (DGC, 135), sem objetivos meramente sacramentais. Esta catequese se estabelecerá como uma “escola de formação de fé”²⁶⁸, que funciona como “um processo catequético orgânico e progressivo que se propague por toda a vida” (Dap, n. 298) e que seja capaz de oferecer um verdadeiro sentido para a vida (DNC, n. 15) aos destinatários da catequese.

3.3 Reflexão sobre a catequese existencial

Nas palavras do Papa Francisco, o homem de hoje (inclusive o cristão) corre o risco de cair na “desertificação espiritual” (EG, n. 86) e de mergulhar numa “tristeza individualista, isolada até no meio de uma quantidade de bens de consumo. Com frequência prevalecem estilos de vida que induzem a pôr a própria esperança em seguranças econômicas, no poder ou sucesso puramente terreno”²⁶⁹. Ao procurar a razão de sua vida na realidade material e ao tentar construir uma vida e uma sociedade “sem Deus” (EG, n. 86)²⁷⁰, o ser humano perde o rumo e o sentido de sua vida e percebe que é portador de uma existência órfã e desamparada (cf. EG, n. 170). Com isso, ele abre mão de ser peregrino, para se transformar em um errante, que gira, sem sentido, ao redor de si mesmo e sem chegar a lugar algum (cf. EG, n. 170).

Diante de uma vida errante e sem sabor, na qual o homem contemporâneo está inserido²⁷¹, percebe-se a necessidade de se empreender um modelo de catequese existencial,

²⁶⁷ SANTOS, M. V., 2014, p. 135.

²⁶⁸ NAVARRO CASTELLANOS, 2013, p. 84.

²⁶⁹ FRANCISCO. *Mensagem do Santo Padre ao Meeting para a Amizade entre os Povos*. Rímni, 24-30 de agosto de 2014.

²⁷⁰ WOODS JR, Thomas E. *Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental*. São Paulo: Quadrante, 2014, p. 208.

²⁷¹ SOUZA, 2018, p. 56.

que consiste numa catequese que se deixa interpelar pelos dramas da existência humana²⁷². Diante desses dramas, a catequese existencial é um modelo catequético que se insere na realidade da pessoa, “com os pés no chão e atenta às necessidades urgentes”²⁷³, para inspirar esperança no coração do ser humano.

A catequese existencial é, ainda, uma catequese que se baseia numa “intimidade itinerante” (EG, n. 23), que parte de Cristo e que impulsiona o catequista a “descobrir Jesus” (EG, n. 91) no rosto, na voz e nas reivindicações das pessoas. Dessa maneira, a catequese se torna uma oportunidade para experimentar as “alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias” (GS, n. 1) dos catequizandos e seus familiares. Neste apostolado, o catequista é convocado a “sofrer” (EG, n. 91) junto, a enxergar e a abraçar Jesus Crucificado nas realidades de sofrimento de seus interlocutores e ao mesmo tempo, fazê-los encontrar, na fé cristã, a “preciosidade que dá sentido à existência”²⁷⁴.

Segundo Ospino, neste tempo de pandemia de COVID-19, a catequese é convocada se manifestar de uma maneira encarnada, ou seja, aproximando-se da realidade de sofrimento que o povo encara²⁷⁵. Por isso, o catequista é chamado a acompanhar (cf. EG, n. 169; DPC, n. 50) as realidades que surgiram a partir da pandemia, que atingiram a ricos e pobres: o drama da iminência da morte, do luto, de doenças psicológicas, das consequências de uma convivência repentina e forçada ou do distanciamento de parentes, amigos e até mesmo da vivência comunitária da fé²⁷⁶.

A partir dessa experiência de encontro com a realidade, que brota de uma “Igreja em saída” (EG, 24) e que ocorre na manifestação de uma catequese existencial, o catequista é motivado a ir ao encontro dessas “periferias existenciais” (EG, n. 30), que se desenharam, principalmente, neste período de pandemia. Ao encontrar essas periferias, serena e positivamente, bem como, cultivando “um olhar cheio de compaixão” (DPC, n. 135c.e) e um respeito pela liberdade do catequizando, o catequista é chamado a se sensibilizar diante das perguntas e a se desafiar pelas realidades de vida do seu interlocutor. Diante dessa realidade, convida-se também o catequista a conservar “a suave e reconfortante alegria de evangelizar,

²⁷² OSPINO, Hosfman. **Catequese em tempos de angústia existencial**. IN: DEPOIS DA PANDEMIA, QUE CATEQUESE? Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020, p. 110-111.

²⁷³ OSPINO, Hosfman. **Catequese em tempos de angústia existencial**. IN: DEPOIS DA PANDEMIA, QUE CATEQUESE? Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020, p. 110-111.

²⁷⁴ SANTOS, Alex Cristiano dos; CARMO, Solange Maria do. **Conhecendo os paradigmas catequéticos**. IN: INTERAÇÕES, 11, 20, jul/dez-2016, p. 183-184.

²⁷⁵ OSPINO, Hosfman. **Catequese em tempos de angústia existencial**. IN: DEPOIS DA PANDEMIA, QUE CATEQUESE? Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020, p. 110.

²⁷⁶ OSPINO, Hosfman. **Catequese em tempos de angústia existencial**. IN: DEPOIS DA PANDEMIA, QUE CATEQUESE? Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020, p. 110.

mesmo quando for preciso semear com lágrimas” (EN, n. 80). Além disso, de maneira paciente e compreensível, o catequista é chamado a “reconhecer que a situação de cada pessoa diante de Deus e a sua vida de graça é um mistério que ninguém pode conhecer plenamente a partir do exterior” (EG, n. 172). Por isso, o catequista é chamado a contemplar o tempo de Deus na vida de seus destinatários e a desenvolver, nela, uma confiança na escuta atenta, à qual a pessoa pode se abrir paulatinamente.

Entretanto, a prudência nas palavras não pode ser um obstáculo para o catequista se distanciar “das chagas do Senhor” (EG, n. 270) que se manifestam nas situações-limite de cada vida humana. Com isso, pede-se uma catequese que entre em contato com a miséria humana (EG, n. 270) presentes nas vidas sofridas dos catequizandos e de seus familiares.

Por isso, para aplicar esse modelo catequético, o catequista é motivado renunciar aos “abrigo pessoais ou comunitários” (EG, n. 270) que o distanciam dos dramas dos seus interlocutores, pois é chamado a conhecer a “força da ternura” (EG, n. 270) de viver “a intensa experiência de ser povo” (EG, n. 270). Dessa forma, motiva-se o catequista a se aproximar, para acolher e a se disponibilizar para caminhar junto (DPC, n. 135c) com as famílias de seus catequizandos, tendo o objetivo de escutar os gritos de angústia, abraçar e sofrer junto com os catequizandos e familiares.

O catequista é chamado também a falar sobre a ação providencial de Deus na história e da esperança no amor infinito do Senhor²⁷⁷. Segundo o Papa Francisco, “Deus pode atuar em qualquer circunstância, mesmo no meio de aparentes fracassos” (EG, n. 279). Misteriosamente, diante dos esforços e dos sofrimentos humanos, Deus promove uma fecundidade invisível e derrama as suas bênçãos em outro “lugar do mundo” (EG, n. 279), aonde a pessoa nunca poderia chegar com as suas palavras e atitudes. Por isso, sabiamente, nas palavras do catequista, pode ressoar que Deus tem um plano de salvação para cada um de seus filhos e, dentro deste plano, o Senhor sabe o que é o melhor para cada ser humano e, “ao mesmo tempo, respeita a liberdade de cada um e as leis”²⁷⁸ da criação.

Além do mais, o catequista tem a vocação de levar o catequizando a conhecer a vida de Jesus (cf. 1Jo 1,2), uma vida que se dedica à humanidade, pois o Cristo é o “Bem que humaniza” (EG, n. 264) e alcança os anseios mais profundos do coração do homem (EG, n. 265). No Mestre, o ser humano encontra o auxílio e a esperança (EG, n. 121) diante das

²⁷⁷ OSPINO, Hosfman. **Catequese em tempos de angústia existencial**. IN: DEPOIS DA PANDEMIA, QUE CATEQUESE? Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020, p. 112.

²⁷⁸ OSPINO, Hosfman. **Catequese em tempos de angústia existencial**. IN: DEPOIS DA PANDEMIA, QUE CATEQUESE? Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020, p. 112.

situações-limite: morte, luto, depressão e outras realidades existenciais²⁷⁹. Ademais, o catequista tem a chance de levar o seu catequizando a compreender a grande descoberta do ser cristão: “a vida não é mesma coisa sem” (EG, n. 121) Jesus.

O catequista pode demonstrar também que “a vida que Deus dá ao homem, é muito mais do que uma existência no tempo. É tensão para uma plenitude de vida; é germe de uma existência que ultrapassa os próprios limites do tempo” (EV, n. 34)²⁸⁰. Esta vida é mais do que bios (vida física, propriamente dita) e se dilata para a concepção de zoe (cf. Jo 10,10)²⁸¹, ou seja, para uma vida transcendental, que ultrapassa a própria existência carnal e que eleva o homem à eternidade.

E o catequista pode ainda convidar o catequizando e seus familiares a olharem para o sofrimento, a partir de uma ótica cristã, contemplando a crucificação de Cristo (cf. SDol, 16)²⁸². Dessa forma, o catequista tem a missão de conduzi-los a entenderem que o sofrimento do Senhor tem a finalidade de salvar da humanidade das amarras do pecado e da morte (cf. SDol, n. 14-16). Ao enxergarem a dor e do sofrimento sob a ótica cruz de Cristo, os seus interlocutores poderão encontrar o verdadeiro sentido para esta vida, contemplar o horizonte da esperança e acreditar que o sentido da vida do homem não se encontra nas seguranças efêmeras (cf. EV, n. 32), mas num acontecimento, numa Pessoa (cf. DCE, n. 1), Cristo, que faz uma promessa que não dissolve (cf. Cl 1,15): a vida eterna.

3.4 Pedagogia da catequese missionária

Após refletir acerca das realidades das periferias/pobrezas “existenciais e geográficas” (EG, n. 30), sobre a perspectiva de uma “catequese missionária” e sobre a necessidade de “catequese existencial”, apresentam-se os elementos para aplicação de uma pedagogia da catequese missionária, a fim de se manifestar a atitude de “primeirar” de uma Igreja “em saída” (EG, n. 24), que se dirige aos afastados e excluídos e lhes anuncia a alegria do Evangelho (EG, n. 1 e 20), no contexto da catequese. Essa pedagogia se manifesta no conjunto formações voltadas para os catequistas (DPC, cap. IV), na promoção de uma

²⁷⁹ OSPINO, Hosfman. **Catequese em tempos de angústia existencial**. IN: DEPOIS DA PANDEMIA, QUE CATEQUESE? Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020, p. 110.

²⁸⁰ JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Evangelium Vitae**. São Paulo: Paulinas, 2009. Doravante mencionada apenas pela sigla EV, mais numeração.

²⁸¹ NOVO TESTAMENTO EM GREGO, (O). Barueri-SP: SBB, 2008.

²⁸² JOÃO PAULO II. **Carta apostólica Salvifici Doloris**. São Paulo: Paulinas, 2017. Doravante mencionada apenas pela sigla SDol, mais numeração.

“cultura do encontro” (EG, n. 220) e no exercício das artes da escuta e do acompanhamento (cf. EG, n. 169-171).

Em primeiro lugar, para se fomentar uma pedagogia catequético-missionária, conforme fora dito acima, pede-se que o bispo e o padre exerçam a missão de oferecer um itinerário formativo para os catequistas, que fazem parte do seu rebanho, para que aprofundem o amor a Deus e ofereçam “um testemunho mais claro do Evangelho” (EG, 121) aos catequizandos. Indica-se aos pastores que preparem, devidamente, os catequistas de suas dioceses e paróquias, para estes assumam uma vocação particular, “adquirindo perfeito conhecimento da doutrina da Igreja” (CD, n. 14; DPC, n. 122), no que diz respeito à Sagrada Escritura (DPC, n. 74a), aos sacramentos, aos mandamentos, à vida de oração e à profissão de fé. Pede-se, ainda, que bispos e padres favoreçam “uma espiritualidade missionária” (DCP, 113a) em seus catequistas, ou seja, que tenham uma verdadeira experiência com Deus que os tornem discípulos apaixonados “pela evangelização” (DCP, 113a) e capazes anunciar esse encontro com o Senhor e a “mensagem de salvação” (DAp, n. 14; DCP, 113c) aos seus catequizandos.

No entanto, essa preparação não se resume somente à doutrina, visto que solicita também um acompanhamento da maturidade de fé e de transformação interior, a partir da abertura ao Espírito. E, por fim, inclui ainda favorecer o aprendizado teórico e prático das “leis psicológicas e as ciências pedagógicas” (CD, n. 14; DPC, 116f e 135) para que sejam preceptores qualificados aos seus catequizandos, que oferecem um cuidado paternal e maternal e também uma formação humana integral para os catequizandos (DPC, 113b; n. 135).

Em segundo lugar, a partir dessa formação, promove-se uma “cultura do encontro” (EG, n. 220) no âmbito da catequese, que revela o rosto da atitude da Igreja “em saída” (EG, n. 24) que vai ao encontro das periferias “existenciais e geográficas” (EG, n. 30). Essa cultura do tem um fundamento cristológico, pois se baseia no encontro de Jesus, que se direcionou a outras aldeias (cf. Mc 1,38; EG, 20), para encontrar a viúva de Naim (Lc 7,1-11), a samaritana, a pecadora, o cego de nascença e as irmãs de Lázaro (Jo 4,1-26; 8,1-11; 9,1ss; 11,1-37), com o objetivo de lhes manifestar a sua compaixão, o seu perdão e até mesmo as suas lágrimas²⁸³. A partir da experiência com Cristo “missionário do Pai”²⁸⁴, como pastores com o “cheiro das ovelhas” (EG, n. 24), o bispo, o padre e o catequista também podem

²⁸³ FRANCISCO. **Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta**: por uma cultura do encontro. 13 de setembro de 2016.

²⁸⁴ FRANCISCO. **Mensagem para o Dia Mundial das Missões**. 18 de outubro de 2020.

vivenciar essa cultura do encontro e manterem contato com as periferias “existenciais e geográficas” (EG, n. 30) que se desvelam na catequese, principalmente, neste tempo de pandemia, “para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos”²⁸⁵. Os ministros do altar e da catequese (CT, n. 13) são convidados ainda a levarem a misericórdia e o “óleo da alegria”²⁸⁶ que curam as feridas do coração e da alma e também consolam as lágrimas²⁸⁷ de seus catequizandos e dos familiares destes. Igualmente, por meio da cultura do encontro, presbíteros e catequistas manifestam a presença próxima da Igreja que oferece o cuidado material para com aqueles que enfrentam o drama da pobreza material: a fome, o desemprego e outras dificuldades financeiras²⁸⁸.

Em terceiro lugar, os sacerdotes são chamados cultivar a arte da escuta (EG, n. 171), para curar tantos corações feridos pelos abusos, pelas doenças, traumas e outras problemas ligados às “periferias existenciais” (EG, n. 30; DPC, n. 141)²⁸⁹. No exercício do ministério sacerdotal e como precursores da pastoral da escuta²⁹⁰, no processo de direção espiritual, o bispo e o padre são convidados a escutar as angústias, os sofrimentos e os anseios do seu rebanho²⁹¹. E, ainda, a partir de uma abertura inteligente, livre e consciente do dirigido, cuidar da vida espiritual deste, para conduzi-lo à santidade²⁹². Ademais, convidam-se os sacerdotes a manifestar a paternidade²⁹³ e a misericórdia de Deus no confessionário, sendo instrumento de perdão de um Deus “que nunca se cansa de perdoar”²⁹⁴. Sendo assim, pede-se aos sacerdotes que, no âmbito da catequese, reservem “dias e horários para atender com atenção, sem pressa e com caridade pastoral”²⁹⁵ ao rebanho que pertence a esta atividade da Igreja.

Na verdade, nem sempre os sacerdotes têm tempo para escutar a todos²⁹⁶. Por isso, no cuidado catequético-pastoral, os ministros ordenados podem delegar essa escuta das

²⁸⁵ FRANCISCO. **Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações**: comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. 1 de junho de 2014.

²⁸⁶ FRANCISCO. **Homilia na Santa Missa Crismal**. 28 de março de 2013. FRANCISCO, Papa. **Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta**: por uma cultura do encontro. 13 de setembro de 2016.

²⁸⁷ FRANCISCO. **Angelus**. 5 de setembro de 2021.

²⁸⁸ GONÇALVES, 2018, p. 13, 76 e 104.

²⁸⁹ OSPINO, Hosfman. **Catequese em tempos de angústia existencial**. IN: DEPOIS DA PANDEMIA, QUE CATEQUESE? Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020, p. 110-111.

²⁹⁰ PEREIRA, José Carlos. **Pastoral da escuta**: por uma paróquia em permanente estado de missão. São Paulo: Paulus, 2019, p. 7.

²⁹¹ SANTOS, Manoel Augusto. **Curso sobre direção espiritual**: elementos para aconselhamento pastoral e acompanhamento espiritual. São Paulo: Cultor de Livros, 2019, p. 27.

²⁹² SANTOS, M. A., 2019, p. 28-31, 61 e 65; SANTOS, Elismar Alves dos. **Psicologia da religião**: direção espiritual e realização humana. Goiânia: Scala, 2012, p. 212.

²⁹³ SANTOS, E., 2019, p. 103.

²⁹⁴ FRANCISCO, Papa. **Audiência geral**. 20 de novembro de 2013.

²⁹⁵ PEREIRA, J., 2019, p. 13.

²⁹⁶ PEREIRA, J., 2019, p. 7.

peessoas aos leigos (neste caso, aos catequistas)²⁹⁷. Essa escuta não pode “ser confundida com confissão, terapia, orientação espiritual ou catequese”²⁹⁸, estritamente, falando. Todavia, após receber a devida preparação, a longo prazo e pautada na Teologia, na espiritualidade, em “noções básicas de psicologia e de outras ciências humanas, que ajudam no processo formativo e nas relações humanas”²⁹⁹, que podem colaborar para um conhecimento da pessoa e resguardando-se acerca dos abusos, os agentes de pastoral da escuta na catequese podem se colocar no processo de escuta paciente e atenta dos desabafos dos catequizandos e familiares³⁰⁰. Dessa forma, à luz da Palavra de Deus, os catequistas podem apontar um caminho e colaborarem no processo de cura, de superação das dificuldades e no crescimento humano-espiritual de seus interlocutores (DPC, n. 141; EG, n. 171)³⁰¹.

No quarto passo da pedagogia catequética missionária, visa-se capacitar os catequistas para acompanhar (EG, n. 169) os seus catequizandos. Esse acompanhamento é uma atitude constante de olhar, solidariamente, para o outro, com o intuito de contemplá-lo e “tornar presente a fragrância da presença solidária de Jesus e o seu olhar pessoal” (EG, 169) e esse acompanhamento se desenvolve no âmbitos doutrinal, social e humano-existencial. Em meio a um mundo secularizado, convida-se o catequista a ser um mestre, um educador e comunicador da fé para com os seus catequizandos e, a partir do testemunho de vida e de oração, ele os acompanhará o crescimento doutrinal e adesão à vida de fé de seus catequizandos de maneira pedagógica e progressiva, a fim de conduzi-los cada vez mais para Deus (DPC n. 33; 58-59; EG, n. 171; EAs, 20). Ainda que não seja possível, financeiramente, solucionar a pobreza material de seu catequizando, o catequista pode realizar um acompanhamento social ou exercício do espírito de caridade (GS, n. 88) para com o seu catequizando. Para isso, o catequista pode contar com o aporte financeiro da Igreja e, caso a comunidade não tenha condição, apela-se para a consciência de pessoas de boa vontade que gozam de abundância de bens materiais a doarem não somente o que for supérfluo, mas também o que for necessário aos marginalizados (GS, n. 88). O catequista pode acompanhar o catequizando e seus familiares (EG, n. 169-173; DPC, n. 50; 134) no aspecto humano-existencial, exercendo a cultura do encontro e a arte da escuta (EG, n. 171 e 220), a fim de dialogar e oferecer um sentido para a vida de quem se encontra em situações-limite. Além disso, colaborem, pacientemente, num processo de “formação cristã integral” (DGC, n. 237),

²⁹⁷ PEREIRA, J., 2019, p. 7.

²⁹⁸ PEREIRA, J., 2019, p. 11.

²⁹⁹ PEREIRA, J., 2019, p. 40.

³⁰⁰ PEREIRA, J., 2019, p. 7.

³⁰¹ PEREIRA, J., 2019, p. 7.

voltada para a maturidade humana, que torne os seus catequizandos “capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis” (EG, n. 171).

Diante do que exposto neste capítulo, considera-se que, sem pedir licença, a cultura neopagã invadiu os corações dos cristãos, para balançar as estruturas dos valores propostos pela Igreja e criou uma confusão moral. Por isso, além do retorno aos valores, propõe-se, às pessoas em geral, uma reeducação da consciência pautada nas virtudes, que são atitudes habituais e firmes “para fazer o bem” (CEC, n. 1803). Dessa forma, aponta-se para a prática das virtudes teologais e humanas³⁰², que serão transmitidas a partir de formações direcionadas a catequistas, catequizandos e familiares destes últimos.

No contexto de uma “catequese missionária”, que está inserida numa “cultura urbana”, para a transmissão desses valores e virtudes, demonstra-se a necessidade de se escolher catequistas que sejam, primária e suficientemente, evangelizados³⁰³. Sendo assim, pede-se aos ministros ordenados o estabelecimento de um ministério de evangelização que ocorrerá, por meios de retiros querigmáticos, nos quais se destinará uma pregação que conduza os catequistas a uma experiência com Cristo³⁰⁴.

Ainda no âmbito da catequese missionária, ofereça-se uma formação doutrinária e missionária, que desenvolva uma cultura ou “mentalidade missionária” (CNBB, DGAE, 2019-2023, n. 186), pois “quando cresce no cristão a consciência de se pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro” (Dap, n. 145). Com isso, conduzido pelo Espírito Santo, que é o verdadeiro protagonista dessa cultura/mentalidade (cf. EN, n. 75), pede-se ao catequista que se dirija a cada catequizando, para realizar um acompanhamento catecumenal, voltado para uma iniciação cristã consistente e para uma catequese permanente, sem objetivos sacramentais, pois os sacramentos serão ministrados depois da devida preparação dos catequizandos³⁰⁵.

Como desdobramento e como parte essencial dessa cultura/mentalidade, pede-se aos pastores que ofereçam uma preparação aos catequistas, para que se tornem pessoas equilibradas emocional e psicologicamente³⁰⁶. Dessa forma, o catequista desenvolverá um processo de escuta e acompanhamento sócio-humano-existencial, no qual demonstrará que a

³⁰² As virtudes cardeais se divide em fé, esperança e caridade. Sobre as virtudes humanas, indicam-se e as cardeais (prudência, justiça, fortaleza e temperança) ou outras não menos importantes, como a honestidade e humildade (cf. CEC, n. 1084-1829).

³⁰³ NAVARRO CASTELLANOS, 2013, p. 50.

³⁰⁴ NAVARRO CASTELLANOS, 2013, p. 46-51.

³⁰⁵ NAVARROS CASTELLANOS, 2013, p. 57.

³⁰⁶ NAVARROS CASTELLANOS, 2013, p. 51.

cruz de Cristo e o amor que Jesus demonstra (nessa entrega) manifestam o fundamento para o sentido da vida, diante dos diversos dilemas humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após finalizar a exposição sobre a Igreja “em saída”, e sobre o desenvolvimento da catequese querigmática e da catequese missionária, considera-se que a proposta de uma Igreja “em saída” encontra o seu fundamento no “Ide” de Jesus, que pediu aos seus discípulos, para anunciarem o Evangelho a todos os povos. Esse “Ide” também é o fundamento para o querigma, cujo conteúdo é o anúncio da Pessoa Jesus e do mistério da Paixão, Morte e Ressurreição, que é o centro da fé cristã. Consequentemente, o querigma é o alicerce para a missão da Igreja desde os seus primórdios e é a vivência dessa experiência de encontro com Cristo que motiva o cristão a ser discípulo missionário de Jesus. Outrossim, o encontro com Cristo, no querigma, e a “iniciativa” de primeirar ao encontro das periferias existenciais e geográficas são motivações que justificam a aplicação de uma “catequese missionária”, que vai encontro dos catequizandos e familiares, para lhes anunciar a alegria do Evangelho, formar a consciência e apresentar o sentido da vida em Jesus.

Para uma aplicação eficaz dessa Igreja “em saída” na catequese, sugere-se a implantação de um plano paroquial ou, quem sabe, diocesano de missão e de pastoral pautado na metodologia do SINE (Sistema Integral da Nova Evangelização). Nesta metodologia, a missão se realiza por meio de retiros querigmáticos, nos quais se promovem um encontro pessoal com Jesus, a conversão, uma adesão a Cristo na própria vida e, conseqüentemente, uma atitude renovada de consagração e de perseverança no caminho de salvação. Ademais, por meio do SINE, pode-se fomentar um ministério de evangelização, que é formado por pessoas que tiveram essa experiência querigmática, que receberam uma formação consistente e que se disponibilizam para a missão. Nesta missão, “os pastores” evangelizados se direcionam a todo o território da paróquia ou da diocese, para pregar a Palavra, para catequizar permanentemente e para acompanhar, social e espiritualmente, às ovelhas que, outrora, estiveram afastadas do rebanho e que, agora, foram alcançados pelo Evangelho.

Observando-se ainda a vivência do SINE no plano de pastoral, pode-se afirmar que os missionários chegam até os afastados devido à setorização racional e geográfica da paróquia. A partir dessa setorização, são criadas pequenas comunidades, que acontecem nas casas de pobres ou de ricos, em realidades urbanas ou rurais, com uma quantidade aproximada de quinze pessoas. De acordo com o testemunho de sacerdotes, ao comentarem acerca das pequenas comunidades, muitas pessoas (inclusive, crianças) relataram experiências

de encontro pessoal com Jesus, de crescimento na fé e de descoberta de um novo sentido para a vida.

Ao se aplicar o SINE na catequese, tem-se a oportunidade de se direcionar os retiros semanais e intensivos aos sacerdotes, catequistas, pais, catequizandos e também para outros leigos da paróquia, a fim de que tenham a experiência com Jesus e se tornem discípulos-missionários, no âmbito da catequese. Ao terem essa experiência querigmática e ao se vivenciar a catequese nas pequenas comunidades, conseqüentemente, muitos se disponibilizarão para assumirem a missão de catequistas, visto que os próprios membros das pequenas comunidades se sentirão chamados para essa vocação e aplicarão uma catequese querigmática, missionária e permanente, que eles próprios já viveram ou estão vivendo.

Ao se setorizar a catequese racionalmente, tem-se a possibilidade de se facilitar a experiência do cuidado personalizado que a catequese missionaria solicita. Sendo assim, os catequistas das pequenas comunidades podem escutar as angústias e acompanhar social, espiritual, catecumenal e existencialmente os seus catequizandos e familiares, pois eles fazem parte da mesma realidade socioeconômica dos pais dos catequizandos, que, também, podem ajudá-los. Entretanto, não se pretende afirmar, de maneira determinada, que um pobre não pode acompanhar e escutar um rico ou vice-versa, pois as situações se dirigirão conforme o Espírito Santo conduzir a experiência de evangelização catequética.

Na missão de escuta e do acompanhamento dos catequizandos, faz-se necessário que os catequistas contem com a colaboração e com a assessoria de profissionais da área de psicologia. Igualmente, indica-se que esses profissionais realizem um trabalho de promoção de conhecimento humano mútuos com os bispos e padres e até mesmo que se tornem catequistas nas pequenas comunidades.

Para que essa estrutura missionária e pastoral se realize na paróquia ou, quem sabe na diocese, pede-se que os sacerdotes tenham uma experiência com Jesus, que se apaixonem constantemente pelo Mestre e que se empenhem na aplicação desta metodologia, como o primeiro a experimentar o querigma, o primeiro a viver numa pequena comunidade e o primeiro que se dispõe para se direcionar às periferias existenciais e geográficas. No exercício dessa missão, pode-se motivar o padre a oferecer uma formação doutrinal consistente para os seus catequistas, a acompanhá-los espiritualmente, a ser alguém presente nas realidades de situação-limite, a escutar o seu rebanho presente nas pequenas comunidades, por meio da direção espiritual e da confissão e a empreender uma opção preferencial pelos pobres, segundo os valores do Evangelho.

Na catequização das crianças, indica-se também a aplicação da catequese sob modelo “bom pastor”. Neste modelo, que coloca Cristo como Mestre e Pastor, num ambiente próprio (o átrio) e se utilizando de materiais pedagógicos ligados ao ano e ao culto litúrgico e à leitura da Bíblia, pode-se oferecer uma oportunidade de se inserir a criança no espaço religioso, mistagologicamente, e evangelizá-las, pedagogicamente, segundo a sua idade e seu grau de compreensão.

E, conclui-se que, todo esse projeto encontrará sua consistência na confiança na graça salvífica de Deus, no testemunho e na vida de oração dos agentes envolvidos. Com isso, pede-se que padres, catequistas e família tenham a consciência de que são instrumentos da graça salvífica divina que os alcançou e que é objeto da atuação de Deus, em prol da salvação de muitos. Igualmente, conscientizem-se de que a pregação terá a eficácia a partir do testemunho de quem já viveu, anteriormente, o que se pregou. Motiva-se, ainda, a uma vida espiritual constante, com intuito de vencer as tentações interiores e exteriores, que tenha a finalidade de se alcançar a graça da perseverança de pastores e ovelhas e para se convencer de que aplicação da Igreja “em saída” na catequese não é um projeto humano e, sim, divino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERICH, Emílio. **Catequese evangelizadora**: manual de catequética fundamental. Tradução e adaptação: Luiz Alves de Lima. Ed. Digital. São Paulo: Salesiana, 2013.

ALLEGRI, Renzo. **Teresa dos pobres**: uma conversa com Madre Teresa de Calcutá. São Paulo: Paulinas, 1998.

ALVES, Rafael; CARMO, Solange Maria do. **Rumo a uma conversão catequética**: de preparação para os sacramentos ao encontro com Jesus Cristo. IN: ESPAÇOS-Revista de Teologia e Cultura, v. 29, n. 1, São Paulo, 2021, p. 97-111.

BASÍLIO DE CESAREIA. **Tratado sobre o Espírito**. 1ª. Ed. 4ª. Reimpressão. Tradução: Roque Frangiotti e Monjas Benedictinas. São Paulo: Paulus, 2019.

BATTAGLIA, Oscar. **Introdução aos Evangelhos**: um estudo histórico-crítico. Tradução: Carlos A. da Costa Silva. Petrópolis: Vozes, 1984.

BELMAIA, Nathany Andrea Wagenheimer; AMADOR, Cássio Henrique dos Santos. **O Concílio de Niceia definiu a regulamentação da data da Páscoa no século IV?** IN: Temporalidades – Revista de História, Ed. 35, v. 13, n. 1, Belo Horizonte, jan./jun.-2021, p. 706-728.

BENTO XVI. **Discurso ao senhor Francis Rooney novo embaixador dos Estados Unidos da América junto da Santa Sé por ocasião da apresentação das cartas credenciais**. 12 de novembro de 2005.

Disponível em:

[www.vatican.va/content/benedict-](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/november/documents/hf_ben_xvi_spe_20051112_ambassador-usa.html)

[xvi/pt/speeches/2005/november/documents/hf_ben_xvi_spe_20051112_ambassador-usa.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/november/documents/hf_ben_xvi_spe_20051112_ambassador-usa.html)

Acesso em: 14/10/2021

BENTO XVI. **Mensagem para a Quaresma de 2006**. 29 de setembro de 2005.

Disponível em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/lent/documents/hf_ben_xvi_mes_20050929_lent-2006.html

Acesso em: 28/06/2021

BENTO XVI. **Carta encíclica Deus Caritas Est**: sobre o amor cristão. 8ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção: A voz do Papa, 88).

BENTO XVI. **Luz do mundo**: o Papa, a Igreja e os sinais dos tempos: uma conversa com Peter Seewald. Tradução: Paulo F. Valério. Apresentação: Odilo Pedro Scherer. São Paulo: 2011.

BENTO XVI. **Meditação na primeira Congregação geral da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos**. 8 de outubro de 2012.

Disponível em:

[www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/october/documents/hf_ben-](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/october/documents/hf_ben_xvi_spe_20121008_meditazione-sinodo.html)

[xvi_spe_20121008_meditazione-sinodo.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/october/documents/hf_ben_xvi_spe_20121008_meditazione-sinodo.html)

Acesso em: 15/09/2021

BENTO XVI. **Audiência Geral**. 17 de outubro de 2012.

Disponível em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121017.html

Acesso em: 08/10/2021

BENTO XVI. **A infância de Jesus**. Tradução: Bruno Bastos Lins. 2ª. Reimpressão. São Paulo: Planeta, 2013.

BENTO XVI. **Discurso do Papa aos Participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho Cor Unum**. 19 de janeiro de 2013.

Disponível em:

www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20130119_pc-corunum.html

Acesso em: 05/10/2021

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 7ª. Reimpressão. Tradução: Gilberto da Silva Gorgulho et all. São Paulo: Paulus, 2011.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 18ª. Reed. Brasília: CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2012.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. 2ª. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. **A catequese na vida da Igreja**: notas de história. Tradução: Maria Graça Ferrão Maia da Rocha. São Paulo: Paulina, 1998.

CANIVETE, Abel Cesar. **Jesus e a samaritana**: contributo para uma teologia da reconciliação. Dissertação de Mestrado. Lisboa: UCP, 2012.

CANTALAMESSA, Raniero. **A pobreza**. 7ª. Ed. Tradução: Maurício Ruffier, S. J. São Paulo: Loyola, 2014.

CARDOSO, Armando, S. J. **Vida de São José de Anchieta**: um carismático que fez história. São Paulo: Loyola, 2014.

CARMO, Solange Maria do. **Um mundo secularizado que desafia a catequese**. IN: Pistis e Praxis, Teologia e Pastoral, v. 7, n. 1, Curitiba, jan./abr-2015, p. 255-274.

CASULA, Lucio. **Rostos, gestos e lugares**: a cristologia do Papa Francisco. Tradução: Hugo C. da S. Cavalcante, OSB. Brasília: CNBB, 2018. (Coleção: A Teologia do Papa Francisco, II).

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola; Ave-Maria; Vozes; Paulinas; Paulus, 1999.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Documentos**. COSTA, Lourenço (Organização geral). Tradução: Tipografia Poliglota Vaticana. 1ª. Ed. 6ª. Reimpr. São Paulo: Paulus, 2012. (Coleção: Documentos da Igreja).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Anúncio querigmático e evangelização fundamental**. 1ª. Ed. Brasília: CNBB, 2009. (Coleção: Subsídios doutrinários, 4).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catequese renovada: orientações e conteúdo**. 39ª. Ed. 1ª. Reimpressão. São Paulo: Paulinas: 2011. (Coleção: Documentos da CNBB, 26).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidades de comunidades: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia**. 1ª. Ed. 5ª. Reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2015. (Coleção: Documentos da CNBB, 100).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional de Catequese**. 10ª. Ed. 5ª. Reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção: Documentos da CNBB, 84).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2015-2019**. 1ª. Ed. 5ª. Reimpressão. Brasília: CNBB, 2016. (Coleção: Documentos da CNBB, 102).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2013**. Brasília: CNBB, 2019. (Coleção: Documentos da CNBB, 109).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da Fraternidade 2020: Texto-Base**, 2019. Brasília: CNBB, 2019.

CONGAR, Yves. **Ele é o Senhor que dá a vida**. 2ª. Ed. Tradução: Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral de Catequese**. 5ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção: Pedagogia da fé).

CONSELHO DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Manual de Liturgia I: a celebração do mistério pascal: Introdução à celebração litúrgica**. 2ª. Ed. Tradução: Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2011.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Santo Domingo: texto conclusivo da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Nova Evangelização, promoção humana e cultura cristã**. Tradução: CNBB. 2ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

COORDENAÇÃO ARQUIDIOCESANA DE CATEQUESE E INICIAÇÃO CRISTÃ. **Diretório Arquidiocesano de Iniciação Cristã e de Catequese**. Goiânia: Arquidiocese, 2016.

COSTA, Françoá. **A transmissão da fé: Querigma, Catequese e Teologia.** IN: Revista De Magistro de Filosofia, Ano VIII, no. 17, Anápolis, 2º. Semestre de 2015, p. 1-18.

COSTA, Valeriano dos Santos. **A fé como porta da salvação.** IN: Revista de Cultura Teológica, ano XXI, n. 81, São Paulo, jan/jun-2013, p. 11-29.

DALMASES, Cândido de, S. J. **Inácio de Loyola: fundador da Companhia de Jesus.** Tradução: J. C. Monteiro Pacheco, S. J. Porto: Apostolado da Imprensa; São Paulo: Loyola, 1984.

DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos padres da Igreja.** 1ª. Ed. Tradução: Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção: Fonte Viva).

DENZIGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.** 40ª. Ed. HÜNERMANN, Peter (Editor). Tradução: José Marino e Johan Könings. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

DEPOIS DA PANDEMIA, QUE CATEQUESE? DÍAS TEJO, Javier (Editor). Tradução: Abimar Oliveira de Moraes. Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020.

DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE. FIORES, Stéfano de; GOFFI, Tullo (Diretores). Tradução: Augusto Guerra; Isabel Fontes Leal Ferreira. 2ª. Ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

DICIONÁRIO DE TEOLOGIA FUNDAMENTAL. LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino (Diretores). Tradução: Luiz João Baraúna. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica.** Tradução: Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. (Coleção: Patrística, 15).

FERNANDEZ, Aurélio. **Moral fundamental: iniciação teológica.** Tradução: Marta Mendonça. Lisboa: Diel, 2004. (Coleção: Biblioteca de Iniciação Teológica).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa.** 4ª. Ed. Margarida dos Anjos; Marina Baird Ferreira [Coord.]. Margarida dos anjos et all [Lexic.]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FRANCISCO. **Homilia na Santa Missa Crismal.** 28 de março de 2013.

Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html

Acesso em: 20/06/2021

FRANCISCO. **Carta encíclica Lumen Fidei: sobre a fé.** 1ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção: A Voz do Papa, 197).

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** 1ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção: A voz do Papa, 198).

FRANCISCO. **Audiência geral**. 20 de novembro de 2013.

Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20131120_udienza-generale.html

Acesso em: 20/11/2021

FRANCISCO. **Angelus**. 23 de março de 2014.

Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20140323.html

Acesso em: 26/06/2021

FRANCISCO. **Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações**: comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. 1 de junho de 2014.

Disponível em:

www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html

Acesso em: 09/11/2021

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre ao Meeting para a Amizade entre os Povos**.

Rímíni, 24-30 de agosto de 2014.

Disponível em:

www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20140823_messaggio-meeting-amicizia-popoli.html

Acesso em: 19/10/2021

FRANCISCO. **Angelus**. 25 de janeiro de 2015.

Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2015/documents/papa-francesco_angelus_20150125.html

Acesso em: 26/06/2021

FRANCISCO. **Discurso ao Movimento Comunhão e Libertação**. 7 de março de 2015.

Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/march/documents/papa-francesco_20150307_comunione-liberazione.html

Acesso em: 28/09/2021

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. 1ª. Ed. 1ª.

Reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2015. (Coleção A voz do Papa, 201).

FRANCISCO. **Exortação Apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia**: sobre o amor na família.

1ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção: A voz do Papa, 202).

FRANCISCO. **Meditações Matutinas na Santa Missa Celebrada na Capela Santa Marta. Por uma cultura do encontro**. 13 de setembro 2016.

Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html

Acesso em: 30/10/2021

FRANCISCO. **Exortação apostólica pós-sinodal Christus vivit**: aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019. (Coleção: A voz do Papa, 207).

FRANCISCO. **Vida após a pandemia.** Tradução: L'Osservatore Romano. Vaticano: Vaticana, 2020.

FRANCISCO. **Homilia na Casa Santa Marta.** 15 de março de 2020.

Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200315_vicini-aglioperatori-inprimalea.html

Acesso em: 26/06/2021

FRANCISCO, Papa. **Audiência geral:** Catequeses: “Curar o mundo”, 3: a opção preferencial pelos pobres e a virtude da caridade. 19 de agosto de 2020.

Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html

Acesso em: 10/10/2021

FRANCISCO. **Mensagem para o Dia Mundial das Missões.** 18 de outubro de 2020.

Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20200531_giornata-missionaria2020.html

Acesso em: 25/06/2021

FRANCISCO. **Angelus.** 5 de setembro de 2021.

Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2021/documents/papa-francesco_angelus_20210905.html

Acesso em: 10/11/2021

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **A globalização imaginada.** Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

Disponível em:

www.google.com.br/books/edition/A_globaliza%C3%A7%C3%A3o_imaginada/-1GYOetkm64C?hl=pt-BR&gbpv=1

Acesso em: 04/10/2021

GOMES, Eli Ferreira. **A misericórdia na Sagrada Escritura.** IN: De Magistro de Filosofia, ano IX, n. 19, Anápolis, p. 50-75.

GONÇALVES, Nuno André Fernandes. **A opção preferencial pelos pobres: o modelo pastoral do Papa Francisco e as suas raízes latino-americanas.** Dissertação de mestrado Lisboa: UCP, 2018.

HARRINGTON, Wilfrid John. **Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização.** Tradução: Josué Xavier; Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulus, 1985.

HEIDEGGER, Martin. **A sentença nietzchiana “Deus está morto”.** Tradução: Marco Casanova. IN: Revista Natureza Humana, v. 5, n. 2, p. 471-526, jul./dez-2003.

HUME, David. **Investigação acerca do entendimento humano.** Tradução: Anoar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1989

IRINEU DE LYON, Santo. **Contra as heresias: denúncia e refutação da falsa gnose.** 3ª. Ed. Tradução: Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção: Patrística, 4).

INTERNATIONAL COUNCIL FOR CATECHESIS. Adult catechesis in the christian community. Tradução livre: Ellen Márcia Damico. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1990.

Disponível em:

www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccclergy_doc_140419_90_acat_en.html

Acesso em: 05/10/2021

JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica Catechesi Tradendae**: sobre a catequese do nosso tempo. 6ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 1981. (Coleção: A voz do Papa, 93).

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Redemptoris Missio**: sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1991. (Coleção: A Voz do Papa, 125).

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Sollicitudo Rei Socialis**: no vigésimo aniversário da Encíclica Populorum Progressio. Petrópolis: Vozes, 1988. (Coleção: Documentos pontifícios, 218).

JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica pós-sinodal Ecclesia in Asia**. 6 de novembro de 1999.

Disponível em: www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_06111999_ecclesia-in-asia.html

Acesso em: 05/08/2021

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte**: no termo do grande jubileu do ano 2000. 9ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção: A Voz do Papa, 180).

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Dives in Misericordia**: sobre a misericórdia divina. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção: A Voz do Papa, 96).

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Centesimus Annus**: no centenário da Rerum novarum. 7ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção: A voz do papa, 126).

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Veritatis Splendor**: sobre algumas questões fundamentais, do ensinamento moral da igreja. 9ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção: A Voz do Papa, 130).

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Evangelium Vitae**: Sobre o valor inviolável da vida humana. 6ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção: Voz do papa, 139)

JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica Familiaris Consortio**: sobre a função da família cristã no mundo de hoje. 24ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção: A voz do Papa, 100).

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Fides et Ratio**: sobre as relações entre fé e razão. 13ª. Ed. 4ª. Reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção: A voz do Papa, 160).

JOÃO PAULO II. **Carta apostólica Salvifici Doloris**: sobre o sentido cristão do sofrimento humano. 11ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2017. (Coleção: A voz do Papa, 104).

KLOPPENBURG, Boaventura. **O cristão secularizado**. 2ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

KOFFERMANN, Márcia. **Fé e cultura uma relação entre os escritos de Joseph Ratzinger e Bento XVI**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUC-RS, 2018.

LADARIA, Luís F. **O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade**. 4ª. Ed. Tradução: Paulo Gaspar de Meneses, S.J. São Paulo: Loyola, 2015.

LEÃO MAGNO. **Sermões**. Tradução: Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 1996. (Coleção: Patrística, 6).

LOBO MENDÉZ, Gonzalo. **Deus uno e trino: manual de iniciação**. Tradução: Ana Maria Coimbra Gonçalves. Lisboa: Diel, 2006.

MARQUES, Mariosan de Sousa. **Da Reverência ao Serviço, da Incredulidade ao Temor: um estudo crítico-narrativo de Gn 18,1-15**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016.

MIRANDA, Marcos Venício de Oliveira. **A igreja no período antigo: o catecumenato na evangelização**. IN: Espaço Teológico, v. 6, n. 10, São Paulo, jul/dez-2012, p. 70-74.

MONDIN, Battista. **Quem é Deus?** Elementos de teologia filosófica. Tradução: José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1997.

MONDIN, Battista. **Os valores fundamentais**. Tradução: JacintaTurolo Garcia. Bauru-SP: Edusc, 2005.

MORAES, Abimar Oliveira de; CALANDRO, Eduardo Antonio. **A Iniciação à Vida Cristã a partir de Aparecida: perspectivas catequéticas após o primeiro decênio da Conferência**. IN: Pesquisa em Teologia, v. 1, n. 1, Rio de Janeiro, jan./jun. 2018, p. 1-21.

MOURA, Drayfine Teixeira. **A ética dos estoicos antigos e o estereótipo estoico na modernidade**. IN: Revista Cadernos Espinosanos, nº. 26, São Paulo, 2012, p. 111-128.

NAVARRO CASTELLANOS, Alfonso, MSpSC. **Sacerdotes novos para uma Igreja nova: o que o povo de Deus espera de um sacerdote?** Tradução e adaptação: Elen Márcia Damico. São José dos Campos: SCP, 2001.

NAVARRO CASTELLANOS, Alfonso. **Plano diocesano de missão e pastoral integral: reformar e renovar a Igreja para uma nova evangelização no poder do Espírito para um encontro com Cristo vivo e conversão para comunhão e solidariedade**. Tradução e adaptação: Elen Márcia Damico. São José dos Campos: SCP, 2013.

NICACCI, Alviero; BATTAGLIA, Oscar. **Comentário ao Evangelho de João**. Tradução: Ney Brasil Pereira. Petrópolis: Vozes, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**. 6ª. Reimpressão. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NOVO TESTAMENTO EM GREGO, (O). ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. (Editores). 4ª. Ed. Barueri-SP: SBB, 2008.

PASSARELLI, Gaetano. **Irmã Dulce**: o anjo bom da Bahia. 2ª. Ed. São Paulinas, 2011. (Coleção: Luz do mundo).

PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 22ª. Ed. 4ª. Reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção: A voz do Papa, 85).

PEREIRA, José Carlos. **Pastoral da escuta**: por uma paróquia em permanente estado de missão. 1ª. Ed. 1ª. Reimpressão. São Paulo: Paulus, 2019.

PEREIRA, Sueli da Cruz. **Anunciamos Cristo crucificado (1Cor 2,23)**: a formação de discípulos missionários hoje à luz da teologia da cruz de Antonio Pagani. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2019.

PIERINI, Franco. **A idade antiga**: curso de história da Igreja. Tradução: José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1998. (Volume I).

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a catequese**. Tradução: João Vítor Gonzaga Moura. 1ª. Ed. 1ª. Reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2020.

RATZINGER, Joseph. **Homilia na Missa “Pro eligendo Romano Pontifice”**. 18 de abril de 2005.

Disponível em:

www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html

Acesso em: 05/10/2021

RATZINGER, Joseph. **Ser cristão na era neopagã**: Discursos e homilias: 2000-2004 e debates: 1993-2000. Organização, apresentação e notas: Rudy Albino de Assunção. 1ª. Ed. Campinas: Ecclesiae, 2015. Volume II.

RATZINGER, Joseph. **Olhar para Cristo**: exercício de fé, esperança e caridade. Tradução: Kristina Michaeles. São Paulo: Quadrante, 2019.

RATZINGER, Joseph. **Libertar a liberdade**: fé e política no terceiro milênio. São Paulo: Paulus, 2019.

REALE, Giovane. **História da Filosofia Antiga**. 2ª. Ed. Tradução: Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1998. (Série: História da Filosofia, I e III).

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. 6ª. Ed. Tradução: José Bortolin. São Paulo, Paulus, 1990. (Coleção: Filosofia, I).

REPOLE, Roberto. **O sonho de uma Igreja evangélica**: A eclesiologia do Papa Francisco. Tradução: Hugo C. da S. Cavalcante, OSB. 1ª. Ed. Brasília: CNBB, 2018. (Coleção: A Teologia do Papa Francisco, IV).

ROCHA, Carlos Alberto Medino da. **O caráter formativo da filosofia senequiana**. IN: Revista Prometeus, Ano 9, n.º 19, Aracajú, jan/jun-2016, p. 207-228.

ROMERA, Luis. **Fé cristã e cultura contemporânea**. IN: Atualidade Teológica, Ano XV, n. 38, Rio de Janeiro, mai/ago-2011, p. 243-272.

SANTOS, Alex Cristiano dos; CARMO, Solange Maria do. **Conhecendo os paradigmas catequéticos**. IN: INTERAÇÕES – CULTURA E COMUNIDADE, v. 11, n. 20, Belo Horizonte, jul/dez-2016, p.173-193.

SANTOS, Benedito Beni dos. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil**. IN: Cultura Teológica, Ano XVII, v. 17, n. 68, São Paulo, jun/dez-2009, p. 9-16.

SANTOS, Elismar Alves dos. **Psicologia da religião: direção espiritual e realização humana**. Goiânia: Scala, 2012.

SANTOS, Lúcio Lopes dos. **A dimensão eclesial da fé cristã em J. Ratzinger: o eu e o nós da fé face ao relativismo contemporâneo**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: UCP, 2019.

SANTOS, Manoel Augusto. **Curso sobre direção espiritual: elementos para aconselhamento pastoral e acompanhamento espiritual**. 2ª. Ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2019.

SANTOS, Marcus Vinícius Andrade. **A nova evangelização e o processo de secularização à luz do Sínodo dos Bispos de 2012**. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2014, p. 52.

SBARDELOTTO, Moisés. **Práxis religiosa digital em tempos de pandemia: o caso católico**. IN: Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura, v. 10, n. 1, Rio Branco, jul-2021, p. 1-27.

SESBOÜÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph (Org.). **História dos dogmas: o Deus da salvação**. Tomo I. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2005.

SKA, Jean-Louis. **O Canteiro do Pentateuco**. 1ª. Ed. 1ª. Reimpressão. Tradução: Jaime A. Clasen; Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2016.n (Coleção: Bíblia e história. Série maior).

SILVA, Fênykis de Oliveira. **Catequese, uma abordagem histórico-conceitual a partir das fontes da Revelação e do Magistério**. Monografia. Goiânia: PUC-GO, 2019.

SILVA, Rodrigo Antônio da. **A Igreja entendida como Comunhão a partir da relação trinitária e suas implicações na atual vida eclesial**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2018.

SOUZA, Rubiel Cardoso de. **A secularização e o sagrado: uma relação dialética com implicações na religiosidade contemporânea**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUC-RS, 2018.

WERBICK, Jürgen. **A fraqueza de Deus pelo homem**: a visão do Papa Francisco sobre Deus. Tradução: Hugo C. da S. Cavalcante, OSB. Brasília: CNBB, 2018. (Coleção: A Teologia do Papa Francisco, I).

VIAN, Ludinei Marcos. **O ministério presbiteral no pontificado do Papa Francisco**: uma análise das Cartas Encíclicas e Exortações Apostólicas. IN: Caderno Teológico da PUCPR, v. 4, n. 1, Curitiba, 2019, p. 64-74.

WOODS JR, Thomas E. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. Tradução: Élcio Carillo. 9ª. Ed. São Paulo: Quadrante, 2014.